UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

NAIA VENERANDA GOMES DA SILVEIRA

Para ler Van Gogh

Tradução comentada da Carta 179 de Vincent van Gogh a seu irmão Theo

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo

2020

NAIA VENERANDA GOMES DA SILVEIRA

Para ler Van Gogh

Tradução comentada da Carta 179 de Vincent van Gogh a seu irmão Theo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Silvia Cintra Martins

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S587p Silveira, Naia Veneranda Gomes da
Para ler Van Gogh Tradução: Comentada da carta 179
de Vincent Van Gogh a seu irmão Theo / Naia
Veneranda Gomes da Silveira ; orientadora Maria
Silvia Cintra Martins. - São Paulo, 2020.
110 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Estudos da Tradução.

1. Tradução. 2. Tradução Literária. 3.
Epistolografia. 4. Van Gogh. 5. Tradução Epistolar.
I. Martins, Maria Silvia Cintra, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): NAIA VENERANDA GOMES DA SILVEIRA

Data da defesa: 24/9/2020

Nome do Prof. (a) orientador (a): MARIA SILVIA CINTRA MARTINS

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 24/11/2020

(Assinatura do (a) orientador (a))

SILVEIRA, Naia Veneranda Gomes da. *Para ler Van Gogh*: Tradução Comentada da carta 179 de Vincent Van Gogh a seu irmão, Theo. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

À minha mãe (sem vírgulas).

AGRADECIMENTOS

Devo meus agradecimentos iniciais a Deus, que me concedeu condições para ingressar no mestrado e, já cursando, não me deixou faltar força e perseverança. Agradeço à minha mãe, a quem dedico esta dissertação e que disse “Vai dar tudo certo”, quando comentei que ingressara no mestrado. Acredito que me faltarão dias para ser grata o suficiente por todos os esforços materiais e imateriais que ela fez para que isso se concretizasse.

Agradeço à minha família: irmãos, em ordem cronológica: Marcelo, Kaiutan, Juana, Samara e Samantha; e à madrasta Zenilda, por terem me apoiado nessa nova fase. A meu pai, agradeço, dentre tantas outras coisas, por ter me deixado o Houaiss e o gosto pelo inusitado.

Meu recorrente muito obrigada a todos os “theos” que Deus colocou no meu caminho: pessoas amadas que acreditam no meu trabalho. Especialmente durante o mestrado, meus “theos” me apoiaram com tanta alegria, delicadeza e despojamento que não seriam devidamente descritos nestas páginas. Ivone, cotidiana, como as flores, Sonia, parceira de paixões, amigas com quem desenvolvi projetos paralelos e sempre valorizaram o papel desta pesquisa pra mim. À Paula, pela presença e pelo comprometimento em revisar esta dissertação antes mesmo de eu começar a redigi-la. Às amigas enraizadas e constantemente renovadas destes que há décadas fazem minha vida melhor, cada um com um amor diferente: meu *soulmate* Edu Almeida; a amiga do peito Gisele; a amizade segura do Luiz; comadre Patrícia; e irmã mais velha Tamara. Com vocês eu dividiria uma casa amarela.

Pela torcida, agradeço a Adriana, Debora e Mara.

Meu encantado muito obrigada à Casa Guilherme de Almeida, um verdadeiro oásis de cultura e valorização da tradução neste país, local em que nasceu meu desejo de me dedicar à tradução literária e fazer mestrado. O Curso Formativo de Tradutores Literários foi um divisor de águas na minha vida. Sou também muito agraciada pelas amigas que a Casa me proporcionou, como a da Liliana que, ao ouvir minhas

hesitações sobre qual tema seguir no mestrado, disse “Escolha um de que você goste, porque seus estudos vão te abrir portas e, sem paixão, você vai desperdiçar as oportunidades”. A Casa também me trouxe a amizade da Simone, cujo apoio fez muita diferença.

Aos amigos que esta nova fase me trouxe e me deram um senso de pertencimento que até então eu não conhecia da forma como experimentei nesses anos. Também em ordem alfabética, agradeço a: Fabiane, pelos novos horizontes; Mariana, por todas as conversas tão ricas; e Maíra, pelas dicas certeiras.

Menciono e agradeço também a todos que dividiram seus conhecimentos comigo, me permitindo ora enxergar outros ângulos, ora me aprofundar naquilo que já enxergava, especialmente: Ana Luiza Rocha, Felipe Martinez; Fernanda do Nascimento Simões Lopes; Gabrielle Monteiro; Juliana Di Fiori; Lilian Mendes; Luciane Bonacci; e Lucília Teixeira.

Àqueles que generosamente acolheram minha inspiração autoral que acabou se fortalecendo em meio a tantas leituras e convivências: Cecília Furquim, Joselo Gómez, Juliana Albuquerque e Matheus Barreto.

Aos alunos do Curso de Inverno da FFLCH em 2019, “Van Gogh o Escritor”, a quem tive o prazer de apresentar esta faceta tão desconhecida do pintor. À professora Lenita Esteves, pelo apoio para a efetivação da minha participação.

Agradeço à Monica Rebeca por me lembrar do quanto gosto de estudar e me incentivar de forma contundente a voltar à academia. À Francesca pelo brilho nos olhos ao falar sobre tradução de cartas, tanto em palestras quanto em qualquer outro momento.

Ao tradutor do holandês Daniel Dago por sua paciência e generosidade em esclarecer pontos-chave para minha tradução.

Agradeço ao professor Marcelo Tápia Fernandes pela leitura atenta e pelos comentários fundamentais na minha etapa de qualificação, bem como pelo

inspirador e necessário trabalho realizado à frente da Casa Guilherme de Almeida, à qual já me referi.

Inspiradora também é para mim a professora Lígia Fonseca Ferreira “Nós, pesquisadoras negras, temos que estar onde quisermos”, disse-me, contribuindo de forma irrefutável para meu ânimo na continuidade dos estudos, do qual participou também com orientações importantíssimas na banca de qualificação.

Grata também ao professor Eduardo Navarro por sua participação e importantes colocações na banca de defesa.

À minha orientadora Maria Silvia Cintra Martins, não só pelo indispensável e rico acompanhamento ao longo do mestrado, mas também por ter acolhido meu projeto já na entrevista para ingresso. Naquele momento, ela me disse “Que bom que você é apaixonada pelo tema. Só assim a gente consegue enfrentar tanto tempo pesquisando a mesma coisa”. Em seguida, me apresentou Meschonnic; o resultado está nas páginas que seguem.

Por fim e, se não falasse dela, não seria eu, minha menção letrada à minha “última flor do Lácio”, inculta e tão bela, Mundi, que só existe e ama.

A todos os meus mais sinceros agradecimentos.

“Há tanta gente, especialmente entre nossos camaradas, que imagina que as palavras não significam nada – pelo contrário, a verdade é que dizer uma coisa bem é tão interessante e difícil quanto pintá-la. Há a arte das linhas e das cores, mas também existe a arte das palavras e esta permanecerá.”

(VAN GOGH, 2009b, Carta 599)

RESUMO

SILVEIRA, Naia Veneranda Gomes da. *Para ler Van Gogh*: tradução comentada da carta 179 de Vincent Van Gogh a seu irmão Theo. 2020. 113 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

A presente dissertação apresenta a tradução comentada da Carta 179 (de acordo com a numeração do Museu Van Gogh) escrita por Vincent van Gogh a seu irmão Theo. Trata-se de uma tradução por via indireta da versão para o inglês feita pelo Museu. O trabalho baseou-se nas premissas do “paradigma indiciário”, de Ginzburg (1999) utilizando como recurso complementar a transcrição do manuscrito em holandês para orientar escolhas tradutórias. O conceito de ritmo de Henri Meschonnic (2006) abriu possibilidades e lastreou os arremates. Da mesma forma, a “letra” e as tendências de Berman (2013) balizaram o caminho, que também levou em conta as modalidades de tradução de Francis Aubert (1998). Igualmente, busquei lançar alguma luz sobre o fato de que, injustamente, as cartas ainda são tratadas como ferramental para outros campos de estudo, atuando como auxiliares na reconstituição de biografias, na compreensão de momentos históricos ou como apêndice a obras literárias. No campo dos Estudos da Tradução, essa realidade também se reproduz. Neste sentido, esta dissertação objetiva contribuir para o estudo das cartas como o objeto em si. Van Gogh é o autor do texto traduzido, mas não é à sua biografia que esta tradução pretende servir, e sim à sua obra como epistológrafo. Seus comentários são precedidos por uma contextualização da relação intrínseca e milenar existente entre o pensamento sobre a escrita de cartas e o pensamento sobre tradução, no intuito de mostrar a influência que a carta tem na forma mesma de pensar e praticar filosofia, literatura e outras artes.

Palavras-chave: Tradução. Epistolografia. Van Gogh.

ABSTRACT

SILVEIRA, Naia Veneranda Gomes da. *To read Van Gogh*: commented translation of letter 179 from Vincent Van Gogh to his brother Theo 2020, 113 219 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

This dissertation presents the commented translation of Letter 179 (according to the numbering of the Van Gogh Museum) written by Vincent Van Gogh to his brother Theo. This is an indirect translation of the English version made by the Museum. The work was based on the premises of the “indiciary paradigm”, by Ginzburg (1999) using the Dutch manuscript transcription as a complementary resource to guide translation choices. The concept of rhythm by Henri Meschonnic (2006) opened up possibilities and supported the endings. Likewise, Berman's (2013) “letter” and tendencies marked the way, which also took into account Francis Aubert's (1998) translation modalities. Likewise, I sought to shed some light on the fact that, unfairly, letters are still treated as tools for other fields of study, acting as auxiliaries in the reconstruction of biographies, in the understanding of historical moments or as an appendix to literary works. In the field of Translation Studies, this reality is also reproduced. In this sense, this dissertation seeks to contribute to the study of letters as one object itself. Van Gogh is the author of the translated text, but it is not his biography that this translation intends to serve, but his work as letter writer. Comments on the letter are preceded by a contextualization of the intrinsic and millenary relationship that exists between the reflections over letter writing and translation, in order to show the influence the letter has on the very way of thinking and practicing philosophy, literature and other arts .

Keywords: Translation. Epistolography. Van Gogh.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	14
1 APONTAMENTOS SOBRE EPISTOLOGRAFIA E TRADUÇÃO	19
1.1 Antiguidade.....	20
1.2 Idade Média.....	24
1.3 Renascimento e Idade Moderna	26
1.4 O século XIX de Van Gogh epistológrafo	28
2 PERCURSO E PERCALÇOS DA TRADUÇÃO	33
2.1 Os passos e as pegadas.....	34
2.1.1 Pontuação em Van Gogh.....	37
3 METODOLOGIA.....	48
3.1 Modalidades de tradução	48
3.2 Tendências deformadoras	54
4 TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS	60
4.1 Carta 179	62
4.2 Amar, verbo traduzido	66
4.3. Comentários à tradução da Carta 179.....	69
4.4. Efeitos da pontuação ou de sua falta.....	91
TABELA COMPARATIVA.....	92
5 CONCLUSÃO	100
REFERÊNCIAS	102
ANEXO – Fac-símile	107

INTRODUÇÃO

As cartas exercem em mim um grande fascínio desde a infância. Eu as vejo como uma das formas mais assertivas e desnudadas que o ser humano tem de entrar em contato com o outro e consigo ao mesmo tempo.

Além disso, assim como a milhões e milhões de pessoas em todo o mundo, Vincent van Gogh é um dos artistas que mais me toca e descobrir sua correspondência, por meio de um livro com excertos das cartas, foi uma experiência sensível e inesquecível. Desde a primeira carta que li, em inglês, posso dizer que minha afeição pela obra do artista tornou-se, no mínimo, tão grande em relação às cartas, quanto em relação às suas pinturas.

Dessa experiência resultaram dois sentimentos: o desejo de ler as cartas na íntegra e o de vê-las disponíveis, também na íntegra, em português.

Anos se passaram desde a primeira leitura, mas a identificação e a admiração pelo texto do pintor nunca deixaram de germinar. Depois de atuar na área de Comunicação, a Tradução passou a se mostrar para mim como uma possibilidade ímpar de me comunicar e ao mesmo tempo conversar com autores de hoje e de todos os tempos. Inclusive com Van Gogh.

Foi nesta perspectiva que me propus, como dissertação de mestrado, a desenvolver a tradução comentada de uma das cartas de Van Gogh. Por razões literárias e pelo momento de virada que marca na vida do autor, escolhi a de número 179 (numeração do Museu Van Gogh) em que ele desvela a seu irmão as agruras que vinha passando em razão de sua grande e jamais consumada paixão pela prima Kee Vos.

A tradução foi feita por via indireta. O texto de partida é a carta traduzida para o inglês, disponibilizada pelo Museu Van Gogh (MVG). Trata-se, portanto, de uma tradução interlinguística do Inglês para o Português. Contudo, realizei também, após a tradução do texto de partida, um cotejo paralelo com a transcrição do original em língua holandesa, disponível também no site do MVG. A intenção com o cotejo não foi problematizar quaisquer aspectos da tradução para o inglês, mas sim, retomar aspectos considerados importantes da escrita de Van Gogh a partir da concepção de que uma carta pode ter valor literário. Nesse sentido, reconhecer o ritmo presente na escrita do autor faz toda a diferença e imprime também um ritmo diferente à tradução.

É o que se verá, por exemplo, na discussão que apresento sobre a pontuação, corrigida pelo MVG, cuja proposta tradutória seria a de facilitar a compreensão do texto de Van Gogh. Em casos mais específicos de ortografia, por exemplo, a observação do fac-símile¹ mostrou-se indispensável, pois a transcrição considerou a grafia correta das palavras, diferentemente do que Van Gogh utilizava em alguns casos. Esse passo do processo tradutório explica-se e respalda-se na seguinte contradição:

A edição de uma correspondência é tensionada por dois objetivos contraditórios: por um lado, o dever intelectual, que consiste em oferecer ao público um texto legível, uniformizado, livre de eventuais imperfeições; por outro, a necessidade de conservar, tanto quanto possível, a mensagem contida nos manuscritos autógrafos. Quando o editor dispõe do direito de reprodução dos documentos originais, a maneira de resolver tal contradição passa pela reprodução de fac-símiles, ou pela escolha de uma edição eletrônica, oferecendo a visualização tanto do texto editado quanto da imagem do manuscrito. (PAGÈS, 2017, p. 122).

Em razão de meu mínimo conhecimento do idioma original, a análise do fac-símile foi realizada com o auxílio do Google Tradutor e do Tradutor DeepL. Como resultado, vieram à tona algumas possibilidades de escolha não apresentadas na tradução realizada pelo MVG.

Em suma, estudar as cartas de Van Gogh e propor alguma tradução é, por um lado, minha forma de contribuir para a interseção de dois campos de estudo que me fascinam: Epistolografia e Tradução. Por outro, apresenta-se como uma maneira de criar condições para que mais pessoas se inspirem não só a ler Van Gogh, mas também a dar-se ao prazer de ler e escrever cartas.

Vincent Willem van Gogh nasceu em 1853, na cidade holandesa de Groot Zundert, e hoje é reconhecidamente um dos “maiores pintores da humanidade” (MACHADO, 2015b, p. 13). Seu interesse pela pintura o acompanhou desde a juventude, mas a dedicação exclusiva à prática não veio antes dos 27 anos. Foi a partir de então, que produziu a maior parte de seu legado de mais de duas mil obras de arte, incluindo 860 telas a óleo e cerca de 1.300 aquarelas, desenhos, esboços e gravuras. Vincent teve pouco mais de uma década de produção artística, encerrada há 130 anos, com seu suicídio, na madrugada de 29 de julho de 1890.

¹ A reprodução do fac-símile está no Anexo 1, ao fim desta dissertação.

Desde que começou a pintar, trocava seus quadros por comida ou alojamento. Em exposições, teve apenas um quadro vendido. Mas, após sua morte, tornou-se mais e mais conhecido e admirado. Seus quadros valorizaram-se a ponto de protagonizar a maior transação da história do mercado de arte até os anos 1990, quando um dos retratos de D. Gachet foi vendido por US\$ 82,5 milhões (MACHADO, 2015c, p. 607).

Para além da pintura, Van Gogh deixou registradas suas impressões, inquietações, indagações e amores na vasta troca epistolar que manteve com amigos e familiares, preponderantemente com seu irmão Theodore van Gogh, durante anos. Esses manuscritos encontram-se sob a curadoria do MVG, em Amsterdã. Em 2009, a entidade lançou uma versão digital das cartas para estudo, além da obra impressa em seis volumes. O acesso ao extenso conteúdo on-line pode ser feito pelo site www.vangoghletters.org.

O conjunto dessa correspondência engloba, de acordo com o Museu Van Gogh, 820 cartas escritas pelo pintor: 651 para Theo e sete para Theo e sua esposa Jo van Gogh-Bonger. As demais foram enviadas aos pais, tios e amigos artistas. Há também o registro de 83 cartas recebidas, das quais 39 remetidas por Theo, duas por Theo e Jo, e as demais por diversos amigos e pela irmã Willemien (VAN GOGH, 2009c).

Em todos os casos, as publicações mantêm o objetivo de ser um apoio importante para conhecer a biografia do autor. Essa postura se contrapõe à que adoto aqui, de tomar as cartas como o objeto de estudo em si, sem que se requeiram confrontações com demais documentos ou fontes da vida do autor (HAROUCHE-BOUZINAC, 2016, p.15). Outrossim, pretendo considerar as cartas como um corpus autônomo, um texto “animado de intenções estéticas mais ou menos confessadas, sustentado por uma representação do ato de escrever e pela ideia que o epistológrafo tem da literatura” (DIAZ, 2016, p. 58), do qual escolhi uma para traduzir.

No verão de 1881, Vincent apaixona-se pela prima Kee Vos, que recentemente havia se tornado viúva. Depois de se declarar para ela e ser rejeitado, ele relata ao irmão:²

² Exceto quando informado, as traduções aqui apresentadas são de minha autoria.

Eu queria te dizer que nesse verão eu passei a amar tanto a Kee Vos que não consegui encontrar outras palavras para isso senão que “é como se a Kee Vos fosse a pessoa mais próxima de mim e eu a pessoa mais próxima da Kee Vos”. e — eu disse essas palavras para ela. Mas quando eu disse isso, ela respondeu que seu passado e seu futuro eram uma coisa só e portanto nunca poderia corresponder aos meus sentimentos. (VAN GOGH, 2009b, Carta 179).

É dessa forma que Vincent introduz o assunto na correspondência com Theo. Pelos meses seguintes, totalizando aproximadamente uma centena de páginas manuscritas, Kee seria um dos assuntos principais.

Diante da rejeição, após uma curta hesitação, Vincent opta por não desistir, como explica no seguinte excerto:

Então me vi num dilema terrível sobre o que fazer, resignar-me com aquele nem agora nem nunca ou — ainda não dar o assunto por terminado, considerar a questão pronta & acabada e tomar coragem e não desistir ainda. (VAN GOGH, 2009b, Carta 179).

As cartas que se seguem tratam da luta inglória de Vincent para conquistar o amor de Kee e da forma como esse sentimento o afetou, influenciando cabalmente sua produção artística. Sua cunhada e biógrafa, por exemplo, afirmou:

[...] para ele, o sentimento era tão sério quanto infeliz, e a recusa foi um divisor de águas em sua vida. [...] Da forma como aconteceu, ele acabou por perder toda e qualquer ambição mundana e, a partir daí, viveu exclusivamente para seu trabalho [...]. (GOGH, 2015, p. 414).

Essas cartas também permitem observar um Van Gogh que se declara feliz, esperançoso, apaixonado, mas, muitas vezes, combalido, introspectivo. De acordo com Fell (2007, p. 43), “Na obsessão de Vincent por Kee, cada cicatriz de sua personalidade, cada consequência de sua infância foi vertida nas cartas”.

Isto posto, a dissertação está organizada da seguinte forma: na Introdução, apresento o autor com uma breve biografia e dou um panorama sobre sua relação com as cartas.

No Capítulo 1, atendo-me aos campos de estudo desta dissertação: Tradução e Epistolografia. Procuro demonstrar brevemente a imbricação na forma como evoluíram tanto o pensamento sobre a escrita epistolar quanto o pensamento sobre tradução a contar da Antiguidade até o Renascimento. Por fim, trato do século

em que viveu Van Gogh e comento a recepção de suas cartas, traduzidas desde os primeiros anos após sua morte.

O Capítulo 2 trata do percurso da minha tradução e dos percalços encontrados ao longo do caminho. Comento os principais desafios e a forma que encontrei de abordá-los. Dedico especial atenção à questão da pontuação em Van Gogh.

O terceiro capítulo traz alguns conceitos teóricos que utilizo na tradução, como as tendências deformadoras postuladas por Antoine Berman, a concepção de oralidade na linha de pensamento de Henri Meschonnic, além das modalidades de tradução apresentadas por Francis Aubert.

No Capítulo 4, apresento a tradução comentada, com algumas notas específicas.

Finalizo o trabalho apresentando minhas conclusões.

1 APONTAMENTOS SOBRE EPISTOLOGRAFIA E TRADUÇÃO

Este capítulo dedica-se a tecer considerações a respeito do gênero epistolar, apresentando uma contextualização histórica e algumas reflexões teóricas. Além disso, procuro mostrar que não apenas a prática, mas, em grande medida, também a sistematização do pensamento (em alguns casos, teorização de fato) sobre a Epistolografia e a Tradução caminham juntas desde a Antiguidade. Colocando a tradução de cartas, tanto pelo histórico do pensamento sobre tradução quanto pelo histórico do pensamento sobre escrita de cartas, como consequência singular de duas práticas que se influenciaram e se retroalimentaram, de forma que chegamos às concepções de Tradução e de Epistolografia que consideramos até hoje. Dessa maneira, pretendo apresentar o cenário em que se inserem as cartas de Vincent van Gogh. Ao fim do capítulo, mostro o percurso das publicações das cartas do artista, bem como sua recepção, que se deveu em enorme medida às traduções.

Este capítulo, uma espécie de excursão, se justifica, pois quero destacar a particularidade da tradução de cartas – que, como veremos, é um gênero que abarca muitos outros gêneros (alguns dizem, inclusive, todos) – e mostrar que ambos os campos (Tradução e Epistolografia) se entrecruzam e se retroalimentam desde há milhares de anos.

A escrita de cartas é uma prática milenar. A necessidade humana de se comunicar com quem não está presente tem sido contornada pela troca epistolar desde o século IV a.C., ao menos do que se tem notícia no Ocidente (PETRUCCI, 2018, p. 17). Não apenas a prática em si tem origem tão remota, mas também o início do pensamento em busca de uma sistematização ou até mesmo de uma teoria a respeito dessa prática data da mesma época, com a elaboração dos primeiros tratados no século II a.C. (MALHERBE, 1988, p. 2).

A evolução da escrita nesses milhares de anos, incluindo os suportes materiais (argila, chumbo, papel, tinta, caneta etc.) e os infraestruturais (estradas, rotas de correio etc.) (PETRUCCI, 2018; HAROUCHE-BOUZINAC, 2016), criou condições para que a civilização tenha se constituído tal como a entendemos hoje. Para exemplificar esta última afirmação, transcrevo as palavras de Petrucci sobre o desenvolvimento dos Estados autônomos e burocratizados, como o Egito Antigo, nesse caso, durante a dinastia ptolomaica (séculos IV a I a.C.):

[...] um Estado constituído desse modo funcionava à época e seguiu funcionando mais tarde, na época tardomedieval e no mundo moderno e contemporâneo, graças somente a uma contínua produção de documentos escritos e enviados ao destino, que vinculavam o centro à periferia e vice-versa, e os mesmos centros menores e periféricos entre si, de modo que pode ser definido como um Estado em permanente autocorrespondência [...]. (PETRUCCI, 2018, p. 21, tradução minha)³.

Contudo, ainda que a prática epistolar tenha se colocado de forma tão intrínseca na formação das nossas sociedades, é de senso comum a represada demanda por estudos epistolares que ainda existe. Segundo Godoy:

Os estudos de cartas as abordam de maneiras diferentes, investigam elementos específicos, mas, invariavelmente, repetem-se dois aspectos: em primeiro lugar, denunciam a necessidade de mais estudos que possam instrumentalizar a pesquisa sobre cartas; em segundo lugar, reivindicam unanimemente o estatuto de obra para correspondências cujo valor histórico, artístico ou literário é praticamente um consenso. (2006, p. 103).

Com base nessa afirmação, proponho-me neste capítulo a incrementar o cabedal de instrumentos para a pesquisa sobre cartas, primeira constatação feita por Godoy. Ao longo dos demais capítulos, procurarei dar um passo adiante na direção do segundo aspecto mencionado pela autora, já que abordarei a obra epistolar de Van Gogh pelo viés de seu valor literário. Para ambas as propostas, o papel da tradução é inegável, como pretendo demonstrar.

1.1 Antiguidade

São inúmeros os exemplos da importância das trocas epistolares no mundo antigo. Caso exemplar é a correspondência de Zenon, grego natural de Caria, que, logo após seu nascimento, em 285 a.C., mudou-se para o Egito. Lá, dentre outras funções, foi ministro das finanças de Ptolomeu II Filadelfo (285-246 a.C.) e investidor em gado e viticultura, de tal modo que prosperou financeiramente e viveu até 229 a.C.

3 “[...] un Estado constituido de este modo funcionaba entonces y siguió funcionando más tarde, en la época tardomedieval y en el mundo moderno y contemporáneo, solo gracias a una continua producción de documentos escritos y enviados a destino, que vinculaban el centro con la periferia y viceversa, y los mismos centros menores y periféricos entre sí, de modo que puede ser definido como un Estado en permanente autocorrespondencia [...]”

De acordo com Petrucci, as cartas enviadas a Zenon eram escritas por homens e mulheres de todos os estratos sociais, tanto das áreas urbanas quanto das rurais, incluindo pessoas de sua família. Essa diversidade sociocultural:

reflete uma sociedade complexa e bem estruturada, acostumada ao uso social da escrita e ao intercâmbio epistolar para enfrentar e resolver muitos problemas práticos da vida cotidiana e para reforçar os vínculos recíprocos de amizade, afeto e colaboração [...]. (PETRUCCI, 2018, p. 25).⁴

A escrita de cartas constituía de forma tão sólida o cotidiano greco-romano que era uma disciplina escolar, ensinada geralmente a partir de manuais de gramática ou retórica (MALHERBE, 1988, p. 6). Os pensadores antigos que se dedicaram a sistematizar e categorizar os vários tipos de carta de maneira geral, também o fizeram no âmbito da retórica. De acordo com Malherbe (1988, p. 7), o estilo apropriado para a escrita de cartas foi largamente discutido em tratados e manuais da Antiguidade. Tais estudos buscavam categorizar os vários tipos de carta, bem como determinar suas formas de uso, linguagem específica e estilos a serem utilizados.

O estudo mais antigo de que se tem notícia, *De Elocucione*, cuja autoria é atribuída a Demétrio, foi escrito entre os séculos II e I a.C. (MALHERBE, 1988, p. 2) e versa sobre os diversos estilos retóricos. A reflexão voltada à escrita de cartas aparece com maior destaque no estudo quando Demétrio discorre sobre o estilo simples. Ao introduzir o assunto, deixa bem clara uma das características das cartas que, a meu ver, representa muito de sua força e peculiaridade: “Pois cada qual escreve uma carta quase como uma imagem de sua alma. É, de fato, possível notar o caráter do escritor em qualquer discurso, porém em nenhum outro como na carta” (FREITAS, 2011, p. 79).

Outros tratados escritos entre 200 a.C. a 300 d.C. são atribuídos a Demétrio de Faleros, a Libânio ou ao neoplatonista Proclo.

Vale lembrar que o conteúdo das cartas, tratados e demais textos produzidos nesse período chegou até nós basicamente em razão da tradução. A prática tradutória já existia na Antiguidade, até porque inúmeros textos originalmente

4 “refleja una sociedad compleja y bien estructurada, acostumbrada al uso social de la escritura y al intercambio epistolar para afrontar y resolver muchos problemas prácticos de la vida cotidiana y para reforzar los vínculos recíprocos de amistad, afecto y colaboración [...]”

escritos em línguas estrangeiras (notadamente o grego) foram traduzidos para o latim, quando da expansão do Império Romano.

Como exemplo dessa relação tão própria entre carta e tradução, cito o filósofo romano Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.), cujos legados na tradução e na epistolografia são basilares.

Embora não tenha escrito nenhum tratado sobre epistolografia ou sistematizado seu estudo em seus tratados de retórica – em suas cartas encontram-se alguns conceitos a respeito da arte epistolográfica (TIN, 2005, p. 21) –, Cícero ocupa lugar de destaque entre os romanos (MALHERBE, 1988, p. 2). Sua produção foi tamanha e tão frenética, que pode ser comparada à intensidade do intercâmbio epistolar visto apenas no século XIX, como tratarei ainda neste capítulo (PETRUCCI, 2018, p. 28). Contudo, a recuperação de suas cartas no Renascimento o transformou em modelo absoluto para a escrita epistolar (TIN, 2005, p. 21) e para a tradução (MUNDAY, 2009, p. 22).

Cícero traduziu cartas e outras obras do grego e, em virtude dessa prática, foi também pensador da tradução. O filósofo trata da dicotomia existente entre as traduções *ad uerbum* (com foco nas palavras) e *ad sensum* (com foco no sentido); dicotomia esta que ecoa até os dias de hoje, por exemplo, nas teorias de Schleirmarcher no século XIX e até mesmo Venutti ou Berman, no século XX. De acordo com Kruck, ele foi o que pode ser considerado um tradutor independente, definido como aquele que “mina a autoridade do texto fonte na cultura de chegada em favor de sua autopromoção” (2014, p. 179). O termo “independente” (*independent*) é usado em contraste com outros dois perfis: o do tradutor que se considera uma espécie de fiador do texto fonte – *source-representative*; e o do tradutor alusivo – *allusive*, que entende sua produção como uma continuação do texto fonte, “posicionando-se como seguidor de uma tradição e, ao mesmo tempo, prometendo avanços mais significativos” (KRUCK, 2014, p. 179).

Quanto à epistolografia, muito embora não tenha produzido um tratado específico, deixou em seus textos conceitos sobre a arte epistolográfica (TIN, 2005; MALHERBE, 1988). Ainda assim, graças às cartas de Cícero pode-se compreender melhor os modos de correspondência de sua época, conhecimento que vai

modificar também o estilo epistolar de todos os precursores do humanismo [...] e influirá mais ou menos radicalmente no estilo da

correspondência escrita em latim na Europa ilustrada e oficial dos séculos XIV e XV e posteriormente. (PETRUCCI, 2018, p. 83).⁵

Da Antiguidade Tardia, vale destacar a prática epistolar de São Jerônimo, tradutor de inquestionável importância, que deixou reflexões fundamentais para a prática tradutória durante a Idade Média e posteriormente. Sua contribuição na área epistolar também foi inegável. Suas cartas “exercerão (séculos IV e V) uma atração duradoura em muitas práticas de direção moral” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 28). Ele foi responsável pela tradução da Bíblia do hebraico para o latim e, além disso, escreveu (dentre outros) o *Ad Pammachium de optimo genere interpretandi*. Trata-se de uma carta-tratado a respeito da tradução literária “distinta da tradução das Sagradas Escrituras [...]. A tradução que privilegia o sentido, *sensum exprimere de sensu*, é mais indicada para os textos profanos e a que se fixa mais na palavra, *uerbum e uerbo*, para os textos sagrados” (FURLAN, 2003, p. 13). Para Jerônimo, nas Sagradas Escrituras, até mesmo a “ordem das palavras encerra mistério”.

Essencialmente, sua carta é uma grande defesa da tradução pelo sentido em função do conteúdo, servindo-se, se necessário, de recursos gramático-retóricos como a *enarratio*, *explanatio* etc., mas de forma distinta ao uso da retórica que Cícero faz, que traduz imitando, latinizando emulando. Jerônimo altera, pois o significado do ciceroniano *fidus interpres* que indicaria o tradutor literal e sem arte, pelo todo tradutor que busca preservar o sentido textual, a *ueritas*, e que se usa da retórica somente para a manutenção do sentido no texto de chegada. (FURLAN, 2003, p. 14).

O cuidado relegado à tradução demonstra que se tratava de um tema bastante caro à época e necessário para a efetividade das comunicações, bem como das fruições artística e filosófica. Da mesma forma, todo o pensamento acerca do gênero epistolar na Antiguidade demonstra o papel precioso que essa prática representava nas comunicações e relacionamentos públicos, bem como nos privados e mais afetuosos. Nem as conquistas de Roma ou mesmo sua decadência diminuíram essa importância que, contudo, a partir da Idade Média ganhou novos contornos, como mostrarei a seguir, ratificando também a relação irrevogável entre cartas e tradução.

⁵. “modificar también el estilo epistolar de todos los precursores del humanismo italiano [...] e influirá más o menos radicalmente em el estilo de la correspondencia escrita en latín en la Europa ilustrada Y oficial de los siglos XIX y XV y posteriormente.” (PETRUCCI, 2018, p. 83).

1.2 Idade Média

Em razão do avanço do Império Romano, a Idade Média conheceu um período de contínua suplantação do grego pelo latim. Uma das consequências desse processo, conforme explica Petrucci (2018, p. 45-47), foi justamente a resistência que se criou em relação ao idioma grego “em todos os campos, sobretudo no epistolar”. Junto a essa resistência, aumentam os índices de analfabetismo ao passo que a comunicação escrita passa a se concentrar e fortalecer o domínio da classe eclesiástica, “que se organizou precisamente por meio do uso consciente da correspondência escrita em língua latina”. Por sua vez, a correspondência entre papa (Roma) e imperador (Bizâncio) se fazia ainda de forma bilíngue, cada qual em seus respectivos idiomas (a saber, latim e grego), nesse caso contando com traduções feitas por especialistas (PETRUCCI, 2018, p. 46).

Essa realidade linguística teve seus impactos também no pensamento a respeito da tradução durante a Idade Média. Nesse período,

não houve uma reflexão sistemática sobre a tradução que nos esclareça os princípios fundamentais nem a estratégia global que a regeu e, em alguns casos, esta ausência pode ser um fator negativo para os tradutores, tantas vezes desconcertados pela falta de correspondência exata entre uma língua antiga e uma moderna. (TOVAR, 1997, p. 207).⁶

Essa carência de reflexão teórica num momento em que tanta literatura foi produzida e traduzida deve-se primordialmente a dois fatores, segundo Tovar: o primeiro é a ausência de autonomia das línguas em relação ao latim e o segundo, o fato de a tradução ainda não ter status de um exercício autônomo, genuinamente diverso das glosas e comentários (1997, p. 207).

Na Idade Média, de forma geral, a escrita de cartas ficou muito ligada aos eclesiásticos e àqueles dos escalões mais altos da política. Contudo, durante os quase mil anos de sua duração, houve espaço suficiente para manutenção e adaptações das práticas da Antiguidade, acompanhando as configurações e

⁶ “No hubo una reflexión sistemática sobre la traducción que nos aclare los principios fundamentales ni la estrategia global por la que se rigió y, en algún caso, esta ausencia pudo ser un factor negativo para los traductores, tantas veces desconcertados por la falta de correspondencia exacta entre una lengua antigua y una moderna”.

reconfigurações. De acordo com Haroche-Bouzinac, especialmente no século XIII assiste-se a um recuo epistolar possivelmente causado pelo

sucesso das correspondências que ameaçavam o isolamento monástico. [...] Assim, a carta teria sido vítima de seu próprio êxito muito antes do florescimento que ocorre após o Renascimento, de modo quase contínuo. (2016, p. 28).

No período do século I ao VII, a epistolografia passou pelo que Petrucci chamou de abstinência epistolar, em função aos altos escalões da política e da vida eclesiástica. Não por acaso, nesse período se desenvolveu a chamada tradução patrística, realizada por padres. A disseminação dos idiomas vulgares afetou tanto a epistolografia quanto a tradução, mesmo enquanto perdurou o uso do latim. A partir dos séculos XI e XII, aumentou a participação dos leigos na escrita epistolar.

Nos séculos XII e XIII, desenvolveram-se processos novos que impactaram a prática epistolar, que veio a aumentar durante o período (PETRUCCI, 2018, p. 63-64). A comunicação passa a ser sucinta e funcional e a escrita, cada vez mais em línguas vulgares. Especificamente na Itália, assiste-se ao desenvolvimento da prática do *volgarizzamento* de textos latinos, franceses e provençais (FURLAN, 2004, p. 10), que implicavam, portanto, em traduções.

O pensamento sobre a tradução na Antiguidade e na Idade Média materializou-se, em grande parte, na prática epistolar e, portanto, de acordo com as regras da escrita epistolar. Ao mesmo tempo, o pensamento sobre a arte epistolar espalhou-se, por meio de traduções – do grego ao latim, do latim às línguas vulgares ou entre os idiomas que se formaram posteriormente. Exemplo dessa relação pode ser verificado na pessoa de Coluccio Salutati (1331-1405), italiano, autor de uma “imponente obra epistolográfica” (PETRUCCI, 2018, p. 90). Sobre ele, Furlan, citando Norton, afirma que:

não produziu nenhum escrito específico sobre a teoria da tradução, no entanto, por uma carta (XXIII) – um “trattatello in sè completo” (Petrus 1975:18) – dirigida a um amigo, Antonio Loschi, relativa à tradução que este fazia de Homero, é hoje em dia considerado como o primeiro em propor “uma fórmula criativa para a tradução” renascentista.⁷ (NORTON, 1981, *apud* FURLAN, 2004, p. 12).

⁷NORTON, Glyn P. Humanist foundations of translation theory (1400-1450): a study in the dynamics of word. *Canadian review of comparative literature – special issue: Translation in the Renaissance*, VIII, 2, 1981, p. 173-203.

Nas palavras de Furlan,

Uma das características da história da tradução renascentista, reiteramos, é pois o desenvolvimento de reflexões teóricas sobre a prática tradutora, que se apresentam geralmente sob a forma de pequenos textos, **cartas**, introduções, tratados etc. (2004, p. 21, grifo meu).

1.3 Renascimento e Idade Moderna

As ideias renascentistas caracterizaram sociedade e cultura em boa parte da Idade Moderna. Assim sendo, com cartas e literatura não haveria de ser diferente. Com a invenção da imprensa, porém, a relação intrínseca entre o pensamento sobre a prática epistolar e o pensamento sobre a tradução já não se dá de forma tão ostensiva por meio das cartas, como nos períodos anteriores.

Porém, não há como, dentro desse escopo, deixar de mencionar Martinho Lutero, tradutor da Bíblia para o alemão, que justificou suas escolhas tradutórias na sua *Carta aberta sobre a tradução*, em 1530. Na qual oferece

uma resposta às críticas e acusações de seus adversários de ter alterado ou falsificado as Sagradas Escrituras, e às dúvidas dos amigos com relação ao processo de tradução do Novo Testamento. Lutero advoga por uma tradução retórica (proprietas, perspicuitas, consuetudo...) e de estilo popular, não com fins puramente estéticos, mas sobretudo comunicativos – a compreensibilidade do texto e o leitor –, salvaguardando sempre a mensagem divina. (FURLAN; LUTHER, 2006, p. 93).

No século XVI, houve uma “autêntica explosão (ou revolução) da correspondência escrita” tanto no âmbito público quanto no privado (PETRUCCI, 2018, p. 101). Os novos conceitos de estética trazidos pelo Renascimento influenciaram a escrita epistolar, criando espaço para as “belas cartas”, instruídas e modeladas pelos Secretários, que conheceram sua idade de ouro na segunda metade do século XVII (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 79-80). O termo Secretário é inicialmente utilizado para falar do membro da chancelaria responsável por organizar a correspondência dos estados europeus, nos âmbitos privado e público, mas dadas a amplitude e a importância da prática, passaram a designar os próprios manuais de escrita epistolar e até mesmo o móvel usado para escrever cartas. Assim, desde os

Seiscentos e por mais de dois séculos, a prática epistolar foi regida por esses manuais que,

a partir de um código regrado pela *ars dictaminnis*, orientavam a produção epistolar, através da obediência às regras e à imitação de modelos exemplares, como era próprio da arte de escrever à época. (BARBOSA, 2011, p. 79).

A preocupação, notadamente na França, com uma escrita impecável também atingiu a prática tradutória. Assim, tiveram lugar as “Belles Infidèles”, traduções livres feitas ao francês que se “preocupavam mais com a beleza do texto de chegada do que com o conteúdo e estilo do texto de partida” (SANTANA-DEZMANN, 2016, p. 91), cujo auge se deu em meados do século XVII.

Sobre o legado deste período, ao comentar o cenário alemão, Berman (2002, p. 30) afirma que, no século XVII:

[...] a influência do Classicismo francês trouxe o surgimento de uma corrente de traduções puramente formais e de acordo com o “bom gosto”, tal como define o século das Luzes. [...] Essas tendências, que os próprios alemães da época qualificaram como afrancesamento, é vitoriosamente combatida com a penetração na Alemanha da literatura inglesa e o início de um retorno às “fontes” (poesia popular, poesia da Idade Média, filosofia de Jacab Boheme etc.) e igualmente com uma abertura cada vez mais “múltipla” [...] às diversas literaturas mundiais.

Um dos expoentes da tradução alemã do século XVIII, Johann Wolfgang von Goethe, é também um dos maiores epistológrafos da Europa (PETRUCCI, 2018, p. 145). Uma menção breve de Berman sobre o assunto, ao comentar as traduções de Goethe de poemas italianos, ingleses espanhóis e gregos:

Elas [as traduções] são testemunhas de uma prática constante [...] acompanhada por uma massa de reflexões especialmente rica, disseminada em seus artigos, suas resenhas, suas introduções e sua **correspondência** [...] (2002, p. 98, grifo meu).

Dessa forma, procuro demonstrar que, adaptando-se às novas configurações sócio-políticas que se desenvolveram na Idade Moderna, as cartas continuam presentes “ao impor sua forma a quase todas as modalidades de expressão literária” (DIAZ, 2016, p. 48). Isso explica por que, considerando-se já os intelectuais do século XVII:

Se muito antes deles, os pensadores da Antiguidade haviam também posto a carta a serviço do exercício do pensamento e instalado por meio do diálogo epistolar as premissas do debate filosófico, os espíritos mais originais do século XVII, de fato, reinventaram “um novo modo de usar desse antiquíssimo meio de expressão, a carta” como escreve Georges May. [...] A carta, então, firma-se como o meio essencial de todos os grandes debates que marcaram o século, e impõe-se como o indispensável instrumento formal de uma vasta reflexão epistemológica. [...] Portanto, não é totalmente um acaso a carta – pública, aberta ou fictícia – tornar-se, no século XVII, o modo de expressão preferido do pensamento engajado, e todos os maiores escritores do século serem tão grandes epistológrafos. (DIAZ, 2016, p. 48-51).

Nesse ambiente que, mais uma vez, retoma a tradição greco-romana, estabelecem-se as bases tanto da carta, cuja estrutura consolidada no século XVI conhecemos e tendemos a praticar até hoje (PETRUCCI, 2018, p. 103), quanto das bases do pensamento contemporâneo sobre a prática da tradução (FURLAN, 2009, p. 9).

1.4 O século XIX de Van Gogh epistológrafo

O pensamento a respeito da tradução se desenvolve e se expande neste século em que a escrita epistolar teve tanto destaque. Porém, reflexões acerca da tradução já são divulgadas e pensadas para outros meios, de forma que a relação que procurei demonstrar nos tópicos anteriores acaba se diluindo.

Contudo, as mudanças e reconfigurações sócio-político-culturais envolvem todas as áreas do conhecimento, de forma que as transformações ocorridas nos Oitocentos impactaram tanto a prática/teoria epistolar quanto a prática/teoria da tradução.

O século XIX assistiu a um crescimento das trocas epistolares como havia muito não se assistia, e são várias as razões que contribuíram para isso. De acordo com Petrucci (2018, p. 148), a partir da Revolução Francesa, a correspondência deixou de ser um fenômeno “isolado, ocasional e em certa medida controlável”, e se tornou um fenômeno sociocultural funcional e estrutural do desenvolvimento econômico da nova sociedade industrial.

Não coincidentemente, já que essa expansão foi transnacional, são as transações comerciais que aparecem logo no início de um dos textos mais importantes da teoria da tradução: “Sobre os diferentes métodos de traduzir”, escrito

pelo alemão Friedrich Schleiermacher, em 1813. Para estabelecer alguns importantes pressupostos para o fazer tradutório, Schleiermacher primeiro faz uma distinção entre tradução e interpretação: “o intérprete efetivamente exerce o seu ofício no domínio da vida comercial, o tradutor genuíno preferencialmente no domínio da ciência e da arte” (2001, p. 234).

A questão econômica também é apontada por Roger Chartier ao afirmar que

a ruptura do confinamento econômico e social, que multiplica as circunstâncias em que escrever uma carta se torna uma necessidade, que impõem relações em longa distância, é uma daquelas evoluções. (CHARTIER, Roger. *Avant-propos*, 1991, *apud* HAROCHE-BOUSINAC, 2016, p. 31).

Outro fator que contribuiu bastante para a disseminação da prática epistolar no século XIX foi a diminuição do analfabetismo, fundamental para que os próprios epistológrafos escrevessem suas cartas e não mais as delegassem a outrem, como vinha acontecendo. Também por esse motivo aumentou o número de mulheres que se lançaram à escrita de cartas. No caso de Van Gogh, destaco a correspondência que trocou com sua irmã mais nova, Will.

Também contribuíram para a caracterização específica da prática epistolar no século XIX: a invenção do envelope; a introdução do selo com pagamento da tarifa postal pelo remetente; a difusão progressiva do uso de papel de carta mais leve; e até mesmo a invenção e difusão da caneta. Também não se pode deixar de lado o exemplo da Holanda; lá o serviço postal se profissionalizou ao longo do século, de forma a possibilitar que uma carta da Holanda a Paris chegasse em até 24 horas.⁸

No século XIX, as cartas eram escritas muitas vezes para mais de um destinatário. Van Gogh, por exemplo, frequentemente escrevia para Theo/seus pais ou Theo/esposa, para a irmã Will/seus pais, entre outros. Por mais de uma vez, Vincent mandou a Theo cartas escritas por Anthon van Rappard, por exemplo. Há também as cartas que a irmã Will mandava, por meio de Vincent, para a amiga Margreet Meyboom.

As reconfigurações econômicas e o comércio fortalecido contribuíram para uma maior necessidade de tradução. Não por acaso, Schleiermacher inicia “Sobre os

⁸ Disponível em: http://www.vangoghletters.org/vg/about_5.html

diferentes métodos de traduzir” comentando a importância da tradução nas transações comerciais, pois, por meio dela, podem “entrar em contato homens geograficamente muito afastados, e podem ser transpostas em uma língua obras de uma outra extinta já há muitos séculos” (2001, p. 233).

É nesse cenário que Van Gogh pratica a escrita epistolar. Ele se encaixa nos padrões de epistológrafos que mencionei anteriormente: burguês, letrado e vindo de uma família em que os filhos saíam cedo de casa para trabalhar, viajando mais e consequentemente escrevendo-se mais (NAIFEH, 2012).

Sua prática epistolar também denota outra característica fundamental para essa experiência nos Oitocentos: o espaço privado. A historiadora Michelle Perrot denomina o período como “uma idade de ouro do privado, onde as palavras e as coisas se precisam e as noções se reforçam” (2009, p. 9). Contudo, vale ressaltar que a noção de privado que temos hoje é bastante diferente da que existia naquela época: “as pessoas eram bastante reservadas naquilo que escreviam e quando era algo realmente pessoal, deveria ser comunicado face a face”.⁹

1.4.1 As cartas de Van Gogh

Muito do que se sabe sobre Van Gogh deve-se ao que foi encontrado na sua correspondência:

hoje historiadores da arte, teólogos e psicólogos continuam a explorar a complexidade de seu gênio, forjado por uma vida marcada por melodramas, casos amorosos bizarros e angústia mental. (FELL, 2007, p. 12).

Guardada cuidadosamente por sua cunhada, Jo Bonger, a correspondência de Van Gogh, desde bem pouco tempo após sua morte, converteu-se em material fundamental para a compreensão de sua vida e obra. Suas cartas revelam

com uma inigualável intensidade expressiva a subjetividade deste artista e, como tal, toda a complexidade que abarca tanto os valores e ideias firmemente estabelecidos por ele ao longo de sua vida, quanto as incertezas, as oscilações, as preferências que se alternavam

⁹ Disponível em: http://www.vangoghletters.org/vg/context_2.html. Acesso em: 17 jul. 2020.

conforme o momento, enfim, aspectos que se mostram por vezes contraditórios e que podem fornecer material tanto para uma determinada linha de interpretação quanto para uma linha oposta. (GODOY, p. 107).

1.4.1.1 Publicações e recepção

As cartas de Vincent, originalmente escritas em holandês ou francês, tiveram seus primeiros excertos divulgados a partir de 1893, inicialmente para a comunidade artística holandesa, em seguida em publicações do país e da França. A grande visibilidade, porém, se iniciou em 1914, quando a cunhada, Jo, publicou as cartas de Vincent destinadas a ela, seu esposo e familiares. A essa se seguiram muitas outras publicações e traduções para o alemão, o francês e o inglês, com inclusões de novas cartas à medida que eram descobertas.

A primeira tradução para o português, feita no Brasil, data de 1986, a partir do francês, por Pierre Ruprecht em “Cartas a Theo”, pela LP&M Editores, como parte da coleção Rebeldes e Malditos. Em 1997, já fora da coleção, publicou-se uma nova edição ampliada, anotada e ilustrada. Outra reedição data de 2002, com a inclusão de mais cartas.

A edição mais recente e mais completa, também pela L&PM Editores, é de 2015: “Cartas a Theo: biografia de Vincent van Gogh por sua cunhada Jo van Gogh-Bonger”, na tradução de Pierre Ruprecht e Willian Lagos, com organização, edição e glossário de Ivan Pinheiro Machado. Nessa edição, Willian Lagos é o tradutor da biografia escrita pela cunhada. A obra visa, em primeiro lugar, a apresentar a biografia do artista e, por tal motivo, exclui aspectos mais corriqueiros mencionados nas missivas: “Foram eliminadas centenas de redundâncias, listas burocráticas de materiais de pinturas, pedidos de roupas e equipamentos, repetições [...]” (MACHADO, 2015b, p. 13). Ora, tais informações são partes constitutivas das cartas e, portanto, da obra escrita de Van Gogh. Então, “principais fontes primárias que são fundamentais para a compreensão e o estudo da vida e obra de Vincent van Gogh” (MACHADO, 2015a, p. 7) não estão disponíveis para o leitor brasileiro em sua totalidade, particularmente se houver intenção de atribuir a elas valor literário. Isso vale para centenas de cartas consideradas de menor importância, que ainda não receberam tradução para o português.

Neste capítulo inicial, procurei chamar a atenção para o paralelismo que há entre a prática epistolar e o fazer tradutório desde suas origens e, além disso, demonstrar como a reflexão sobre ambas as práticas se deu de forma a intercambiar influências múltiplas e indissociáveis.

A seguir, passo a tratar do processo tradutório especificamente, descrevendo meu trajeto até o resultado que apresentarei mais adiante. Nesse processo, detive-me mais atentamente à forma bastante peculiar e marcante como Van Gogh utilizava a pontuação.

2 PERCURSO E PERCALÇOS DA TRADUÇÃO

Do conjunto de cartas disponíveis no site do Museu Van Gogh, inicialmente foram separadas 15 para esta dissertação, cujo tema em comum era o amor de Vincent pela prima Cornelia Adriana Stricker, chamada Kee pelos familiares. Tendo em vista a semelhança dos problemas e das escolhas tradutórias que se fariam necessárias nesse conjunto e a intenção de uma análise mais aprofundada, escolhi uma única carta para trabalhar, especificamente, a Carta 179, escrita em 23 de novembro de 1881. Nela, Vincent confessa a Theo o amor que sente pela prima, amor este que guardava consigo havia alguns meses, desde o verão anterior.

A relação entre os primos jamais passou de amizade fraternal. Vincent, ao se declarar, ouviu um retumbante “nem agora, nem nunca” de Kee. Mas não se deixou abater. Ele já tinha decidido que a amava e lutaria. Seria “ela e nenhuma outra” (VAN GOGH, 2009b, Carta 180).

O amor por Kee, desvelado pela primeira vez na Carta 179, foi fundamental não apenas por tornar a prima uma espécie de paradigma das outras mulheres com quem Vincent viria a se relacionar, mas, segundo os estudiosos de sua obra, por ter criado as condições para que outros prazeres se apresentassem: “Sem esse amor que o faz nascer para si mesmo, Vincent nunca teria podido alçar sua obra a tal altura, a esse brilho na generosidade” (HAZIOT, 2010, p. 93).

Antes de contar a Theo, Vincent já havia conversado com seus pais e com seus tios, os casais Mina Carbentus e Johannes Stricker (pais de Kee); e Cornelia Carbentus (tia Cornelia) e Vincent van Gogh (tio Cent). Exceto por este último, todos os demais familiares haviam sido veementemente contrários às investidas do artista. Os mais velhos pediram a Vincent que não comentasse o assunto com mais ninguém, o que ele, evidentemente não fez. A única promessa expressa foi feita ao tio Cent, e referia-se a interromper os envios de carta ao tio Stricker até segunda ordem.

Ele diz que não havia contado nada ao irmão, pois se encontrava numa posição bastante “vaga e indecisa” que, à época, não conseguiria explicar.

Ainda que boa parte dos fatos relacionados ao amor de Vincent por Kee já tivesse se desenrolado quando ele decide contar ao irmão, é a partir desse momento que Vincent fortalece a compreensão de si próprio como artista, ainda que iniciante, como demonstrado em cartas posteriores.

A Carta 179 tem um valor importante dentro da obra escrita de Van Gogh, pois é ela que inaugura um conjunto bastante específico – cartas que tratam de Kee Vos – das “mais afetuosas e dolorosas que ele iria escrever” (GRANT, 2014, posição Kindle 681).

Além disso, tal carta representa, na vida do pintor, o princípio de uma fase em que ele deixa de vagar em busca de um dom ou de uma profissão na qual se encaixe (como insatisfatoriamente vinha fazendo até então) e se assume como artista. Esse novo momento é ratificado em muitas outras cartas que escreveria ao longo da vida. A paixão por Kee não foi a primeira e nem seria sua última decepção. Contudo, a certeza de que é à arte que ele vai se dedicar enquanto viver vai se fazendo mais clara com base nas reflexões sobre a vida, suas aptidões e escolhas, que surgem com mais força a partir do momento no qual ele entende que precisa ter um meio próprio de subsistência.

2.1 Os passos e as pegadas

Traduzir a Carta 179 trouxe uma série de desafios que me colocaram muitas vezes frente a frente com várias das tendências deformadoras apresentadas por Berman (2013). O processo frequentemente me posicionou diante delas e constantemente buscando o ritmo e a oralidade próprios do texto, como proposto por Meschonnic (2006). Da mesma forma, trabalhei com diversas das modalidades de tradução, como apresentadas por Aubert (1998). O fato de ser uma tradução indireta que utilizou o idioma original como apoio foi um exercício instigante, tal como a caça, à qual alude Ginzburg por meio do paradigma indiciário (1999). Nesse sentido, tive o texto em inglês como guia e o texto em holandês como pegadas.

Assim, o trabalho aparentemente (ou efetivamente) infundável com as palavras teve como destino, no presente caso, um texto em português de leitura fluida, sem a preocupação excessiva de ofuscar as marcas de um texto traduzido, sempre se entendendo como uma tradução literária, pois:

O problema não é negar que a tradução pertence ao espaço literário (traduzir um poema, disse Meschonnic, é, em primeiro lugar, escrever um poema), mas determinar qual lugar ela ocupa. (BERMAN, 2013, p. 53).

Determinar esse lugar foi meu desafio e, na tentativa de solucioná-lo, lancei mão de diversos recursos e possibilidades que comento a seguir, iniciando com sua apresentação, seguida da descrição do processo.

Recursos online utilizados:

Tradutores baseados em inteligência artificial (IA)

- 1) Google Tradutor: <https://translate.google.com.br/>
- 2) Tradutor DeepL: <https://www.deepl.com/translator>

Dicionários

- 1) Wikitionary: https://en.wiktionary.org/wiki/Wiktionary:Main_Page
- 2) The Free dictionary: <https://nl.thefreedictionary.com/>
- 3) Cambridge (inglês/holandês): <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/dutch-english/>
- 4) Dicionário analógico Caudas Aulette:
<http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=analogico>
- 5) Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa:
<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>
- 6) Interglot: <https://www.interglot.com/>
- 7) Conjugador de verbos: <https://pt.bab.la/verbo/holandes/>

Corpora

- 1) Corpus Brasileiro: <http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html>
- 2) O Corpus do Português: <https://www.corpusdoportugues.org/>

Processo tradutório

- 1) Traduzi a versão do inglês disponível no site do Museu Van Gogh para o português (utilizando recursos digitais e físicos).
- 2) Confrontei minha tradução com o fac-símile disponível no mesmo site em busca de: a) citações em outros idiomas e b) peculiaridades da pontuação.
- 3) Rearranjei a tradução com base nesses itens.

- 4) Utilizei os tradutores automáticos Google Tradutor e Tradutor DeepL para traduzir (período por período) do holandês para o português. A intenção foi identificar termos e palavras que apresentassem diferenças significativas em relação à minha tradução, do Museu Van Gogh. Esta tradução, por ter um cunho mais explicativo, muitas vezes resultou em escolhas mais etnocêntricas e hipertextuais (BERMAN, 2013, p. 47). Ao confrontar a tradução automática com a do Museu e com a minha, revisei algumas escolhas, sempre buscando uma aproximação maior com o texto em holandês. Para solucionar questões muito pontuais, como o uso de (je/U) consultei o tradutor de holandês
- 5) Daniel Dago. Os tradutores automáticos foram fundamentais para a realização desta dissertação e permitiram, em alguns casos, escolher os resultados da tradução palavra por palavra, a tradução literal da concepção de Aubert. Incontáveis vezes, a tradução literal abriu caminhos rumo às “arborescências” (BERMAN, 2013, p. 67-69). Independentemente de ter sido escolhido ou não, o resultado *ipsis literis* foi muito importante como parte do processo de escolha.
- 6) Muitas vezes lançando mão de compensações, procurei lugares onde inserir as seguintes práticas de Van Gogh: palavras grafadas de forma diferente (em geral, mantendo o som), duas palavras escritas como uma, uma palavra escrita como duas. Nesse ponto, contudo, percebi que meu mínimo conhecimento de holandês, ainda que amparado por tradutores automáticos, não me qualifica para analisar as palavras com tais características, considerando-se, inclusive, que Van Gogh escreveu usando o holandês do século XIX. Na tentativa de me aproximar da escrita do pintor, li as cinco cartas que ele escreveu em inglês: 96, 223, 233, 569, 598 e 627. Identifiquei as seguintes ocorrências: *send* – *sent* (Carta 223); *bye & bye* – *by & by* (Carta 233); *too* – *to* (Carta 598). Busquei fazer pequenas alterações na grafia nos trechos 9 (enfim, assin); 11 (banhomaria) e 13 (comprenden).
- 7) Confrontei minha tradução com o fac-símile e fiz ainda mais alterações, em geral ligadas à pontuação.
- 8) Ouvi a pronúncia eletrônica da carta (período por período) em busca de aliterações ou rimas e, eventualmente, re arranjei a tradução com base nisso. Essa parte não rendeu tanto quanto imaginei, mas consegui minimamente propor algumas rimas ou aliterações.

- 9) Li a carta em português, tratando-a, agora, como um texto independente, em busca especificamente do ritmo, “que não está em nenhuma palavra separadamente, mas em todas juntas” (MESCHONNIC, 2006, p.4).

Foram muitas as vezes em que o passo 7 me levou de volta aos passos 4, 5 e 6.

É importante mencionar, que Van Gogh utilizava bastante as laterais do papel, porém por fugir aos objetivos do trabalho, essa característica não foi considerada na tradução. De toda forma, destaco as palavras de Pagès (2017, p. 107) ao afirmar que “a neutralização da materialidade do manuscrito autógrafo” tem como consequência “uma perda considerável”.

Ressalto ainda que, nos comentários que se seguem, reservei um item exclusivamente para a pontuação por entender a importância crucial que ela tem no ritmo. Especificamente, na escrita de Van Gogh, essa importância é muito acentuada, embora sozinha não dê conta da tradução do ritmo como um todo. Assim, antes de comentar de maneira mais geral, atendo-me à pontuação, característica que mais me saltou aos olhos inicialmente e me encaminhou para o hibridismo dessa tradução que, partindo do inglês, utilizou elementos do holandês para se constituir. Reservo também alguns parágrafos para comentar as traduções que proponho para os termos traduzidos como *love* pelo Museu Van Gogh.

2.1.1 Pontuação em Van Gogh

“A linguagem é, a cada vez, o sujeito inteiro” (MESCHONNIC, 2006 p. 4) e, no escrito, aquilo que o sujeito faz da linguagem encontra-se permeado de pontos, vírgulas, dois-pontos ou de suas ausências. Por isso, considero fundamental que uma tradução leve em conta o uso da pontuação no texto fonte. No item “Oralidade e Literatura”, o autor chama de “crime” a alteração da pontuação de um texto originalmente escrito no século XVII com vistas à modernização na edição de 1983 (Ibid., p. 22). Ele entende que a prática de modernizar a pontuação é, paradoxalmente, um arcaísmo do qual é necessário que os editores se desfaçam (Ibid., p. 22). No mesmo grupo, sem dúvida, incluo também os tradutores que, na busca por uma melhor compreensão do texto por parte do leitor, não raro normatizam

a pontuação do original. Para Meschonnic, a pontuação faz parte da oralidade do texto e ele defende que seja considerada e respeitada.

Modernizar, padronizar, eliminar a historicidade da pontuação afasta-a da plenitude de seu sentido primordial, que é dar ritmo à linguagem. Assim, a cada sinal de pontuação escolhido, há uma intenção rítmica por parte do autor. O mesmo raciocínio vale para cada sinal de pontuação não utilizado, pois, de acordo com Adorno,

Os sinais de pontuação, que articulam a linguagem e com isso aproximam a escrita da fala, acabaram se separando, graças à sua independência lógico-semântica, tanto da fala quanto da própria escrita, entrando em conflito com sua própria essência mimética. Um uso ascético da pontuação busca compensar essa situação. Cada sinal cuidadosamente evitado é uma reverência feita pela escrita ao som que ela sufoca. (2003, p. 148).

A meu ver, esse silêncio é muito perceptível a cada vez em que Van Gogh dispensa o uso de alguns sinais, principalmente do ponto de interrogação. Como apresentado em alguns exemplos mais adiante, “para a linguagem, não existe fora da linguagem. Os silêncios fazem parte dela. Aliás, nós o fazemos falar” (MESCHONNIC, 2006, p. 38).

Foi nessa perspectiva que traduzi a Carta 179, atentando à forma que Van Gogh escolheu para pontuar seu texto. Para tanto, nesse caso específico, não me baseei na tradução feita pelo Museu Van Gogh, pois, embora na transcrição tenham mantido a pontuação do original, ao elaborarem a tradução:

Inserimos as vírgulas e pontos finais padrão na tradução. As perguntas sempre terminam com um ponto de interrogação, independentemente da pontuação no texto fonte. Um ponto de exclamação foi adicionado ao fim das sentenças que são obviamente exclamativas. Em que pesa a utilização no texto-fonte, as aspas simples são usadas, juntamente com as aspas duplas para as citações dentro de citações.¹⁰

¹⁰ Disponível em: http://vangoghletters.org/vg/about_4.html#intro.VI.4.1. Acesso em: 2 fev 2020.

Além disso, nas notas explicativas, o Museu informa que “Decidiu-se por não reproduzir erros gramaticais ou de ortografia, e alguns foram silenciosamente corrigidos, de forma a não chamar atenção”.¹¹

Assim, nesse caso, tomei por base a transcrição, que permitiu que eu me localizasse em relação à pontuação na versão em inglês para posteriormente realizar minha tradução.

Quem também advoga a favor do cuidado com a pontuação na tradução, é Antoine Berman, em quem igualmente me apoio. Para ele, a carta, assim como o romance e o ensaio, é uma “multiplicidade entrelaçada de ritmos” e a alteração da pontuação na tradução “pode afetar consideravelmente a rítmica do texto” (2013, p. 78).

Van Gogh lidava com a pontuação de forma pouco ortodoxa. Havia nele, por exemplo, uma predisposição ao uso bastante parcimonioso das vírgulas, pontos de exclamação e de interrogação. Além disso, frequentemente substituía os pontos finais por um ponto e um travessão (combinados com maior ou menor espaçamento entre as palavras). Vale a pena mencionar que trabalho com pontuação num conceito mais amplo, proposto por Veronique Dahlet, segundo o qual a pontuação se manifesta nos níveis: pontuação de palavra (tradicionalmente entendido como ortografia); pontuação de frase, que leva em consideração parâmetros como a natureza da pontuação; e pontuação de texto (envolvendo os brancos da página, como a alínea) (2006, p. 33-34). Todos esses níveis num texto criam oportunidade para que a pontuação se torne,

um motor potente para criação de uma determinada estética literária que remete à marca do autor, isto é, a seu estilo. Cabe dizer, porém, que o estilo, quando constituído de maneira preponderante, pela maneira de pontuar, desenvolve-se no nível mais próximo daquilo que singulariza radicalmente um certo emprego da linguagem; a saber, da sua estrutura rítmica. (Ibid., p. 292-293).

Para ela:

11 Disponível em: http://vangoghletters.org/vg/about_4.html#intro.VI.4.1 Acesso em: 2 fev 2020.

pouquíssimos sinais de pontuação ficam regidos pela norma enquanto a maioria decorre da intenção de comunicação ou da interação estabelecida entre quem escreve e quem lê.

Isso, evidentemente não significa que as maneiras de pontuar fogem de regras, mas que essas regras provêm essencialmente do próprio ato de comunicação, com suas estruturas sintáticas, seus relevos e efeitos de sentido, suas condições de enunciação, seu tipo de relação contratual, enfim, que liga o enunciador ao enunciatário. (DAHLET, 2006, p. 24).

Os sinais de pontuação de frase são alínea, ponto, ponto e vírgula, vírgula, dois-pontos, parênteses, travessão, maiúscula contínua, sublinhamento, itálico, negrito, ponto de interrogação, ponto de exclamação, reticências, aspas, itálico, travessão de diálogo, colchetes. A pontuação textual “remete ao conjunto de brancos que dão forma ao texto, sendo a alínea o sinal de menor extensão” (Ibid., p. 34).

De modo geral, é possível reconhecer as seguintes práticas pontuacionais na escrita de Van Gogh:

- ✓ omissão de vírgulas e pontos finais;
- ✓ combinação de um ponto final e um travessão (nem sempre nessa ordem) para finalizar as frases;
- ✓ abreviações, nem sempre colocava ponto; e
- ✓ grafar &tc. em vez de etc.

Outras não identifiquei na Carta 179, mas são assinaladas pelo Museu:

- ✓ utilização de travessão para separar partes de períodos mais longos (inclusive com o sentido de preparo para uma explicação, como ocorre com dois-pontos atualmente);
- ✓ eventuais letras maiúsculas após ponto e vírgula.

Com exceção da alínea, as marcas de pontuação referentes à materialidade da carta, tais como o uso dos espaços em branco da página, não foram incorporadas à minha tradução, mas são mencionados pelo Museu Van Gogh:

- ✓ espaçamentos irregulares (às vezes exagerados) entre palavras e entre letras numa mesma palavra;
- ✓ espaços extras para letras maiúsculas.

2. 2 Símbolos – numerais

Foi por meio dos numerais que eu percebi a necessidade do confronto com a transcrição e eventualmente com o fac-símile para que minha tradução para o português caminhasse no sentido desejado. A percepção destas diferenças me ajudou a entender o que Meschonnic chama de “apagamento”:

A tradução segundo o signo — a tradução corrente — é, pois, o que deveria doravante ser chamada de uma apagadora. Ela apaga o contínuo, o ritmo no sentido do contínuo e ela apaga seu próprio apagamento. O problema poético é de apagar o apagamento das apagadoras. (2018, p. 573).

Em outras palavras, a transcrição, por já apresentar algumas correções, deu início ao apagamento do contínuo do texto em holandês, que acabou por permanecer na tradução para o inglês. Nesse sentido, a tradução que fiz para o português teve, dentro das minhas possibilidades, a intenção de “desapagar”.

Foi o excerto a seguir que me chamou a atenção para o apagamento dos numerais, símbolos e pontuação na tradução para o inglês e, assim, reordenou toda a minha pesquisa.

Holandês	Inglês (Museu Van Gogh)	Português
Er zijn 3 trappen, 1 ^o niet beminnen & niet bemind worden, 2 ^o beminnen & niet bemind worden ('t onderhavige geval), 3 ^o beminnen & bemind worden.—	There are three stages, first not loving and not being loved, second loving and not being loved (the case in question), third loving and being loved.	Existem 3 etapas, 1 ^a não amar & não ser amado, 2 ^a amar & não ser amado (o caso em questão), 3 ^a amar & ser amado.—

2.2.1 Vírgula

Minha preocupação primeira foi a de manter o número de vírgulas constantes nos períodos. Utilizei os tradutores automáticos para identificar a posição na frase em holandês, caso outros indícios (travessões, pontos finais, &, palavras cognatas) não me permitissem reconhecer. A seguir, apresento um trecho relativamente longo, em que Van Gogh utilizou apenas cinco vírgulas. Aproximadamente 15 vírgulas seriam usadas caso a preocupação fosse atender à gramática da língua de chegada, ainda que para facilitar a compreensão do leitor. No item 4.4 apresento uma Tabela Comparativa para melhor visualização das diferenças.

Trecho	Holandês	Português
14	<p>De oudere personen toch zullen omtrent deze zaak van gedachten veranderen niet dan wanneer Kee van gezindheid veranderd doch dan wanneer ik iemand zal geworden zijn die op zijn minst f 1000 per jaar verdient.— Nog eens, vergeef de harde contours waarmee ik de dingen afteeken. Indien ik weinig sympathie vinde bij de ouderen zoo geloof ik dat sommige jongeren zich mijne houding zullen kunnen begrijpen. Misschien gij Theo — Gij zult misschien wel van mij hooren zeggen dat ik forceeren wil & dergelijke uitdrukkingen. Doch wie begrijpt niet hoe onzinnig forceeren is bij liefde! Neen dat is verre verre van mij. Doch 't is geen onbillijk of onredelijk verlangen dat ik wensch dat Kee & ik inplaats van geen omgang met elkaar te mogen hebben, elkaar zullen zien, spreken of schrijven om, elkaar beter leerende kennen, zelf beter te kunnen inzien of wij voor elkaar geschikt zijn al dan niet. Een jaar van omgang met elkaar zou heilzaam wezen voor haar & voor mij doch de ouderen zijn werkelijk verstokt op dat punt. Ware ik rijk zij zouden heel anders spreken.</p>	<p>As pessoas mais velhas mudarão de ideia sobre o caso não quando a Kee mudar de ideia Mas sim quando eu me tornar uma pessoa que ganhe pelo menos f 1000 ao ano.— Mais uma vez, perdoe-me pelos contornos duros que estou dando às coisas. Ao passo que os mais velhos não têm muita compaixão por mim acredito que alguns dos mais jovens serão capazes de entender minha atitude Talvez Theo — talvez já tenhas ouvido que eu quero forçar a situação & expressões semelhantes Mas quem não entende como é absurdo forçar o amor! Não isso está longe longe de mim. Mas não é injusto nem irracional desejar que a Kee & eu em vez de sermos proibidos de nos vermos possamos nos ver, falar e escrever um ao outro, de forma que, ao nos conhecermos melhor, sejamos capazes de perceber por nós mesmos se fomos ou não feitos um para o outro. Um ano de contato um com o outro seria benéfico para ela & para mim no entanto os mais velhos estão inflexíveis neste ponto. Se eu fosse rico eles fariam outra coisa totalmente diferente.</p>

2.2.2 Pontos finais e travessão

Uma das características de Van Gogh é indicar o fim de períodos com uma combinação de ponto e travessão (.—) com variação da ordem dos sinais. Algumas ocorrências na carta 179:

Trecho	Holandês	Português
6	't Laatste koos ik.— En tot heden heb ik geen berouw van die opvatting hoewel ik nog altijd sta voor dat nooit neen nimmer.	Escolhi o último.— E até agora não me arrependi dessa decisão apesar de ainda me confrontar com aquele nem agora nem nunca.
14	De oudere personen toch zullen omtrent deze zaak van gedachten veranderen niet dan wanneer Kee van gezindheid veranderd doch dan wanneer ik iemand zal geworden zijn die op zijn minst f 1000 per jaar verdient.—	As pessoas mais velhas mudarão de ideia sobre o caso não quando a Kee mudar de ideia Mas sim quando eu me tornar uma pessoa que ganhe pelo menos f 1000 ao ano.—
19	Er zijn 3 trappen, 1º niet beminnen & niet bemind worden, 2º beminnen & niet bemind worden ('t onderhavige geval), 3º beminnen & bemind worden.—	Existem 3 etapas, 1º não amar & não ser amado 2º amar & não ser amado (o caso em questão), 3º amar e ser amado.—

Por vezes, o fim de um parágrafo também era indicado por um travessão.

2.2.3 Pontos de interrogação e exclamação

De maneira geral, Van Gogh usava pouco os pontos de exclamação e de interrogação. Na Carta 179, não há ocorrência de pontos de interrogação, embora ao menos uma frase possa ser identificada como pergunta, apesar de ser marcada com uma vírgula. Não alterei a pontuação.

Trecho	Holandês	Português
19	Theo, zijt gij soms ook verliefd,	Theo, tu não te apaixonas também às vezes,

Quanto aos pontos de exclamação, há três:

Trecho	Holandês	Português
14	Doch wie begrijpt niet hoe onzinnig forceeren is bij liefde!	Mas quem não entende como é absurdo forçar o amor!
20	Nu zeg ik dat de tweede trap beter is dan de eerste, maar de derde!	Eu digo que a segunda etapa é melhor que a primeira, mas a terceira!
26	Als gij ooit verliefd wordt en een nooit neen nimmer mogt krijgen, resigneer U vooral niet!	Se em algum momento te apaixonares e receberes um nem agora nem nunca, não te contentes com isso!

Com vistas a reforçar as características mais peculiares de Van Gogh, utilizei mais especificamente o conceito de pontuação de palavras, que, devido à conceitualização inusitada, esmiúço a seguir.

2.3 Pontuação de palavras

De acordo com Dahlet, a pontuação de palavras é muitas vezes “classificada pelas gramáticas como manifestação ortográfica” (DAHLET, 2006, p. 75), porém

o repertório de sinais de pontuação de palavra é, na verdade, bem mais amplo do que se podia acreditar, e ultrapassa a função ortográfica para assumir desdobramentos semânticos e efeitos múltiplos, abrindo para a dinâmica da enunciação. (DAHLET, 2006, p. 75).

Defendendo a ideia, a autora divide esse tipo de pontuação em dois grupos: intravocabular (maiúscula, parênteses, hífen, reticências, apóstrofo e ponto abreviativo) e intervocabular (hífen, apóstrofo, travessão). Da seguinte forma:

i. A maiúscula que pode ocupar as posições inicial e mediana nas palavras, nas formas a seguir (DAHLET, 2006, p. 75).

Posição inicial: em nome próprio, mantém-se qualquer que seja seu lugar de ocorrência na cadeia gráfica; em palavra no início da frase, converte-se em minúscula se mudar de posição; mantém-se em qualquer lugar da frase e, se convertida em minúscula, altera o sentido da palavra (ex.: Estado/estado; Igreja/igreja etc.); quando afeta um nome comum, sem alterar seu sentido, porém permite que esse vocábulo acesse “uma certa idealidade por extraí-la das contingências espaciais e temporais” (ex.: amizade/Amizade) (Ibid., p.76).

Posição mediana: nas citações como em “*autor dOs Lusíadas*”, em que há aglutinação de duas formas gramaticais diferentes; ou em situações como “d’Ele”, em que “o estatuto de nome próprio fique adquirido pelo mero fato de colocar a maiúscula e de não se tratar de citação” (Ibid., p. 77).

ii. Os parênteses, que podem ocupar nas palavras as três posições. Na inicial, indica a palavra e seu contrário – (in)fiel, ou palavra + encaixe com dois sentidos – (e)leitores. Na posição mediana, trabalha com dois sentidos, p. ex. expi(r)ação e, na posição final, refere-se a gênero ou número, p. ex. amigo(a)(s).

iii. O hífen no meio ou no fim da palavra. No meio tem o intuito de restituir a força etimológica (ex.: “co-mover”); dá ênfase de autoridade, convicção e outras que representem a elocução (ex.: “de-fi-ni-ti-va-men-te”); ou em conjugação de verbos com pronomes enclíticos e mesoclíticos (ex.: referir-se-iam). Quanto ao fim da palavra, Dahlet também considera o “traço de divisão de palavra no fim de linha” (2006, p. 80), hoje usado apenas na escrita manuscrita e eventualmente à máquina de escrever.

iv. As reticências, para Dahlet, contam como pontuação de palavras quando têm “a função de fingir que não se ousa mencionar o vocábulo que na realidade se emprega, mesmo de maneira incompleta” (2006, p. 82), como em “filho da p...”.

v. O apóstrofo pode ocorrer no começo, meio ou fim da palavra “refere-se diretamente a uma imagem, por convenção, da pronúncia atribuída à palavra” (Ibid., p. 83). Como exemplos, ela cita: ‘star; p’ra e p’r’os infernos.

vi. O ponto abreviativo “possibilita o encurtamento gráfico da palavra” e se diferencia do ponto de frase que “ocorre quando, diz-se, o sentido fica completo”. São exemplos de ocorrência de ponto abreviativo: Sr.a; Dig.mo; etc. (Ibid., p. 83).

2.3.1 Pontuação intervocabular

Refere-se aos modos relacionais que ligam, via hífen, apóstrofo ou travessão, duas palavras ou mais, com os seguintes determinantes:

Sintaxe, quando, por exemplo, “o hífen liga as palavras compostas, bem como o verbo e o pronome enclítico;” [...] Elisão, nos casos de processos marcados pelo apóstrofo; Ocorrência lexical ou morfo-lexical. “Por exemplo a abreviação de uma palavra ou processo de sigla acarreta automaticamente o ponto.” (DAHLET, 2006, p. 84).

2.3.1.1 Hífen

Nesse caso, Dahlet trabalha com três tipos conjuntos: a) o formado por verbo + pronomes enclíticos; b) o formado por palavras compostas; e c) o hífen estilístico, como em *Menina-de-Todos*¹² ou *literatura-sertão*.

2.3.1.2 Apóstrofo

Quanto ao apóstrofo, ela explica que a ocorrência se deve à elisão: “quando em palavras compostas, a vogal -e- da preposição de entraria em contato com a vogal do vocábulo seguinte: *estrela-d’água*; *olho-d’água*; *pau-d’arco*.” (DAHLET, 2006, p. 89).

2.3.1.3 Travessão

Em linhas gerais, a autora define o uso do travessão como o sinal de pontuação que “substitui um conjunto de palavras que explicitariam o sentido dessa ligação, que, aliás, fica sempre a mesma.” (DAHLET, 2006, p. 89). Como exemplos ela cita o uso nos seguintes casos “o percurso Rio – São Paulo” e a “linha aérea Brasil – Uruguai” (Ibid, p. 90).

Considerando-se essa compreensão mais ampla de pontuação, percebemos que Van Gogh também se caracteriza pelo uso da pontuação de palavras com uma coerência própria. Na carta em questão, por exemplo, ele:

– Usa minúscula no começo de frases:

Trecho	Holandês	Português
4	‘t is net of Kee Vos mijn naaste is en ik de naaste van Kee Vos”. en — die woorden heb ik tot haar gezegd.	é como se a Kee Vos fosse a pessoa mais próxima de mim e eu a pessoa mais próxima da Kee Vos”. e — eu disse essas palavras para ela.

– Não usa ponto abreviativo:

Trecho	Holandês	Português
9	namelijk het niet zwaar tillende maar dat ik er zoowat gekheid mee maakte, b v: geef toch geen koren op den molen van	não vou levar milho nenhum para o moinho do nem agora nem nunca, da Kee Vos p ex eu desejo a ela tudo de bom,
23	t a t	t a t

12 Citação de Dahlet a Guimarães Rosa, *Noites do Sertão*, 1995. p. 821.

Vale observar que, nessa carta, o uso do travessão aproxima-se menos da pontuação de palavras que da pontuação de frases.

Ao tratar do hífen, Dahlet, em nota, fala sobre alguns recursos gráficos que buscam também dar conta “de uma certa elocução. Por exemplo [...] mediante o apagamento dos brancos intervocabulares” (2006, p. 81). Nesse sentido, incluo neste item a prática de Van Gogh de muitas vezes juntar palavras que são escritas separadamente ou, o contrário, separar uma palavra em duas. Tais ocorrências foram apagadas tanto na transcrição quanto na tradução. Contudo, esse apagamento é uma escolha proposital e declarada do Museu, em total acordo com o propósito de facilitar a leitura da correspondência do artista.

Com essa informação, passei também a observar o fac-símile com o objetivo de encontrar esse tipo de apagamento. Identifiquei três ocorrências:

Trecho	Manuscrito	Transcrito
6	Zooveelbengaan	zooveel ben gaan
9	datergevaar	dat er gevaar
11	Vermij den	Vermijden

Procurei apenas aludir a essa prática em dois momentos da tradução:

Trecho	
11	banhomaria
25	Es crever

Neste capítulo, explicitarei meu trajeto em direção ao texto de chegada. Dediquei bastante atenção à pontuação, um aspecto nem sempre abordado em tradução, mas que contribui muito para o ritmo de um texto, e o caso de Van Gogh não é exceção. Comentei também como o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1999) me auxiliou no processo.

A seguir, apresento os pressupostos metodológicos que usei para traduzir a carta: as modalidades de tradução de Francis Aubert e as tendências deformadoras de Antoine Berman.

3 METODOLOGIA

A tradução que me propus a fazer envolve, ao mesmo tempo, além das línguas de partida (inglês) e de chegada (português), um terceiro idioma, que aqui vou chamar de “língua de cotejo ou confrontação” (holandês). Desta última não tenho qualquer domínio (não falo, leio ou escrevo) mas, por meio da observação da transcrição e do fac-símile disponíveis online, consegui extrair da carta os elementos que me ajudaram a considerar melhor, na língua de chegada, o ritmo e a oralidade de acordo com o postulado por Meschonnic (2006; 2018), buscando uma forma possível de me acercar da letra do texto, como analisado por Berman (2013, p. 55). Os elementos que vou buscar na língua de confrontação são, em grande medida, conforme já ressaltai, os referentes à pontuação, no sentido amplo compreendido por Dahlet (2006), além de aliterações, repetições, rimas e citações em outros idiomas. Para viabilizar este processo, valho-me do paradigma indiciário de Ginzburg (1999).

Ao confrontar a tradução do Museu Van Gogh, a transcrição da carta em holandês e o fac-símile, minha intenção foi encontrar indícios que me permitissem chegar mais perto do “desconhecido”, uma das várias acepções de ritmo apresentadas por Meschonnic (2006, p. 9). Aludindo ao sistematizador do paradigma indiciário, posso dizer que, quando a tradução me pareceu opaca em alguns aspectos, busquei no texto em holandês “sinais e indícios” que me permitissem decifrá-la (GINZBURG, 1999, p. 177).

3.1 Modalidades de tradução

As escolhas adotadas em uma tradução fazem do resultado final um trabalho único. Porém, tais escolhas são exemplos de práticas que podem ser identificadas. O linguista e tradutor Francis H. Aubert (1998) elencou 13 modalidades de tradução que buscam avaliar o grau de proximidade/distância entre os textos original e traduzido. Elas (em especial a transposição e a modulação) foram utilizadas em diversos momentos da tradução, e estão descritas a seguir.

3.1.1 Omissão

Ocorre tanto quando determinado segmento textual do texto fonte quanto a informação que ele contém não podem ser recuperados no texto de chegada. Conforme explica Aubert,

As omissões podem ocorrer por muitos motivos, desde censura até limitações físicas de espaço [...], irrelevância do segmento textual em questão para os fins do ato tradutório específico – fins esses que nem sempre coincidem com os propósitos do ato de comunicação que gerou o Texto Fonte –, etc. (AUBERT, 1998, p. 105).

Entendo que possa ser considerada “omissa” boa parte das traduções de Van Gogh para o português (GOGH, 2015), pois, como já mencionado, em geral, as cartas foram traduzidas considerando-se especialmente os trechos que diretamente ajudam a elucidar de maneira mais objetiva a biografia do autor.

Justamente por terem um propósito outro, que não o de corroborar os fatos biográficos do autor, tanto a tradução do Museu Van Gogh quanto a minha se distanciam dessa modalidade.

3.1.2 Transcrição

É considerada por Aubert o “grau zero” da tradução. De acordo com ele, são transcritos aqueles segmentos do texto que pertencem

ao acervo de ambas as línguas envolvidas (p. ex. algarismos, fórmulas algébricas e similares) ou, ao contrário, que não pertençam nem à língua fonte, nem à língua meta e sim a uma terceira língua [...]. Ocorre ainda, transcrição sempre que o Texto Fonte contiver uma palavra ou expressão emprestada da Língua Meta. (1998, p. 106).

O que primeiro chamou minha atenção, instigando-me a me debruçar mais sobre o texto em holandês, foi justamente a tradução (para além do “grau zero”) dos numerais ordinais que, em holandês são grafados tal como em português, utilizando o símbolo (^o). Na tradução para o inglês, esses numerais foram escritos por extenso, o que me causou certo incômodo, dando origem a todo o processo descrito nesta dissertação. Por isso, a compreensão dessa modalidade é primordial para minha proposta de tradução. Nela, como será possível ver mais adiante, me preocupei em transcrever tanto quanto possível os elementos que pertencem ao português e ao holandês incluindo, portanto, os numerais e sinais de pontuação.

Além disso, assim como feito pelo Museu Van Gogh no caso das citações em inglês, eu as transcrevi como foram colocadas na carta original. Nesse ponto específico, encontramos dois exemplos de transcrição, já que, no caso do MVG, os termos *old boy* e *how not to do it* foram emprestados da língua de chegada e mantidos sem alteração no texto traduzido. No meu caso, também foi uma transcrição, tal como proposta por Aubert, mas no sentido de manter no texto de chegada segmentos que “não pertençam nem à língua fonte nem à língua meta” (1998, p.106), considerando-se, nesse caso, holandês e português, respectivamente. Transcrevi também as citações em francês.

3.1.3 Empréstimo

Essa modalidade de tradução ocorre quando “um segmento do Texto Fonte (é) reproduzido no Texto Meta com ou sem marcadores específicos de empréstimo (aspas, itálico, negrito etc.)” (AUBERT, 1998, p. 106). Como exemplo, Aubert cita os nomes próprios, incluindo os topônimos.

Minha busca foi, de fato, por emprestar termos da transcrição do MVG em detrimento dos termos utilizados na tradução. Na verdade, apenas um nome próprio, o da cidade de Prinsenhage, difere em relação à tradução do Museu. Optei por emprestar do holandês.

3.1.4 Decalque

Para Aubert, considera-se decalque

a palavra ou expressão emprestada “da língua fonte mas que (i) foi submetida a certas adaptações gráficas e/ou morfológicas para conformar-se às convenções da Língua Fonte (*sic*) e (ii) não se encontra registrada nos principais dicionários recentes da Língua Fonte (*sic*). (1998, p. 106).

3.1.5 Tradução literal

É a tradução “palavra-por-palavra”, desde que atenda as seguintes condições:

(i) O mesmo número de palavras (ii) na mesma ordem sintática, (iii) empregando as mesmas categorias gramaticais e (iv) contendo as opções lexicais que no contexto específico podem ser tidas por sendo sinônimos interlinguísticos. (AUBERT, 1998 p. 106).

3.1.6 Transposição

Assemelha-se à tradução literal, porém apenas ocorre quando ao menos um dos três primeiros critérios da tradução literal [(i), (ii) e (iii)] “deixa de ser satisfeito, ou seja, sempre que ocorrem rearranjos morfossintáticos”, de forma que

quaisquer combinações dos anteriores, por mais literais que os respectivos significados se apresentem, não constituirão segmentos textuais estruturalmente literais, sendo, assim, classificados como transposições. (AUBERT, 1998, p. 107).

Um dos exemplos que Aubert comenta é a fusão de duas palavras em uma única, tal como quando um sujeito explícito se torna um sujeito oculto. Essa foi, inclusive, uma das modalidades que coloquei em prática na maior parte da tradução.

3.1.7 Explicitação/Implicitação

Nessa modalidade,

Informações implícitas contidas no texto fonte se tornam explícitas no texto meta [...] ou, ao contrário, informações explícitas contidas no texto fonte e identificáveis com determinado segmento textual, tornam-se referências implícitas. (AUBERT, 1998, p. 107).

Essa modalidade tende à racionalização, clarificação e alongamento. Minha proposta de tradução tende mais à explicitação que à implicitação principalmente em razão das notas de rodapé. Cuidei para que não houvesse nada nesse sentido dentro do texto e tampouco identifiquei algo assim na tradução. Houve, contudo, acréscimos, modalidade também relacionada às mesmas tendências e que será descrita mais adiante.

3.1.8 Modulação

Para Aubert, modulação ocorre

sempre que um determinado segmento textual for traduzido de modo a impor um deslocamento perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenha o mesmo efeito geral de sentido no contexto e co-texto específicos. (1998, p. 108).

De acordo com o linguista, a modulação pode ir desde os detalhes até uma diferenciação tal que “somente pode ser recuperada considerando-se o sentido contextual” (Ibidem, p. 108).

Aubert explica que as modulações, tanto quanto as transposições, podem ser obrigatórias ou opcionais.

Uma hipótese a ser adequadamente investigada, sugere que as transposições e as modulações optativas representam parcela significativa da manifestação, no plano linguístico, da liberdade do tradutor. (Ibidem, p. 108).

Há transposições e modulações em minha proposta de tradução. Creio que, conforme suposto por Aubert foi nos momentos em que as transposições ou modulações se colocaram como as melhores possibilidades que eu mais trabalhei com os recursos que me dispus a usar, muitas vezes reiniciando a tradução de determinado trecho diversas vezes.

3.1.9 Tradução intersemiótica

Aubert relaciona este tipo de tradução especialmente com a tradução juramentada, que reproduz como “material textual” no texto de chegada, aquilo que no texto de partida são “figuras, ilustrações, logomarcas, selos, brasões e similares”. Ele exemplifica com uma ocorrência da tradução juramentada “À página 4, foto e firma do titular deste passaporte, bem como carimbo e assinatura ilegível da autoridade emitente” (AUBERT, 1998, p. 109).

Entendo que, no caso da epistolografia, esse tipo de tradução possa ser identificado com a materialidade da carta e da forma como o epistológrafo aproveita os espaços em branco, bem como as partes que rasura. Eventualmente, considero

que a tradução intersemiótica possa ser relacionada a algum tipo de comentário paleográfico.

Ainda que utilizando o fac-símile também como uma imagem para realizar o confronto com o texto transcrito e com o texto em inglês, eu me abstive de realizar essa modalidade de tradução por entender que foge bastante do objetivo principal desta dissertação. Creio, contudo, que a tradução intersemiótica tem uma relação bastante importante com a escrita epistolar.

3.1.10 Erro

Essa é a décima primeira modalidade descrita por Aubert e restringe-se ao que ele chama de “casos evidentes de ‘gato por lebre’” aos quais, entendo, não há justificativa plausível. De forma que

Esta categoria não abarca, portanto, as soluções tradutórias percebidas como “inadequadas”, estilisticamente inconsistentes etc., visto que em tais casos, torna-se inevitável um viés subjetivo, que poderia redundar em fortes distorções nos resultados finais. (AUBERT, 1998, p. 109).

Para realizar a proposta de tradução que apresentarei a seguir, não fiz qualquer busca por “erro”. Parti do princípio claro de que não há erros na tradução do Museu. Contudo, ainda que eventualmente houvesse algum eu não teria condições de identificá-lo. Por esse motivo, me senti bastante à vontade para traçar os caminhos que detalharei adiante, cuidando sempre para que nenhum dos passos me conduzisse a uma tradução errada.

3.1.11 Correção

Essa modalidade envolve “melhorar o texto meta em comparação com o texto fonte” em relação a “erros factuais e/ou linguísticos, inadequações e gafes” (AUBERT, 1998, p. 109). A tradução do Museu Van Gogh foi realizada com correções a aspectos específicos da escrita de Van Gogh. Nesse particular, minha proposta tem um viés diferente, porque as correções tendem a muitas vezes apagar a historicidade do texto. Em vários casos, ao confrontar a tradução ao português com a transcrição e/ou o fac-símile, mantive tal como no original alguns termos corrigidos pelo Museu Van Gogh. Um exemplo é a grafia da cidade onde moravam os tios de Vincent,

“Princenhage” que ele menciona como “Prinsenhage”. Resgatei essa grafia ao confrontar a transcrição com a tradução. Nesse caso, mantive a grafia do holandês.

Ressalto que, na própria transcrição, algumas correções foram realizadas sem que houvesse apontamento a respeito de cada uma. Houve, sim, a declaração do Museu de que esta foi uma postura adotada não de forma automática para todas as inconsistências, mas justamente para facilitar a leitura e permitir que o texto transcrito pudesse ser citado. Por isso, especificamente neste caso,

Trata-se de “qualquer segmento textual incluído no texto alvo pelo tradutor por sua própria conta, ou seja, não motivado por qualquer conteúdo explícito ou implícito do texto original. [...] Acréscimos podem ocorrer em várias circunstâncias distintas, por exemplo, na forma de comentários velados ou explícitos do tradutor, quando fatos que tenham ocorrido após a produção do texto justifiquem a elucidação” (AUBERT, 1998, p. 109).

3.1.12 Acréscimo

Não identifiquei essa modalidade na tradução do Museu Van Gogh, tampouco busquei realizar qualquer acréscimo.

Aubert salienta que as modalidades podem ocorrer individualmente ou de forma híbrida e, de fato, por várias vezes realizei combinações.

3.2 Tendências deformadoras

A prática da tradução, porém, implica a existência de perdas durante seu processo, as quais são tratadas por Antoine Berman na obra *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, em que ele critica um tipo de tradução classificada como etnocêntrica e hipertextual, nos seguintes termos:

Etnocêntrico significará aqui: que traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela — o Estrangeiro — como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura.

Hipertextual remete a qualquer texto gerado por imitação, paródia, pastiche, adaptação, plágio, ou qualquer outra espécie de transformação formal, a partir de um outro texto já existente. Gérard Genette (1982) explorou o espaço da hipertextualidade, incluindo a tradução.

A tradução etnocêntrica é necessariamente hipertextual, e a tradução hipertextual necessariamente etnocêntrica. (2013, p. 28).

Como manifestação desse tipo de tradução, Berman apresenta 13 tendências deformadoras que, como resultado, destroem a letra dos originais em benefício do sentido ou da estetização do texto, de acordo, logicamente, com os valores etnocêntricos da língua de chegada. Algo que, para Meschonnic (2010), se insere na problemática do “apagamento” que seria próprio da maioria das traduções – ao menos da Bíblia, que foi seu principal foco de interesse. Nesse sentido, todas as tendências enumeradas por Berman, assim como as modalidades previstas por Aubert seriam responsáveis pelo apagamento do ritmo, tal qual teorizado por Meschonnic.

Traduzir a Carta 179 colocou-me diante de várias das tendências sinalizadas por Berman, se não de todas, seja pelas minhas tentativas de tradução, seja pela tradução do Museu Van Gogh. Em ambos os casos, já que é impossível fugir a todas elas, como diz Berman, procurei de fato analisar até que ponto aplicar ou não determinada tendência em determinado local deformaria mais ou menos o texto.

Essas tendências são as que seguem.

3.2.1 Racionalização

Em relação às estruturas sintáticas do original, bem como à pontuação, racionalizar, tal como entendido por Berman, significa recompor “as frases e sequências de frases de maneira a arrumá-las conforme uma certa ideia da ordem de um discurso”, conduzindo “violentamente o original da arborescência (repetições, proliferação em cascata das relativas e dos participios, incisos, longas frases, frases sem verbo etc.) à linearidade” (2013, p. 70).

3.2.2 Clarificação

Definida por Berman como “inerente à tradução, na medida em que todo ato de traduzir é explicitante”, a clarificação complementa a racionalização e tanto pode, “por seu próprio movimento” manifestar algo que tenha sido ocultado no original, como ter o objetivo de “tornar claro” o que não é e não quer ser no original. “A passagem da polissemia à monossemia é um modo de clarificação. A tradução parafrásica ou explicativa, um outro” (Ibid., p. 71)

A opção por manter as citações em idiomas estrangeiros afasta minha tradução dessa tendência, quando comparada à do Museu Van Gogh.

3.2.3 Alongamento

Trata-se, em parte, de uma consequência das duas tendências mencionadas anteriormente e, portanto, também inerente ao fazer tradutório, que se constitui, ao mesmo tempo, um afrouxamento que “afeta a rítmica da obra” (BERMAN, 2013, p. 73).

3.2.4 Enobrecimento e vulgarização

O enobrecimento é a criação de traduções pretensamente “mais belas” ou mais elegantes que as originais. É uma “‘reescritura, um exercício de estilo’ a partir (e às custas) do original”. O enobrecimento é complementado e, ao mesmo tempo, contraposto pela “vulgarização”, que envolve o uso de “pseudogírias” ou “pseudoregionalismos” (Ibid., p. 74).

3.2.5 Empobrecimento qualitativo

Uma tradução qualitativamente empobrecedora utiliza-se da “substituição dos termos, expressões, modos de dizer etc. do original por termos, expressões, modos de dizer, que não têm nem sua riqueza sonora, nem sua riqueza significativa ou — melhor — icônica” (Ibid., p. 75). Conforme explica Berman,

a iconicidade tem a ver com o termo que “cria imagem” ou “produz uma consciência de semelhança” com seu referente. É icônico o termo que, em relação ao seu referente, “cria imagem”, produz uma consciência de semelhança. (2013, p. 75-76).

3.2.6 Empobrecimento quantitativo

Refere-se a um “desperdício lexical”, que considera o significado e desconsidera a multiplicidade de significantes para determinados termos, implicando menos significantes na tradução. Pode perfeitamente coexistir com o alongamento, considerando-se que, por vezes, a inserção de artigos ou pronomes ou conjunções alongam o texto, mas não guardam relação com o texto de origem.

3.2.7 Homogeneização

É uma tendência que reúne boa parte das anteriores e diz respeito a não reproduzir na tradução o que há de heterogêneo no texto original, criando uma unificação que não existe neste. No caso de Van Gogh, vale dizer que as particularidades da grafia do escritor geram uma iconicidade no texto que acaba por se perder com a normalização do texto, que, portanto, implica numa homogeneização.

3.2.8 Destruição dos ritmos

Embora, de acordo com Berman, a prosa tenha um ritmo próprio, que faz até uma “má” tradução ser capaz de prender o leitor, alterações como mudanças na pontuação podem deformar consideravelmente a rítmica do texto.

3.2.9 Destruição das redes significantes subjacentes

Berman explica que em toda obra há um texto subjacente, que traz significantes que se encadeiam, se correspondem e formam redes que só se manifestam numa leitura mais atenta. Pois esse subtexto ajuda a compor o ritmo da obra. Portanto, “a tradução que não transmite tais redes *destrói* um dos tecidos significantes da obra.” (BERMAN, 2013, p. 78-80).

3.2.10 Destruição dos sistematismos textuais

Outra tendência que Berman cita é a de destruir os sistematismos – utilizações sistemáticas de determinadas construções sintáticas. São exemplos a utilização dos tempos ou de determinadas construções sintáticas ou pontuações. Ele explica que racionalização, clarificação e alongamento destroem e promovem essa destruição ao introduzir elementos que esse sistema, por essência, exclui. Como consequência, ele explica que, ainda que o texto traduzido “seja mais homogêneo que o original, ele também é mais incoerente, mais heterogêneo e mais inconsistente”. Quanto à relação dessa deformação com as demais, ele afirma: “A homogeneização não pode dissimular a sistematicidade mais que o alongamento esconder o empobrecimento quantitativo” (BERMAN, 2013, p. 80-81).

3.2.11 Destruição (ou a exotização) das redes de linguagens vernaculares

Quando uma tradução substitui termos específicos de uma língua por outros do idioma de chegada, acaba-se por destruir as redes de linguagens vernaculares. Um dos exemplos que Berman cita é a substituição de “*porteño*” por “habitante de Buenos Aires”. Ele afirma que: “O apagamento dos vernaculares é um grave atentado à textualidade das obras em prosa.” (BERMAN, 2013, p. 82).

Como alternativa, o autor apresenta a exotização, que pode vir na forma da grafia em itálico, geralmente seguida por algum tipo de acréscimo. Mas ele alerta sobre o risco de cair na vulgarização

ao passar um vernacular estrangeiro para um vernacular local. [...] Infelizmente, o vernacular não pode ser traduzido a outro vernacular. Só as coínés, as línguas “cultas”, podem entretraduzir-se. Tal exotização, que transpõe o estrangeiro de fora pelo de dentro, só consegue ridicularizar o original. (BERMAN, 2013, p. 81-83).

3.2.12 Destruição das locuções

Essa deformação diz respeito às expressões vernaculares, como os provérbios ou figuras de linguagem, geralmente existentes também em locuções (ou idiotismos) de outros idiomas. De acordo com Berman:

As equivalências de uma locução ou de um provérbio não os substituem. Traduzir não é buscar equivalências. Ademais, querer substituí-los significa ignorar que existe em nós uma consciência-de-provérbio que perceberá imediatamente no novo provérbio, o irmão de um provérbio local. (2013, p. 84).

3.2.13 Apagamento das superposições de línguas

Na tradução, a relação de tensão e de integração que originalmente existe entre o vernacular e a língua culta (coíné) ou entre a língua subjacente e a língua de superfície, por exemplo, pode vir a se apagar.

Minha intenção não é a de que esta tradução resulte em um texto “que o autor escreveria caso escrevesse em português”, mas, sim, a de cuidar especialmente para que o “etnocentrismo” (BERMAN, 2013, p. 68) não dê a tônica do texto de chegada, ainda que fazendo algumas escolhas em prol do ritmo, que “não

está em nenhuma palavra separadamente, mas em todas juntas” (MESCHONNIC, 2006, p. 4).

Na concepção de Antoine Berman, as cartas se encontram no domínio da grande prosa literária – da qual o romance é o maior expoente (2002, p. 68). Nessa perspectiva literária, eu desenvolvi a tradução da Carta 179 e entendo ser a principal diferença do projeto levado a cabo pelo Museu Van Gogh. que afirma:

Esta, portanto, não é uma tradução literária, nem interpretativa. Van Gogh escreveu o que escreveu. Tudo o que tivemos que fazer foi traduzir, e não reinterpretar ou distorcer as palavras.

[...]

Traduções de poesia nem sempre rimam, já que a preferência pela rima, às vezes, pode distorcer o sentido.¹³ (grifos meus)

Neste capítulo, abordei os pressupostos metodológicos que me guiaram ao longo do processo: modalidades de tradução de Francis Aubert, tendências deformadoras, de Antoine Berman e o conceito de ritmo de Henri Meschonnic, com exemplos de ocorrências na carta, quando cabível.

Assim, após as contextualizações pertinentes, apresento, no capítulo a seguir, a tradução da carta e seus comentários, além de uma tabela em que constam o texto original em holandês, a versão para o inglês do MVG, uma tradução com a pontuação convencional e a tradução final.

¹³ Disponível em: http://www.vangoghletters.org/vg/about_4.html#intro.VI.4.2.1. Acesso em: 30 jan 2020

4 TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS

Neste capítulo, apresento a tradução completa da Carta 179. Para facilitar a leitura, coloco inicialmente a tradução na íntegra, seguida de uma tabela em que constam o texto em holandês, sua tradução para o inglês, uma tradução gramaticalmente correta para o português e a tradução final.

Uma infinidade de definições pode ser atribuída a uma carta. Desde as mais reduzidas, como um “espaço entre dois” (GODOY, 2010), até as mais reflexivas, como “o refúgio privilegiado do sentimento, do desabafo e da verdade do eu comunicado a quem for digno de os conhecer” (CHARTIER, *Avant Propos*, In: HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 31). Isso sem contar outras formas de análise como o fato de ser “um objeto (que se troca), um ato (que põe em cena eu, ele e outros), um texto (que pode ser publicado)...” (LEJEUNE, 2014, p. 292).

Em comum, porém, “há, nas cartas, um discurso que deve trazer um arranjo adequado de palavras, mas sem se distanciar do caráter presente num diálogo” (CRICELLI, 2019, p. 28). E isso vemos a todo o tempo em Van Gogh, que, além de frequentemente instar o irmão a responder suas colocações, como em “*Agora, old boy, apaixonar-te agora e conta-me*”¹⁴ e, não raro, chegava a antecipar o que o irmão eventualmente lhe diria:

Quando eu ouvi aquele nem agora nem nunca neste verão, Oh, Deus, como foi terrível [...] E sim — por um momento, me jogou no chão, por assim dizer [...] então me levantei, não resignadamente, mas acreditando e não tinha outro pensamento se não: Ela e nenhuma outra! Tu me dirás: Do que vais viver se a conquistares? ou talvez Não a terás. Mas, não, tu não vais falar assim (VAN GOGH, 2009b, Carta 180).¹⁵

Além dos elementos menos tangíveis, uma carta requer alguns componentes indispensáveis: um exórdio, constituído basicamente pela data e pelo vocativo; a narração ou desenvolvimento “que pode compreender todos os tipos de

¹⁴ Carta 179, trecho 21

¹⁵ When I heard the ‘no, nay, never’ this summer, O God, how terrifying that was [...]. And yes — for a moment it cast me to the ground, as it were. [...] Then I got up, not resignedly but believing, and had no other thought than: She and no other! You will say to me, What will you live on if you win her?, or perhaps, You won’t get her. But no, you won’t talk like that.

outras formas de relatos, descrições diálogos reproduzidos ou encenados, anedotas, enigmas para prender a atenção do correspondente” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 35) e a conclusão, da qual faz parte algum resumo ou reafirmação, e as despedidas em suas incontáveis fórmulas. As que menciono a seguir são de um manual brasileiro de meados do século passado:

Nas cartas familiares fecha-se com expressões de amizade, como por exemplo “Muitas saudades do amigo Fulano” [...] Nas cartas mais cerimoniais, o fecho pode ser assim: “Subcrevo-me com a mais distinta consideração de V.S.Atº Vr”. (FREITAS, 1957, p. 10).

A escrita epistolar de Van Gogh segue essa estrutura. No caso da carta e de sua tradução, a serem apresentadas adiante, é possível reconhecer o exórdio nos itens 1 e 2, o desenvolvimento, do item 3 ao 21, e a conclusão, do item 22 ao 26.

Sobre essa estruturação, outra divisão também é possível, a que considera o “texto livre, que contém a mensagem da carta; e o texto codificado, que rege a forma de envio (data, destinatário, fórmula de polidez final)” (PAGÈS, 2017, p. 113). Quando as cartas são tomadas exclusivamente como apoio à biografia ou à obra de determinado autor, é comum que as traduções dediquem-se aos excertos do texto livre, dispensando-se o texto codificado.

Entendo que uma tradução epistolar deva levar em conta também os aspectos estruturais e as muitas peculiaridades de uma carta. Nesta minha proposta de tradução, procurei dar igual atenção a todas as partes da carta, inclusive o texto codificado. Vale aqui menção a um item certamente dentre os mais corriqueiros, a data que “não representa apenas uma indicação cronológica [...]. Trata-se igualmente de um gesto performativo”. A datação da Carta 179 é um exemplo, já que Van Gogh, por vezes, substituí a grafia dos meses de setembro e novembro pelos numerais (7 e 9) indicativos de seus respectivos radicais.

Preciso, contudo, ressaltar que traduzir cartas de um dos maiores pintores da humanidade, para quem “dizer uma coisa bem é tão interessante e difícil quanto pintá-la” e que, ao mesmo tempo em que desejava ser lembrado como alguém que “sentia profundamente e sutilmente apesar de sua rudeza – e talvez por causa dela”

(VAN GOGH, 2009b, Carta 249)¹⁶ não é tarefa fácil. A cada trecho, a sensibilidade e a rudeza ditam o ritmo. Por isso, foram tantos os desafios e tantas as preocupações, idas e vindas, que resultaram na seguinte tradução, na qual enumerei cada parágrafo de forma a facilitar sua localização na Tabela Comparativa:¹⁷

4.1 Carta 179

¹ *Etten, 3/9 /1881*

² *Caro Theo,*

³ *Há algo em meu coração que quero te contar. Talvez já saibas algo sobre isso & o que eu vou te contar não seja novidade.*

⁴ *Eu queria te dizer que nesse verão eu passei a amar tanto a Kee Vos que não consegui encontrar outras palavras para isso senão que “é como se a Kee Vos fosse a pessoa mais próxima de mim e eu a pessoa mais próxima da Kee Vos”. e — eu disse essas palavras para ela. Mas quando eu disse isso, ela respondeu que seu passado e seu futuro eram uma coisa só e portanto nunca poderia corresponder aos meus sentimentos.*

⁵ *Então me vi num dilema terrível sobre o que fazer, resignar-me com aquele nem agora nem nunca ou — ainda não dar o assunto por terminado e considerar a questão pronta & acabada e tomar coragem e não desistir ainda.*

⁶ *Escolhi o último.— E até agora não me arrependi dessa decisão apesar de ainda me confrontar com aquele nem agora nem nunca.*

⁷ *Naturalmente desde então sofri uma série de “petites misères de la vie humaine”¹⁸ que, se fossem escritas em um livro, talvez servissem para entreter uns ou outros ainda que possam ser bem desagradáveis quando vivenciadas. Contudo até agora*

¹⁶ In short, I want to reach the point where people say of my work, that man feels deeply and that man feels subtly. Despite my so-called coarseness — you understand — perhaps precisely because of it.

¹⁷ As notas que escoltam esta tradução baseiam-se naquelas disponibilizadas pelo MVG e têm, no contexto desta dissertação, o objetivo de “especificar a data e o local de publicação de uma obra ou artigo ao qual a carta faz referência” (BECKER, 2013, p. 150).

¹⁸ De acordo com o MVG, esta citação refere-se ao título do livro *Petites misères de la vie humaine*, escrito por Emile Daurand Forgues (Old Nicjk) e ilustrado por Jean Ignace Isidore Gerard (Grandville) em 1843.

estou feliz por ter deixado a resignação ou o método “how not to do it”¹⁹ a quem lhe apetecer & de minha parte ter tomado um pouco de coragem. Entendes que em casos como esse é surpreendentemente difícil saber o que é possível fazer, permitido fazer & o que deve ser feito. Mas “vagando encontramos o caminho”²⁰ & não ficando sentados

⁸ Uma das razões pelas quais não te escrevi a respeito até agora é que a situação em que me encontrava era tão vaga & indecisa que não conseguiria te explicar.

⁹ Agora contudo progredimos a tal ponto que falei sobre isso — além dela— com o Papai e a Mamãe, com o Tio e a Tia Stricker & com o Tio & a Tia em Prinsenhage. O único, a me dizer, ainda que de um jeito muito informal e reservado, que de fato eu teria uma chance se trabalhasse duro & prosperasse é alguém que eu nunca iria imaginar, o Tio Cent. Ele se divertiu com a forma como lidei com o nem agora nem nunca da Kee ou seja sem dar tanto peso fazendo troça, não vou levar milho nenhum para o moinho do nem agora nem nunca, da Kee Vos p ex eu desejo a ela tudo de bom, exceto por esperar que o tal moinho de farinha vá à falência. Da mesma forma não me importei muito quando o Tio Stricker falou sobre o perigo de que eu “destruísse relações amigáveis & rompesse laços antigos” ao que respondi que na minha opinião o caso em questão longe de romper laços antigos poderia renovar os laços antigos onde reparos fossem necessários. Enfim espero continuar assim e me manter longe da melancolia & do pessimismo. Enquanto isso trabalhando duro e desde que a conheci meu trabalho está indo muito melhor.

¹⁰ Eu disse que agora a situação está se tornando um pouco mais decidida.

¹¹ ^{1º} Kee diz nem agora nem nunca e além disso creio eu que terei uma enorme dificuldade com as pessoas mais velhas que já consideram a questão pronta & acabada e vão tentar me forçar a desistir. Por enquanto porém, acredito que eles vão proceder com bastante cuidado levando-me em banhomaria até que a grande comemoração do Tio e da Tia Stricker (em Dezembro) tenha terminado. Porque eles querem evitar escândalo. Depois disso porém receio que sejam tomadas medidas para se livrarem de mim.

¹⁹ De acordo com o MVG, essa é uma expressão frequentemente usada por Van Gogh e foi tomada do livro *A pequena Dorrit*, de Charles Dickens.

²⁰ De acordo com o MVG (<http://vangoghletters.org/vg/letters/let179/letter.html#n-4>), retirada do poema *Onvermoeid* escrito por P.A. de Génestet, em 1869 (<http://cf.hum.uva.nl/dsp/ljc/genestet/onvermoe.html>).

¹² *Perdão pelos termos um tanto duros que estou usando para me posicionar contigo; admito que as cores estão um pouco duras & as linhas um pouco pesadas mas com isso a imagem que terás da situação será mais clara do que se eu ficasse com rodeios. Por isso não me tenhas como alguém que não respeita as pessoas mais Velhas.*

¹³ *Só que eu acredito que eles têm uma posição contrária e quero que enxergues isso. Eles vão tentar garantir que Kee & eu não possamos nos ver nem falar ou escrever um ao outro só porque eles compreendem perfeitamente que, se nós nos víssemos falássemos ou escrevêssemos haveria uma chance de mudança nos sentimentos da Kee. A própria Kee acha que nunca vai mudar de opinião & ainda que as pessoas mais velhas tentem me convencer que ela não pode mudar eles todavia temem tal mudança.*

¹⁴ *As pessoas mais velhas mudarão de ideia sobre o caso não quando a Kee mudar de ideia Mas sim quando eu me tornar uma pessoa que ganhe pelo menos f 1000 ao ano.— Mais uma vez, perdoe-me pelos contornos duros que estou dando às coisas. Ao mesmo tempo em que os mais velhos não têm muita compaixão por mim acredito que alguns dos mais jovens serão capazes de entender minha atitude Talvez Theo — talvez já tenhas ouvido que eu quero forçar a situação & expressões semelhantes Mas quem é que não entende como é absurdo forçar o amor! Não isso está longe longe de mim. Mas não é injusto nem irracional desejar que a Kee & eu em vez de sermos proibidos de nos ver possamos nos ver, falar e escrever um ao outro, de forma que ao nos conhecermos melhor, sejamos capazes de perceber por nós mesmos se fomos ou não feitos um para o outro. Um ano de contato um com o outro seria benéfico para ela & para mim no entanto os mais velhos estão inflexíveis neste ponto. Se eu fosse rico todos eles falaria diferente*

¹⁵ *Mas agora entendes que espero fazer todo o possível para me aproximar dela e declaro que*

¹⁶ *Eu a amarei por tanto tempo²¹*

¹⁷ *Que ao fim serei amado também.*

¹⁸ *Plus elle disparaît plus elle apparaît²².—*

²¹ De acordo com MVG Últimos versos do poema *De edelmoedige wedervergelding* (The noble retaliation) de Hieronymus van Alphen.

¹⁹ Theo, tu não te apaixonas também às vezes, eu gostaria que sim pois creia-me essas “petites misères” têm algum valor. Às vezes sentimo-nos desolados, há momentos em que estamos no inferno, por assim dizer, mas — também há outras & melhores coisas ligadas a isso. Existem 3 etapas, 1º não amar & não ser amado, 2º amar & não ser amado (o caso em questão), 3º amar & ser amado.—

²⁰ Eu digo que a segunda etapa é melhor que a primeira, mas a terceira! É o que há!

²¹ Agora, old boy, apaixonar-te agora e conta-me. Fique tranquilo sobre o caso em questão e tenha alguma compaixão por mim. Naturalmente, eu preferiria um sim e um amém, mas enquanto isso eu estou bem feliz com meu “nem agora nem nunca” Para mim, isso significa algo, mas pessoas mais velhas & mais sábias dizem que não é nada. Rappard esteve aqui, trazendo aquarelas que estão ficando muito boas. Mauve chega em breve, espero, caso contrário vou ter com ele. Estou desenhando muito e creio que está ficando melhor, estou trabalhando muito mais com o pincel do que costumava. Agora está tão frio que praticamente tudo o que faço é desenhar figuras interiores, costureira cestaria &c.

²² Um aperto de mão em pensamento & escreva logo & creia-me

²³ t a t

²⁴ Vincent

²⁵ Eles queriam que eu promettesse não dizer ou escrever mais nada sobre este assunto mas não pude prometer, ninguém no mundo na minha opinião pode em sua consciência exigir tal coisa de mim (ou de qualquer outro na mesma situação). Eu só garanti ao Tio Cent que deixaria de acreditar para o tio Stricker por enquanto, até que circunstâncias imprevistas trouxessem essa necessidade. Uma cotovia não para de cantar na primavera.

²⁶ Se em algum momento te apaixonares e receberes um nem agora nem nunca não te contentes com isso! mas és tão felizardo que algo desse tipo provavelmente nunca te acontecerá, eu espero.

22 O MVG identifica esta frase como uma “possível citação”, porém, não aponta a fonte (<http://vangoghletters.org/vg/letters/let179/letter.html#n-9>).

4.2 Amar, verbo traduzido

Inicialmente, meu maior interesse voltou-se para a pontuação e como a decisão de respeitar ou não o original poderia afetar o ritmo do texto. Esse olhar acabou me levando adiante, apesar de meus limites com o holandês. Contudo, foi justamente esse desconhecimento que me permitiu atentar para itens que não se detêm na questão do sentido, como pode acontecer inicialmente quando traduzimos de uma língua para outra conhecendo bem a ambas. Como consequência, passei a me voltar também a alguns itens lexicais e, aos poucos, pude entender que tais escolhas também interferem, e muito, no ritmo, na panrítica do texto.

E, na busca pelo ritmo, entendi que pontuação e escolhas lexicais não são dois assuntos apartados.

Dado o uso do holandês mais antigo que Van Gogh fazia em sua escrita, bem como da pontuação que ele próprio adotava, a leitura das cartas, até mesmo em holandês, pode causar estranhamento ao leitor atual nativo. Busquei, de fato, manter esse estranhamento, unido à compreensão, sem que soasse artificial em português.

Por isso, refletir sobre as escolhas que Van Gogh fez ao usar verbos diferentes para falar, por exemplo, de amor, foi um desafio grande e com muitos meandros. Mas também me lancei a ele buscando me abrir para escutar as palavras, para sentir a língua e encontrar soluções que guardassem o ritmo.

Assim, antes de comentar trecho a trecho, vale a pena dar destaque a um caso bastante especial, o do verbo “amar”. A tradução a partir do inglês resultou, em princípio, na manutenção de todas as ocorrências de *love* por “amar” e seus derivados. Contudo, o confronto com o holandês me mostrou que Van Gogh usou três termos para falar desse sentimento: *houden van* (trecho 4); *verliefd* (trechos 19, 21, 26) e *beminnen* (trechos 16, 17 e 19). De forma que, buscando me afastar da homogeneização (BERMAN, 2013, p. 77), propus-me a manter a heterogeneidade demonstrada por Van Gogh.

O desafio passou a ser, então, traduzir cada um dos termos, visto que: ele usou verbos diferentes dependendo da situação. *Houden van*, quando contou sobre a mudança de sentimentos em relação à prima Kee Vos (4) e *beminnen* para comentar dos sentimentos que tinha por ela (16, 17 e 19). Para falar do amor de maneira mais

geral, usou o adjetivo *verliefd* – apaixonado (19, 20 e 21). Nesses casos, mantive o adjetivo ou substituí pelo verbo “apaixonar-se”.

Assim, a questão passou a ser como traduzir *houden van* e *beminnen* de maneiras diferentes, já que em holandês foram utilizados dois verbos. Inicialmente, busquei no Google Tradutor quais verbos, em holandês, aparecem como traduções possíveis para o verbo “love”, em inglês, e encontrei:

Holandês	Inglês	Frequência em traduções (de 3 a 1 em ordem decrecente)
houden van	love, like, fancy	2
<i>liefhebben</i>	love, cherish	2
beminnen	love, cherish	1
<i>dol zijn op</i>	rave about, love	1
<i>graag hebben</i>	love	1
<i>minnen</i>	love	1
<i>liefkozen</i>	chuck, caress, cuddle, cocker, canoodle, love	1
<i>gaarne hebben</i>	love	1
<i>doldraag doen</i>	love	1

Os tradutores automáticos, ao menos até o momento das pesquisas, apresentavam resultados mais completos, comparativamente, partindo do holandês para o inglês em relação àqueles do holandês para o português. Por isso, boa parte de minhas pesquisas seguiu essa trilha (holandês – inglês – português). A exibição da “frequência com que uma tradução aparece em documentos públicos no Google Tradutor”,²³ por exemplo, é uma das diferenças.

Com base nesse levantamento, pensei em traduzir *houden van* por gostar, (baseando-me em *fancy*), já que gostar também significa dedicar amor, amizade ou simpatia a alguém (HOUAISS, 2004, p. 1.468). Já *beminnen*, nesse momento, traduzi por “sentir estima”.

Contudo, percebi que, seguindo essa linha, nenhum dos verbos seria traduzido por “amar”, e retornei à pesquisa.

²³ Frequency indicators now mark each translation as common, uncommon, or rare, based on the vast number of translations we use to train our system. The rarest translations are hidden by default, but appear easily with a click. Disponível em: <https://translate.googleblog.com/2012/10/a-smarter-dictionary-for-translation.html>. Acesso em: 4 jul 2020

Lancei, então, no Google a pergunta “*What’s the difference between ‘houden van’ e ‘beminnen’*”, e as respostas foram no sentido de que, embora sinônimos, “*beminnen*” é um termo antigo, mais formal.²⁴ Voltei a considerar “estimar”, (como verbo, e não como locução verbal) em razão justamente de sua formalidade. Contudo, trata-se de um autor sensível e que “pesa nos contornos” (VAN GOGH, 2009b, Carta 179), e estimar não tem o mesmo peso de “amar” na Língua Portuguesa. De tal forma que, ser fiel ao vocábulo ou à etimologia da língua de origem implicaria, nesse caso, uma quebra de registro, ou uma incoerência entre registros na língua de chegada (que soaria ora mais formal, ora mais informal).

Retornei ao meu incômodo com os dois verbos e me vi na situação descrita por Antoine Berman como aquilo “que se pode chamar de drama do tradutor”, (BERMAN, 2002, p. 15). pois, de um lado, poderia utilizar dois verbos diferentes, servindo assim à obra, à língua estrangeira, e de outro, utilizar o verbo amar para as duas situações, servindo assim à língua própria”

Como elemento que me ajudasse a decidir, procurei ouvir as frases “*Zoo lang zal ik haar beminnen*” e “*Tot ze in ’t eind mij ook bemint*”. Com isso, me dei conta de que ambas terminam com palavras de som parecido, pois, de fato, trata-se de duas formas do verbo: *beminnen*, infinitivo e *bemind*, particípio passado. A grafia do particípio está incorreta (bemint/bemind), mas a semelhança sonora se mantém..

A partir dessa percepção, deixei de me centrar na importância de variar o verbo. Passei a considerar mais importante encontrar uma saída poética, visto que, conforme o Museu Van Gogh, trata-se dos dois últimos versos do poema “*De edelmoedige wedervergelding*” de autoria de Hieronymus van Alphen (1857).²⁵

Portanto, decidi traduzir tanto “*houden van*” como “*beminnen*” por amar. E assim cheguei à forma final:

Eu a amarei por tanto tempo
Que ao fim serei amado também.

²⁴ Disponível em: <https://hinative.com/en-US/questions/2913227>. Acesso em: 13 maio 2020.

²⁵ Disponível em: <http://www.vangoghletters.org/vg/letters/let179/letter.html>, nota 8. Acesso em: 13 maio 2020

4.3. Comentários à tradução da Carta 179

A seguir, apresento individualmente cada trecho (parágrafo) traduzido para o português (P) e os comentários correspondentes. Para facilitar o acompanhamento dos comentários, incluo também a tradução para o inglês do MVG (I) e a transcrição do holandês (H).

1	
P	<i>Etten, 3/9 1881</i>
I	<i>Etten, 3/9 1881</i>
H	<i>Etten, 3/9 1881</i>

De acordo com o MVG, em cinco cartas, dentre as quais a 179, Van Gogh, adota a seguinte prática: identificar os meses de setembro e novembro usando o numeral correspondente ao prefixo em latim do mês em questão. Setembro, portanto, passa a ser identificado pelo número 7 (*septem*) e novembro, pelo número 9 (*novem*).

²⁶ Dessa forma, 3/9/1881 corresponde a 3 de novembro de 1881.

Mantive a forma de datação.

1	
P	Caro Theo,
I	<i>My dear Theo,</i>
H	<i>Waarde Theo,</i>

Aparentemente simples, o confronto com o holandês me mostrou que poderia ser bastante complexa esta escolha do vocativo. A tradução literal de *Waarde Theo*, no DeepL, indica “Theo de Valor” ou “Valor Theo”; no Google, “Meu querido Theo”. Passei então a procurar sinônimos para “querido” e encontrei: *beste*, *geachte*, *lieve*, *honing*. Nenhum, portanto, semelhante a “*waarde*”. Procurei também como Vincent se referia a outras pessoas em suas cartas, e encontrei: *Beste* (Carta 163, a seus pais); *Amice* (Carta 176, para Rappard); *Geachte* (Carta 315, para Mr. Zwart);

²⁶. A mesma prática é vista nas Cartas 157 (*Cuesmes 7 7^{bre} 1880*); 180 (*Etten 7/9 1881*); 184 (*Etten 12/9-1881*) e 185 (*Vrijdag 18/9-1881*). Disponível em: <http://www.vangoghletters.org/vg/letters/let157/letter.html>. Acesso em 5 jul 2020:

Mjin lieve (Carta 24, para Betsy). Na Carta 74, assinada por Vincent e seus pais, dirigida a Theo – usam *beste* Théo. Daí depreendi que traduzir “*Waarde Theo*” por “*My dear Theo*” mantém o sentido, mas afasta-se um pouco da letra (BERMAN, 2013). Minha primeira tradução, baseada apenas no texto do Museu Van Gogh, foi “Meu querido Theo”. Porém, após confrontar com o texto em holandês, percebi que essa opção seria bastante explicativa e até mesmo alongadora. Assim, para diminuir o afastamento entre letra e sentido, optei por: a) excluir o pronome pessoal, pois ao pesquisar percebi que Vincent também fez uso do pronome pessoal em outra situação, portanto o uso ou não do pronome era proposital; b) em seguida, após encontrar tantos sinônimos para “querido”, alguns até usados por ele, mas nenhum semelhante a *waarde* – que, por sua vez, relaciona-se com “valor” –, optei por deixar “Caro Theo”, o que, por fim, configurou-se uma tradução literal (AUBERT, 1998).

Esse é um dos percursos que desenvolvi ao longo da tradução, orientando-me pelo paradigma indiciário, “tipo de conhecimento (em que) entram em jogo [...] elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição” (GINZBURG, 1999, p. 177 e 179).

Assim como fiz com “Theo”, emprestei (na concepção de Aubert) os nomes próprios ao longo de todo o texto, mantendo a grafia original.

3	
P	Há algo em meu coração e eu quero te contar. Talvez já saibas algo sobre isso & o que eu vou te contar não seja novidade.
I	<i>There's something on my mind that I want to tell you. Perhaps you already know something about it, and what I'm telling you isn't news.</i>
H	<i>Er ligt me iets op 't hart dat ik U vertellen wil. Misschien weet ge er reeds iets van & vertel ik U geen nieuws.</i>

A primeira frase desse trecho foi bastante desafiadora. Partindo do inglês *There's something on my mind that I want to tell you.*, minha tradução foi “Há algo em minha mente que eu quero te contar”. Porém, o confronto com o holandês, mostrou a palavra *hart* (coração), que desapareceu nas traduções para o português do DeepL: (“Há algo em minha cabeça que quero te dizer”), e do Google (“Há algo em minha mente que eu quero lhe dizer”). Este foi um caso em que preferi um termo usado em holandês, ainda que divergindo da tradução do Museu Van Gogh, por entender que o termo coração representa a força dos sentimentos externados ao longo da carta.

É muito importante ressaltar que, para a prática desse trabalho minucioso, de atenção à sinonímia e à etimologia, as sessões de orientação foram fundamentais, pois muitas vezes não nos damos conta do quanto nosso olhar etnocêntrico e hipertextual pode inadvertidamente influenciar e, por vezes, reduzir nossas escolhas.

O trecho transcrito também trouxe à frente outra escolha fundamental em direção ao ritmo. Em inglês, não há atualmente uma diferenciação entre tu/você/senhor(a). *You* abarca todas essas formas de tratamento. Porém, em holandês há uma diferenciação entre o formal (*U*), equivalente a senhor(a) e o informal (*je*), que significa tu/você.

Pensando nessa diferenciação, inicialmente, procurei nortear minha decisão em função da formalidade. Não imaginei que Vincent chamasse seu irmão de “senhor”, inclusive por ser mais velho que Theo. Mas quis entender se esse tratamento era apenas dado ao irmão ou a outros também, incluindo membros da família. Além disso, pesquisei de que forma os familiares respondiam a ele.

Verifiquei em outras cartas que *U* era a forma de tratamento usada por Vincent em sua grande maioria, tanto para familiares como para quem não era da família. Contudo, Theo não tratava o irmão da mesma forma, e o mesmo valia para outros familiares, que utilizavam *je*. Concluí, então, que o uso de *U* por parte de Vincent, era indistinto em relação ao destinatário: tanto os mais próximos quanto os mais distantes poderiam ser tratados por *U*. Desse modo, a formalidade deixou de ser um parâmetro.

Minha primeira opção foi pelo pronome “tu”, pela forma como senti o ritmo na carta. Foi uma escolha bastante pessoal, baseada na sensação de que a utilização do “tu” soaria melhor em uma carta do século XIX, possivelmente herdada de leituras prévias da literatura carioca (como Machado de Assis, mais especificamente).

Porém, no intuito de compreender melhor tal escolha, passei a buscar estudos de cunho mais histórico a respeito da utilização de “tu” e “você” no português do Brasil em cartas do século XIX, e felizmente encontrei vários. De forma geral, o século de Van Gogh foi o que presenciou o início da suplantação do “tu” pelo “você”. Essa forma de tratamento aos poucos foi se tornando mais e mais comum no Brasil até que, na segunda metade do século XX, já se tornara a mais frequente na maior parte do território nacional, enquanto “tu” seguia mais utilizado apenas em locais bastante específicos, como até hoje:

até os anos 70 do século XIX usava-se o tu de intimidade, mas [...] a partir daí passou-se a usar também o você como tratamento de intimidade (Biderman, 1972-1973, p. p. 362-364). Por sua vez, Paredes Silva (2000), em suas análises a partir de peças teatrais, comprovou que até o início do século XX era o pronome tu (com as flexões correspondentes) que predominava no tratamento íntimo do ouvinte, na área do Rio de Janeiro (Paredes Silva, 2011, p. 248). (CAVALHEIRO, 2016, p. 212).

Assim, ao entender melhor a passagem da forma de tratamento “Vossa Mercê” para “Você” e considerando que Vincent usava “U” tanto nas correspondências familiares quanto nas administrativas/comerciais, “Você” passou a ser uma escolha bastante plausível:

até por volta de 1500, as duas maneiras de se dirigir ao interlocutor no português arcaico eram o tuteamento familiar (tu) e o voseamento respeitoso (vós) e que só por volta do final do século XVI as formas de Vossa Mercê começaram a aparecer nos registros portugueses. Neles encontravam-se as variantes vocemecê, vancussê, vancê (2011, p. 268). Sendo assim, conforme Teyssier (1997), Vossa Mercê, no Brasil, ao mesmo tempo em que passava a você por erosão fonética [...] perdia, por erosão semântica, o seu valor de tratamento respeitoso para assumir o de tratamento familiar (Teyssier, 1997, p. 89). Com o passar do tempo e com a independência do Brasil, houve a adaptação linguística do português à cultura brasileira, o que fez com que, conforme Biderman (1972-1973, p.368) ocorresse a substituição do tu por você, como forma de tratamento familiar e íntima, fato que se deve ter processado na virada do século XIX para o XX (Biderman, 1972-1973, p. 368)..(CAVALHEIRO, 2016, p. 112).

Dessa forma, considerando o viés histórico, acabei escolhendo “você”, o que me satisfiz no momento. Mas, ao realizar a substituição ao longo da carta, algo passou a me soar artificial.

Dediquei-me, então a ler e reler a carta e, mais uma vez, foi o ouvir que me ajudou a decidir por “tu”, agora não por questões de formalidade ou uso histórico, mas pelo ritmo que esse pronome imprime à carta, embora, em princípio, eu não soubesse explicar essa sensação.

A comparação, na leitura, das versões com “tu” e “você” resultou que esta última, de fato, me soou como algo mais contemporâneo a mim, e não a Van Gogh. Ressalto que não traduzi a carta procurando reproduzir o português falado no Brasil em fins do século XIX, mas quis, sim, que ela soasse mais ao estilo daquele período que ao do atual. Nesse sentido, acabei retornando à minha primeira escolha, pessoal,

de fato, mas que se deu em virtude da força “poética do *continuum*” da carta, ou seja, sua panrítmica (MESCHONNIC, 2011, p. 70). Para Meschonnic, é justamente a panrítmica que busca dar conta do ritmo que atravessa o texto como um todo. O autor não trabalha com a diferenciação poesia/prosa. “A panrítmica é da ordem do contínuo, diz respeito aos versos, às frases, às estrofes, aos parágrafos. Para entendê-la ou apreendê-la, precisamos começar a desconfiar de nossas certezas de que cada palavra seria portadora, de forma autônoma, de um significado” (MARTINS, no prelo, p. 13). Ainda assim “A panrítmica não é algo do âmbito do abstrato, mas, sim, do âmbito do sugestivo, do alusivo. Ela se faz concretamente, de palavras” (Ibid., p. 14).

Dessa forma, minha opção pelo “tu” significa que não foi o pronome que me deu a sensação de ritmo, mas sim a percepção de que esse termo contribui para uma maior sintonia com as outras palavras da carta.

Aqui também se apresentou a necessidade de outra escolha, a de utilizar a grafia, ortografia ou pontuação tal como utilizadas por Vincent. Então, optei por não substituir “&” por “e”.

4

P *Eu queria te dizer que nesse verão eu passei a amar tanto a Kee Vos que não consegui encontrar outras palavras para isso senão que “é como se a Kee Vos fosse a pessoa mais próxima de mim e eu a pessoa mais próxima da Kee Vos”. e — eu disse essas palavras para ela. Mas quando eu disse isso ela respondeu que seu passado e seu futuro eram uma coisa só e portanto nunca poderia corresponder aos meus sentimentos.*

I I wanted to tell you that this summer I’ve come to love Kee Vos so much that I could find no other words for it than ‘it’s just as if Kee Vos were the closest person to me and I the closest person to Kee Vos’. And — I said these words to her. But when I told her this, she replied that her past and her future were all one to her and so she could never return my feelings.

H Ik wilde U zeggen dat ik dezen zomer zooveel ben gaan houden van Kee Vos dat ik er geen andere woorden voor kon vinden dan “’t is net of Kee Vos mijn naaste is en ik de naaste van Kee Vos”. en — die woorden heb ik tot haar gezegd. Doch toen ik haar dit zeide antwoordde zij mij dat haar verleden en haar toekomst voor haar een bleven en zij dus nooit mijne gevoelens kon beantwoorden.

A primeira questão deste trecho é o verbo *vertellen*. Observando a tradução para o inglês, percebi que o verbo *tell* é utilizado no trecho (3) em “...*I want to tell you*”²⁷ e “...*what I’m telling you*”.²⁸ Assim como na primeira frase do trecho (4)

²⁷ *ik U vertellen wil*

²⁸ *vertel ik U geen*

“...I wanted to tell you”.²⁹ Porém, o confronto com a transcrição indicou que Van Gogh utilizou outro verbo: “zeggen”. Então busquei também um verbo diferente em português. Para me auxiliar na decisão, utilizei a informação do Google Tradutor sobre a frequência de tradução de cada um dos verbos para o inglês. *Zeggen* é frequentemente traduzido como *say*, e *vertellen* como *tell*. Assim, para (4) escolhi “dizer” e para (3), “contar”.

Aqui entra também a questão da pontuação, que decidi manter como no texto em holandês. Segundo a concepção que sigo nesta dissertação, “pouquíssimos sinais de pontuação ficam regidos pela norma enquanto a maioria decorre da intenção de comunicação ou da interação estabelecida entre quem escreve e quem lê” (DAHLET2006, p. 24). Por isso, ainda que a pergunta não tenha se seguido de ponto de interrogação ou que a vírgula estivesse entre sujeito e predicado, ou outras ocorrências, na tradução, mantive os sinais de pontuação tal como usados por Van Gogh. Por isso, no trecho 4, mantive o “.—” que ele usou em vez do ponto final e não coloquei letra maiúscula no início da frase seguinte. Segui o mesmo procedimento em todo o decorrer da tradução. Há mais sobre a pontuação no item 1.1.1.

5

P	<i>Então me vi num dilema terrível sobre o que fazer, resignar-me com aquele nem agora nem nunca ou — ainda não dar o assunto por terminado e considerar a questão pronta & acabada e tomar coragem e não desistir ainda.</i>
I	Then I was in an awful dilemma about what to do, to resign myself to that no, nay, never, or — not yet to regard the matter as over and done with, and to take courage and not give up yet.
H	Toen was ik in een geduchten tweestrijd wat te doen, mij te resigneren tot dat nooit neen nimmer of — nog niet de zaak voor beslist & geeindigd te houden en nog wat goeden moed te houden en 't nog niet op te geven.

“*Nooit neen nimmer*”: a escolha tradutória para este termo foi um grande desafio. Ela se refere à fala de Kee Vos e inicialmente aparece como uma citação, mas acaba por ganhar status de substantivo e, como tal, passa a ser utilizado, inclusive em outras cartas.

Partindo da solução em inglês, (no, nay never) a ideia inicial foi a de traduzir por “não nunca jamais”, mas não me satisfiz com essa possibilidade, pois ela, de certa forma, conota uma gradação. Nesse caso, contando com o auxílio do

²⁹ *Ik wilde U zeggen*

tradutor de holandês Daniel Dago, entendi que “*Nooit neen nimmer*” não tem essa característica gradativa, mas, sim, um aspecto temporal. Portanto, “nem agora nem nunca” me pareceu uma boa opção, já que além de manter a negação e o caráter indicativo de tempo (agora), mantém a aliteração, com os três “n”, que não foram mantidos na minha opção inicial. Ressalto que, nas demais vezes que a expressão aparece, mantive a vírgula entre as palavras quando isso ocorria no texto em holandês.

Beslist & geeindigd: essa expressão aparece novamente em outro ponto da carta. O Google Tradutor aponta para “decidido e terminado”. Inicialmente, eu pensei em “dar o assunto por encerrado”, que, de fato, remete ao sentido original. Porém, não trabalha com duas ideias nem permite o uso do “&”. Busquei, então, alguma expressão semelhante no português. Pensei em “morto e enterrado”, mas tem uma conotação de morte que não aparece no original. Optei por “pronto e acabado”.

6

P	<i>Escolhi o último.— E até agora não me arrependi dessa decisão apesar de ainda me confrontar com aquele nem agora nem nunca.</i>
I	I chose the latter. And until now I haven't regretted that decision, even though I'm still confronted with that no nay never.
H	't Laatste koos ik.— En tot heden heb ik geen berouw van die opvatting hoewel ik nog altijd sta voor dat nooit neen nimmer.

Aqui, eu me vi diante de um dilema, pois em inglês *last* é um adjetivo uniforme, sem gênero, portanto. Em holandês também. Assim, a escolha entre “último” ou “última” baseou-se na minha percepção do ritmo.

Reconhecer, me aperceber e estudar o ritmo na linha proposta por Meschonnic é algo inicial para mim ainda. Por isso, frequentemente me sirvo da “escuta” como guia para as diferentes escolhas que faço, sabendo que não se trata de uma questão de transferir a melodia de uma língua para a outra e, ao mesmo tempo, sem a ilusão de que prosa não tem ritmo (MESCHONNIC, 2018, p. 565).

7

P	<i>Naturalmente desde então sofri uma série de “petites misères de la vie humaine”, que, se fossem escritas em um livro, talvez servissem para entreter uns ou outros ainda que elas possam ser bem desagradáveis quando vivenciadas. Contudo até agora estou feliz por ter deixado a resignação ou o método “how <u>not</u> to do it” a quem lhe apetecer & de minha parte ter tomado um pouco de coragem. Entendes que em casos como este é surpreendentemente difícil saber o que</i>

é possível fazer, permitido fazer & o que deve ser feito. Mas “vagando encontramos o caminho” & não ficando sentados

-
- I** Since then, of course, I've suffered a great many 'petty miseries of human life', which, if they were written down in a book, could perhaps serve to amuse some people, though they can hardly be considered pleasant if one experiences them oneself. Nonetheless, up to now I've been glad that I left the resignation or 'how-*not*-to-do-it' method to those who prefer it and, as for myself, plucked up a little courage. You understand that in cases like this it's surprisingly difficult to know what one can, may and must do. But 'wandering we find our way', and not by sitting still.
-
- H** Natuurlijk heb ik sedert heel wat “petites misères de la vie humaine” ondervonden, die, als ze in een boek geschreven waren, mogelijk zouden kunnen dienen om den een of ander te amuseeren doch als men ze zelf beleeft zeker geen aangename gewaarwordingen kunnen geacht worden te wezen. Evenwel tot op heden ben ik blij dat ik 't resignatieof “how *not* to do it” systeem maar overliet voor wie er trek in hebben & mij aangaande nog wat moed vatte. Ge begrijpt dat 't in een geval als dit 't verbazend moeielijk is te weten wat men doen kan, doen mag & doen moet. Doch “al dwalende vinden we 't spoor”& niet al stilzittende.
-

Traduzi a expressão *den een of ander* (que o Google Tradutor aponta como alguém), na oração *mogelijk zouden kunnen dienen om den een of ander te amuseeren*, por “uns e outros”. Em inglês, o mesmo termo é traduzido por *some people*, e aparece da seguinte forma na oração: *could perhaps serve to amuse some people*. Ao buscar a tradução no Google, encontrei “podem servir para divertir um ou outro” e, no DeepL, “poderiam servir para divertir um ou outro”.

De fato, mesmo em português é possível considerar “algumas pessoas” e “uns e outros”/“uns ou outros” sinônimos. Porém, a primeira carrega a ideia de apenas um (único) grupo estranho ao do enunciador e é menos detalhista. Já a segunda carrega uma ideia de mais de um grupo “uns e outros” é, portanto, mais rica. Entendo que, nesse caso específico, e/ou são intercambiáveis. Assim, a escolha que fiz foi a de “uns e outros”, numa tentativa de me aproximar da heterogeneidade do original (BERMAN, 2013, p. 77).

Com efeito, neste trabalho não fiz um rastreio completo de todos os termos que escolhi, mas refleti atentamente a respeito deles. Essa reflexão acabou por operar a garimpagem de alguns termos mais específicos, justamente os que menciono neste capítulo. A prática desse exercício revela a cada vez a necessidade de me ater às escolhas vocabulares da língua de partida, sem apelar à sinonímia.

Claro, esta tradução tem, de fato, um desafio bastante peculiar, que são as diferenças que decantaram após o cotejo. As diferenças nas propostas tradutórias deste meu trabalho e do que tomei como base, em inglês, do Museu Van Gogh,

trouxeram questões cujas respostas encontrei justamente nessa garimpagem, nessa caça desenvolvida no idioma holandês.

Foi com essa disposição que, aos poucos, deparei com escolhas aparentemente do “reino do descontínuo (palavra, frase, língua, sentido, origem, estrutura)” (MESCHONNIC, 2006, p. 11), mas que a cada movimento contribuíram para formar o ritmo na língua de chegada.

Cheguei ao verbo “apetecer” também seguindo pistas. Em: *Evenwel tot op heden ben ik blij dat ik 't resigntie of “how not to do it” systeem maar overliet voor wie er trek in hebben & mij aangaande nog wat moed vatte*, mantive a expressão *how not to do it* em inglês. Porém, o texto que vem a seguir exigiu bastante. O Museu Van Gogh traduziu para: *Nonetheless, up to now I've been glad that I left the resignation or 'how-not-to-do-it' method to those who prefer it and, as for myself, plucked up a little courage*. Eu, inicialmente traduzi por “No entanto, até agora estou feliz por ter deixado o método de resignação ou ‘*how not to do it*’ para quem queira e de minha parte tomei um pouco de coragem”. Observo que no manuscrito, de acordo com o fac-símile, a palavra “not” está sublinhada. Foi transcrita e traduzida com itálico. Mantive sublinhada.

No entanto, o confronto com o holandês trouxe um elemento novo. No DeepL, a tradução para o inglês é a seguinte: *However, until now I am glad that I left the resignation- or “how not to do it” system for those who are hungry for it & took some courage*. Para o português: “No entanto, até agora estou feliz por ter deixado o sistema de demissão- ou ‘como não fazê-lo’ para aqueles que estão famintos por ele e tomei alguma coragem”.

Já o Google traduz: *However, until now I am happy that I left the resignation or “how not to do it” system for those who are hungry & took some courage about it*. E para o português: “No entanto, até agora estou feliz por ter deixado o sistema de demissão ou “como não fazê-lo” para quem está com fome e teve alguma coragem a respeito”.

Percebi que em ambas há a ideia de “fome”, que não aparece na tradução para o inglês, em que o verbo escolhido foi *want*. Assim, procurei retomar esta ideia e utilizei o verbo “apetecer”.

8

P *Uma das razões pelas quais não te escrevi a respeito até agora é que a situação em que me encontrava era tão vaga & indecisa que não conseguiria te explicar.*

I One of the reasons I haven't written to you about it before now is that the position in which I found myself was so vague and undecided that I couldn't explain it to you.

H Een der redenen waarom ik U tot heden er niet over schreef is dat de positie waarin ik mij bevond zoo vaag & ongedecideerd was dat ik die U niet kon uitleggen.

Nesse caso, optei por “a respeito” em vez de “sobre isso”. A meu ver, a sonoridade “te escrevi a respeito” flui melhor que a de “te escrevi sobre isso”.

9

P *Agora contudo progredimos a tal ponto que falei sobre isso — além dela— com o Papai e a Mamãe, com o Tio e a Tia Stricker & com o Tio & a tia em Prinsenhage. O único, a me dizer, ainda que de um jeito muito informal e reservado, que de fato eu teria uma chance se trabalhasse duro & prosperasse é alguém que eu nunca iria imaginar, o Tio Cent. Ele se divertiu com a forma como lidei com o nem agora nem nunca da Kee ou seja sem dar tanto peso fazendo troça, não vou levar milho nenhum para o moinho do nem agora nem nunca, da Kee Vos p ex eu desejo a ela tudo de bom, sem levar em conta que espero que o tal moinho de farinha vá à falência. Da mesma forma não me importei muito quando o Tio Stricker falou sobre perigo de que eu “destruísse relações amigáveis & rompesse laços antigos” ao que respondi que na minha opinião o caso em questão longe de romper laços antigos poderia renovar os laços antigos onde reparos fossem necessários. Enfin espero continuar assim e me manter longe da melancolia & do pessimismo. Enquanto isso trabalhando duro e desde que a conheci meu trabalho está indo muito melhor.*

I Now, though, we've progressed to the point where I've spoken about it — in addition to her — to Pa and Ma, to Uncle and Aunt Stricker and to Uncle and Aunt at Princenhage. The only one who said to me, though very informally and in private, that I did indeed have a chance if I worked hard and prospered, is one from whom I didn't expect it at all, Uncle Cent. He was amused at the way I took Kee's no, nay, never, i.e. by making light of it and sort of joking about it, bring no grist to Kee Vos's mill of no, nay, never, for example, I wish her all good things, apart from hoping that the aforementioned flour-mill will go bankrupt. Likewise I didn't much mind when Uncle Stricker said there was a danger I 'would sever friendly relations and break old ties', to which I replied that in my opinion the case in question, far from breaking old ties, could renew the old ties where they were in need of repair. At any rate, I hope to go on like this and to keep well away from melancholy and pessimism. Meanwhile working hard, and since meeting her my work is going much better.

H Nu evenwel zijn we zoo ver dat ik er over heb gesproken — behalve tot haar zelve — tot Pa en Moe, tot Oom & Tante Stricker & tot Oom & tante te Prinsenhage. De eenige die, doch dat zeer officieus en in 't apart, a mij gezegd heeft dat er werkelijk indien ik hard werkte & voorspoed had kans voor mij was, is iemand van wien ik 't volstrekt niet wachtte, Oom Cent. Deze had schik in de manier waarop ik 't nooit neen nimmer van Kee opvatte, namelijk het niet zwaar tillende maar dat ik er zoowat gekheid mee maakte, b.v.: geef toch geen koren op den molen van nooit neen nimmer die Kee Vos er op na houdt, ik wensch haar alles goeds toe behalve alleen dat ik hoop dat voornoemde korenmolen failliet zal gaan. Evenzoo trok ik 't mij niet erg aan toen Oom Stricker er van sprak dat er gevaar was ik “vriendschappelijke verhoudingen & oude banden zoude verbreken”, ik zei daarop dat mijns inziens 't onderhavige geval wel verre van oude banden te verbreken de oude banden waar ze reparatie noodig hadden kon vernieuwen. Enfin en zoo hoop ik te blijven doen en zwaarmoedigheid & zwaartillendheid verre van mij te doen. Intusschen hard werkende en sedert ik haar ontmoet heb vlot mijn werk veel beter.

Ao traduzir o termo *evenwel*, também me vi diante da tendência de “enobrecimento” (BERMAN, 2013, p. 57), pois essa palavra aparece outras vezes no texto e a cada vez havia traduzido de forma diferente, usando sinônimos. Nesse caso, mesmo em inglês as ocorrências foram sempre traduzidas como *though*. Assim, mais uma vez percebi que o que Berman chama de “analítica da tradução” (2013), deve ser sempre uma preocupação do tradutor, não para eliminar 100% as tendências deformadoras, mas, antes, para tomar consciência de quais colocamos em prática e considerar se tais escolhas refletem nosso projeto de tradução.

Outra expressão, *we’ve progressed to the point*, me trouxe dúvidas, pois não é tão comum em português dizermos “progredir ao ponto”, embora perfeitamente compreensível. Busquei, então, em holandês, se a ideia seria de “progresso” ou outra. A busca foi a seguinte:

1) Google a partir do holandês (original) para o inglês: *Nu evenwel zijn we zoo ver dat ik er over heb gesproken*: “Now, however, we are so far that I have spoken about it”, não há a ideia de progresso.

Google: a partir da proposta em inglês (MVG) para o holandês: *we’ve progressed to the point: we zijn tot het punt gevorderd*.

Google a partir da sua própria tradução: *we zijn tot het punt gevorderd*: nós progredimos ao ponto.

2) DeepL a partir do holandês *Nu evenwel zijn we zoo ver dat ik er over heb gesproken* para o inglês: *Now, however, we’ve come so far that I’ve talked about it*. Não há a ideia de progresso.

DeepL a partir do inglês (MVG): *we’ve progressed to the point*: em retradução *we zijn zover gekomen*.

DeepL a partir de *we zijn zover gekomen* para o português: chegamos até aqui/tão longe.

Ainda assim, após reler a carta, o termo progredir não me soava bem. Portanto, levando mais em consideração a ideia de distância (longe), acabei optando por “avançamos” em vez de “progredimos”.

Minha escolha pela tradução de “Papai e Mamãe” em vez de “pai e mãe” foi o fato de que essas formas são as formas carinhosas de *vader* e *moeder*, considerando que *moe* é uma forma a ser considerada informal e dialetal.³⁰

“Prinsenhage” é um dos casos em que emprestei a grafia usada por Van Gogh. O nome da cidade é “Princenhage”. Este é um dos casos em que o confronto com o holandês me fez também alterar o termo usado para a tradução do Museu Van Gogh. Aqui escolhi uma rima “enfin” e “assin”, efeito que evitaria numa tradução não literária, já que o termo *enfin*, em holandês, pode ser traduzido por “de qualquer forma” ou *at any rate*, em inglês. Nesse ponto, escolhi também modificar a grafia.

10

P *Eu disse que agora a situação está se tornando um pouco mais decidida.*

I I said that now the situation is becoming somewhat clearer.

H Ik zeide dat nu de positie zich zoo wat decideerd.

Nesse caso, minhas dúvidas foram a respeito do adjetivo. Em inglês o termo foi “*cleare*”, numa tradução aparentemente explicitante. Ao verificar a transcrição, vi que é usado o termo “*decideerd*”, ao qual, entre outras, cabem as traduções, além de *clear*: *decisive*, *determined*, *well defined* (DeepL); e *deciduous* (Google). Dentre estes, então, considere aquele cuja tradução para o português mais se assemelhasse à do holandês. Assim, escolhi “decidida”.

11

P *1º Kee diz nem agora nem nunca e além disso creio eu que terei uma enorme dificuldade com as pessoas mais velhas que já consideram a questão pronta & acabada e vão tentar me forçar a desistir. Por enquanto porém, acredito que eles vão proceder com bastante cuidado levando-me em banhomaria até que a grande comemoração do Tio e da Tia Stricker (em Dezembro) tenha terminado. Porque eles querem evitar escândalo. Depois disso porém receio que os passos seguintes sejam para se livrarem de mim.*

I First, Kee says no, nay, never, and furthermore I believe that I'll have tremendous difficulty with the elders who already regard the matter as over and done with and will try and force me to give up. For the time being, though, I believe they'll proceed with caution, keeping me dangling and fobbing me off until Uncle and Aunt Stricker's big celebration (in December) is over. Because they want to avoid scandal. After that, though, I fear that steps will be taken to get rid of me.

H 1o Kee zegt nooit neen nimmer en verder geloof ik dat ik enorm veel moeite zal hebben met de oudere personen die de zaak reeds nu voor beslist & geeindigd houden en mij zullen trachten te

³⁰ Disponível em: <https://en.wiktionary.org/wiki/moe#Dutch>. Acesso em: 2 abr 2020

11

dwingen er van af te zien. Vooralsnog evenwel geloof ik zij zeer zacht te werk zullen gaan, mij aan 't lijntje houden en met een kluitje in 't riet sturen totdat het groote feest van Oom & Tante Stricker (in December) voorbij zal zijn. Want men wil opspraak vermijden. Daarna echter vrees ik er maatregelen genomen zullen worden om mij er uit te knikkeren.

Aqui, destaco outro ajuste que fiz, pospondo o sujeito ao verbo em “creio eu”. Entendo que a versão em inglês *and furthermore I believe that* não desautoriza essa possibilidade. O mesmo se passa com a transcrição em holandês, *en verder geloof ik dat ik enorm veel moeite zal hebben*, que no Google Tradutor aparece como “e, além disso, acredito que terei uma tremenda dificuldade”, podendo-se notar que há, no holandês, a inversão em *gellof ik*, ou seja, o pronome também aparece posposto.

Juntar em uma só palavra a expressão “banho maria” foi a forma que encontrei de demonstrar que muitas palavras Van Gogh também grafava juntas.

12

P *Perdão pelos termos um tanto duros que estou usando para me posicionar contigo; admito que as cores estão um pouco duras & as linhas um pouco pesadas mas com isso a imagem que terás da situação será mais clara do que se eu ficasse com rodeios. Por isso não me tenhas como alguém que não respeita as pessoas mais Velhas.*

I *Forgive the rather harsh terms I'm using to make my position clear to you. I admit that the colours are a little harsh and the lines drawn a bit too hard, but it will nevertheless give you a clearer picture of the situation than if I were to beat about the bush. So don't suspect me of lack of respect for those Elder persons.*

H *Vergeef me deze wat harde termen die ik gebruik om U de positie duidelijk te maken; ik geef toe dat de kleuren wat hard zijn & de lijnen wat sterk getrokken maar 't zal U toch een duidelijker inzicht in de zaak geven dan wanneer ik er om heen praatte. Verdenk mij dus niet van gebrek aan achting jegens die Oudere personen.*

Escolhi o termo “duros” em vez de “difíceis”, pois tem a ver com artes plásticas (tintas duras). Também preferi “estar” a “ser” para acompanhar a conotação de movimento (não estático) do uso do gerúndio.

13

P *Só que eu acredito que eles têm uma posição contrária e quero que enxergues isso. Eles vão tentar garantir que Kee & eu não possamos nos ver nem falar ou escrever um ao outro só porque eles compreendem perfeitamente que, se nós nos víssemos falássemos ou escrevêssemos haveria uma chance de mudança nos sentimentos da Kee. A própria Kee acha que nunca vai mudar de opinião & ainda que as pessoas mais velhas tentem me convencer que ela não pode mudar eles todavia temem tal mudança.*

13

I Only I believe that they're decidedly against it, and I want to make you see this. They'll try and see to it that Kee and I can neither see nor speak nor write to one another, just because they understand very well that if we were to see, speak or write to one another there would be a chance of a change of heart in Kee. Kee herself thinks she'll never change her mind and, though the elder persons are trying to convince me that she can't change, they fear that change nonetheless.

H Alleen geloof ik dat zij er bepaald tegen zijn & wil U dit doen zien. Zij zullen trachten te zorgen dat Kee & ik elkaar noch zullen kunnen zien noch spreken noch schrijven, juist omdat zij zeer wel begrijpen dat indien we elkaar zagen, spraken of schreven er kans was op gedachten verandering van Kee. Kee zelf meent nooit van gedachten te veranderen & de oudere personen trachten mij te overtuigen zij niet veranderen kan doch hebben toch vrees voor die verandering.

Aqui, destaco a alteração na grafia de *compreendem* (*comprendem*), como uma forma de compensação, aludindo à prática de Van Gogh de mudar a grafia de algumas palavras, como explicado em (11).

14

P *As pessoas mais velhas mudarão de ideia sobre o caso não quando a Kee mudar de ideia Mas sim quando eu me tornar uma pessoa que ganhe pelo menos f 1000 ao ano.— Mais uma vez, perdoe-me pelos contornos duros que estou dando às coisas. Ao passo que os mais velhos não têm muita compaixão por mim acredito que alguns dos mais jovens serão capazes de entender minha atitude Talvez Theo — talvez já tenhas ouvido que eu quero forçar a situação & expressões semelhantes Mas quem não entende como é absurdo forçar o amor! Não isso está longe longe de mim. Mas não é injusto nem irracional desejar que a Kee & eu em vez de sermos proibidos de nos vermos possamos nos ver, falar e escrever um ao outro, de forma que ao nos conhecermos melhor, sejamos capazes de perceber por nós mesmos se fomos ou não feitos um para o outro. Um ano de contato um com o outro seria benéfico para ela & para mim no entanto os mais velhos estão inflexíveis neste ponto. Se eu fosse rico eles falaria outra coisa totalmente diferente.*

I The elder persons will change their minds about this matter not when Kee changes her mind but when I become someone who earns at least 1,000 guilders a year. Again, forgive the hard contours with which I outline things. While I find little sympathy from the elders, I think that some of the younger ones will be able to understand my attitude. Perhaps you, Theo. Perhaps you've heard it said of me that I want to force the issue and suchlike expressions. But who doesn't understand how senseless it is to try and force love! No, that's far, far from my thoughts. But it's not unfair or unreasonable to wish that Kee and I, instead of not being allowed to see one another, will see, speak and write to one another so that, getting to know each other better, we'll be able to see for ourselves whether or not we're suited to each other. A year of contact with one another would be beneficial for her and for me, yet the elders won't budge on this point. If I were rich they'd talk altogether differently.

H De oudere personen toch zullen omtrent deze zaak van gedachten veranderen niet dan wanneer Kee van gezindheid veranderd doch dan wanneer ik iemand zal geworden zijn die op zijn minst f 1000 per jaar verdient.— Nog eens, vergeef de harde contours waarmee ik de dingen afteeken. Indien ik weinig sympathie vinde bij de ouderen zoo geloof ik dat sommige jongeren zich mijne houding zullen kunnen begrijpen. Misschien gij Theo — Gij zult misschien wel van mij hooren zeggen dat ik forceeren wil & dergelijke uitdrukkingen. Doch wie begrijpt niet hoe onzinnig forceeren is bij liefde! Neen dat is verre verre van mij. Doch 't is geen onbillijk of onredelijk verlangen dat ik wensch dat Kee & ik inplaats van geen omgang met elkaar te mogen hebben, elkaar zullen zien, spreken of schrijven om, elkaar beter leerende kennen, zelf beter te kunnen

inzien of wij voor elkaar geschikt zijn al dan niet. Een jaar van omgang met elkaar zou heilzaam wezen voor haar & voor mij doch de ouderen zijn werkelijk verstokt op dat punt. Ware ik rijk zij zouden heel anders spreken.

Ressalto neste trecho a grafia do valor de mil florins, escrito originalmente por Van Gogh como f 1000, traduzido em inglês para 1,000 *guilders*. Eu retomei o original, com o símbolo (f) e sem o ponto no numeral 1000, tal como usado pelo artista.

O confronto com o holandês mudou, em mais uma oportunidade, minha escolha tradutória feita a partir do inglês da frase *Neen dat is verre verre van mij: No, that's far, far from my thoughts*. Isso porque há o termo *thoughts* na tradução do Museu Van Gogh, mas as traduções tanto do Google (Não, isso está longe de mim.) quanto do DeepL (Não, isso é longe de mim) não incluíram a palavra “pensamento”. E a expressão “longe de mim”, em português, dá conta da ideia de intenção, de pensamento.

Preocupe-me em manter a polissemia do termo *omgang*. Reitero, mais uma vez, que não tenho conhecimento do holandês a ponto de reconhecer as várias possibilidades de tradução. Assim, algumas traduções que se apresentaram foram: interação, irmandade, contato, relação sexual. O Museu Van Gogh traduziu por *contact*.

Outro vocábulo cuja tradução resolvi usando os tradutores eletrônicos foi *verstok*, em *de ouderen zijn werkelijk verstokt op dat punt*. Este é um caso que exemplifica bem um dos percursos que fiz para encontrar uma palavra que me satisfizesse. O Google traduziu como: “os idosos estão realmente endurecidos nesse ponto”; o DeepL, por: “os idosos estão realmente atordoados nessa altura”. A tradução do inglês, de acordo com o DeepL, para: *the elders won't budge on this point* ficou: “os mais velhos não vão ceder neste ponto”. Já de acordo com o Google: “os anciãos não se mexem nesse ponto”.

Assim, para o termo *verstok* encontrei quatro opções diferentes, considerando sua posição na frase. Foram elas: endurecidos, atordoados (adjetivos) ou, quando traduzidos do inglês, “não ceder” ou “não se mexer” (verbos). Percebi, aqui, então, um caso de racionalização da tradução, expresso pela alteração das estruturas sintáticas do original. A racionalização, que faz “passar o original do concreto ao abstrato, não somente ao reordenar linearmente a estrutura sintática,

mas, por exemplo, ao traduzir os verbos por substantivos, escolhendo entre dois substantivos o mais geral etc.” (BERMAN, 2013, p. 69) – nesse caso, substituindo adjetivo por verbo. Assim, minha primeira decisão foi a de manter um adjetivo. Em seguida, busquei por sinônimos de endurecido e aturdido, procurando algum em comum, ao que encontrei em Barbosa (2004), Aulete e Houaiss (2004).

	Sinônimos	Palavras análogas	Definições
Aturdido	Atordado, atônito, espantado, maravilhado, pasmado, perplexo.	Admiração, desatenção.	Com a mente ou os sentidos perturbados, atordado, desorientado, tonto; 2) assombrado, maravilhado.
Endurecido	Rijo, fortalecido, robusto, empedernido, insensível	Insensibilidade, impiedade, força, rigidez.	Que endureceu; 1) que se tornou mais endurecido; 2) que se tornou insensível, indiferente, frio; 3) que se tornou cruel, duro, implacável; 4) que se habituou a estado de cansaço, à fadiga.

Nenhuma dessas ideias me satisfaz, pois não teriam sentido na frase. Assim, retornei à tradução a partir do inglês, da mesma forma:

	Sinônimos	Palavras análogas	Definições
Mexer	Agitar, revolver, confundir, misturar, vascolear, perturbar, provocar, bulir, tocar.	Tato, mistura	2) pôr-se em movimento, fazendo sair ou saindo da posição original.
Ceder	Desistir, renunciar, transferir, anuir, condescender, transgredir, aceder, diminuir, minorar, abrandar, recuar, render-se, curvar-se, sucumbir.	Transferência, doação, lisonja, fraqueza, regressão, flexibilidade, assentimento, tergiversação, consentimento, abandono.	8) tornar-se menos intenso, abrandar, diminuir.

Foi na definição do verbo “ceder”, que inclui o verbo “diminuir”, que me ocorreu o sinônimo “reduzir”. Assim, o termo “irredutível” me pareceu bastante aplicável, mas com uma tendência à sinonímia.. Porém, garimpando um pouco mais e levando em conta a etimologia, percebi que *verstokken* deriva de *stokk*, com o sentido de pau, bastão, ou *stick*, em inglês. Portanto, mais fiel à letra seria, de fato, endurecido, ou inflexível, apelando-se para características do objeto bastão. Escolhi inflexível.

15	
P	<i>Mas agora entendes que espero fazer todo o possível para me aproximar dela e declaro que</i>
I	Yet by now you understand that I mean to leave no stone unturned in my endeavours to bring me closer to her, and I declare that
H	Doch nu begrijpt ge wel dat ik niets hoop ongedaan te laten wat mij nader moge brengen tot haar en 't is mijn voornemen

O confronto com a versão em holandês trouxe um grande desafio nesta única frase. Para o inglês, a tradução foi: *Yet by now you understand that I mean to leave no stone unturned in my endeavours to bring me closer to her, and I declare that*. A expressão *stone unturned* me pareceu, de imediato, relacionada ao texto bíblico (Lucas, 21:6), em que há a expressão “pedra sobre pedra”. Contudo, daí derivaram dois desvios equivocados, indicando que o paradigma indiciário que, como mencionado, venho perseguindo nesta tradução, merece sempre uma segunda ou terceira verificação. Muitas vezes, a intuição pode não trazer as pistas mais seguras.

O primeiro equívoco foi o de considerar “*leave no stone unturned*” como equivalente a “não deixar pedra sobre pedra”. O segundo, decorrente deste, foi, portanto, entender que “*leave no stone unturned*” seria uma expressão bíblica.

Minha pesquisa foi, então, pela expressão bíblica “pedra sobre pedra” em holandês. Buscando o versículo na Bíblia em holandês, encontrei:

*Wat deze dingen aangaat, die gij aanschouwt, er zullen dagen komen, in welke niet een steen op den anderen steen zal gelaten worden, die niet zal worden afgebroken.*³¹

Em nada semelhante, portanto, a “*Doch nu begrijpt ge wel dat ik niets hoop ongedaan te laten wat mij nader moge brengen tot haar en 't is mijn voornemen*”, que sequer contém a palavra pedra.

Não encontrando tal equivalência em inglês, procedi da mesma forma já indicada: busquei uma tradução a partir do holandês. As traduções apresentadas tanto pelo Google quanto pelo DeepL não remetiam à expressão *leave no stone unturned*, que eu imaginava bíblica.

Ainda que haja em nós uma “consciência de provérbio”, que nos permite reconhecer “provérbios irmãos” produzidos em idiomas diferentes (BERMAN, 2013, p. 84), percebi o quanto é importante que nos achemos ao texto de partida com

³¹ Disponível em: <https://www.wordproject.org/bibles/nl/42/21.htm#0>. Acesso em:

passos cautelosos, pois esse tipo de consciência pode ser uma pista falsa, dependendo de nossa abordagem.

Assim, ao retornar ao texto em inglês, já sem a convicção de que o trecho em questão se tratava de uma alusão ao texto bíblico, busquei o significado da expressão “*leave no stone unturned*”, que é “*to do everything you can to achieve a good result, especially when looking for something*”,³² ou seja, trata-se de uma expressão idiomática do inglês que não reproduz o texto bíblico e diz respeito a envidar esforços e não a, como em português, “destruir completamente; arrasar” (HOUAISS, 2004, p. 2.165).

Observo que a expressão “não deixar pedra sobre pedra” é de fato bíblica, porém seu correspondente em inglês é “*leave no stone upon another stone*”.

Assim, nesse caso, preferi buscar uma solução que não envolvesse o termo “pedra”, então pesquisei a tradução da sequência holandesa *ik niets hoop ongedaan te laten* (traduzida pelo MVG por *I mean to leave no stone unturned*) e encontrei no Google Tradutor “espero não deixar nada por fazer”, o que corresponde à ideia também implícita na expressão idiomática de “se fazer todo o possível”, e esta foi a tradução que prevaleceu.

16	
P	<i>Eu a amarei por tanto tempo</i>
I	<i>I shall love her so long</i>
H	<i>Zoo lang zal ik haar beminnen</i>

Aqui, como explicado anteriormente, traduzi tanto este parágrafo quanto o próximo como versos de um poema.

17	
P	<i>Que ao fim serei amado também.</i>
I	<i>That in the end she'll love me too.</i>
H	<i>Tot ze in 't eind mij ook bemint</i>

³² Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/leave-no-stone-unturned>. Acesso em: 2 abr 2020

O parágrafo 18 e o 17, por serem versos de um poema, foram traduzidos como poesia.

18	
P	<i>Plus elle disparaît plus elle apparaît.—</i>
I	The more she disappears, the more she appears.
H	Plus elle disparaît plus elle apparaît.—

Aqui mantive a citação como no texto em holandês observado no fac-símile, incluindo a ausência de acento circunflexo em *disparaît* e *apparaît* (grafia correta em francês). A transcrição apresenta a grafia correta. A tradução do Museu Van Gogh, com uma proposta mais explicativa, traduziu a citação para o inglês, mas, no meu caso, manter o estranhamento é mais adequado.

19	
P	<i>Theo, tu não te apaixonas também às vezes, eu gostaria que sim pois creia-me essas “petites misères” têm algum valor. Às vezes sentimo-nos desolados, há momentos em que estamos no inferno, por assim dizer, mas — também há outras & melhores coisas ligadas a isso. Existem 3 etapas, 1ª não amar & não ser amado, 2ª amar & não ser amado (o caso em questão), 3ª amar & ser amado.—</i>
I	Theo, aren't you in love too, at times? I wish you were, for believe me, the “petty miseries” of it are also of some value. Sometimes one is desolate, there are moments when one is in hell, as it were, but — it also brings with it other and better things. There are three stages, first not loving and not being loved, second loving and not being loved (the case in question), third loving and being loved.
H	Theo, zijt gij soms ook verliefd, ik wenschte wel dat gij het waart want geloof me dat ook de “petites misères” er van hun waarde hebben. Men is soms in desolatie, er zijn momenten waarin men als 't ware in de hel is, doch — er is ook iets anders & beters aan verbonden. Er zijn 3 trappen, 1º niet beminnen & niet bemind worden, 2º beminnen & niet bemind worden ('t onderhavige geval), 3º beminnen & bemind worden.—

Mantive entre aspas, conforme usadas por Vincent, a citação em francês. Nesse caso, à tradução do inglês *stage* e à do holandês *trappen*, escolhi para o português o termo “etapa”, justamente por conter as consoantes “t” e “p”, existentes em holandês.

Reforço que, neste trecho, transcrevi os numerais.

20

P *Eu digo que a segunda etapa é melhor que a primeira, mas a terceira! É o que há*

I I'd say that the second stage is better than the first, but the third! That's it.

H Nu zeg ik dat de tweede trap beter is dan de eerste, maar de derde! dat is datte

Nesse trecho, a questão maior foi chegar a uma tradução em português para “*datte*”. Encontrei a tradução completa da frase no tradutor DeepL: “É isso mesmo!”. Tive dificuldades em encontrar outras traduções, exceto as do Museu do Van Gogh – sempre traduzindo por “*it*” ou “*that*”. A solução que me pareceu se aproximar mais foi “É o que há”.

21

P *Agora, old boy, apaixonar-te agora e conta-me. Fique tranquilo e tenha alguma simpatia por mim. Naturalmente, eu preferiria um sim e um amém, mas enquanto isso eu estou bem feliz com meu “nem agora nem nunca”. Para mim, isso significa algo, mas pessoas mais velhas & mais sábias dizem que não é nada. Rappard esteve aqui, trazendo aquarelas que estão ficando muito boas. Mauve chega em breve, espero, caso contrário vou ter com ele. Estou desenhando muito e creio que está ficando melhor, estou trabalhando muito mais com o pincel do que costumava. Agora está tão frio que praticamente tudo o que faço é desenhar figuras interiores, costureira, cestaria &c.*

I Now, old boy, go and fall in love and tell me about it sometime. Keep quiet about the case in question and sympathize with me. I'd much rather have a yea and amen, of course, but meanwhile I'm really rather happy with my 'no, nay, never'. I consider that something, but older and wiser people say it's nothing. Rappard was here, brought along watercolours that are becoming good. Mauve is coming soon, I hope, otherwise I'll go to him. I'm drawing a great deal and think it's getting better, I'm working much more with the brush than I used to. Now it's so cold that practically all I do is draw figures inside, seamstress, basket-maker &c.

H Nu, old boy, word nu ook maar verliefd, en vertel me dat dan ook eens. Houd U leukd in 't onderhavige geval en heb wat sympathie voor me. Ik had natuurlijk veel liever een ja en amen doch ik ben toch vast al blij met mijn “nooit neen nimmer”. Ik houd dat voor iets doch oudere & wijzere mensen zeggen het is niets. Rappard is hier geweest, bragt aquarellen mee die goed worden. Mauve komt hoop ik spoedig, anders ga ik naar hem. Ik teeken veel en geloof 't beter wordt, ik werk veel meer met 't penseel dan vroeger. Nu is 't zoo koud dat ik haast uitsluitend figuur teeken binnenshuis, naaister, mandemaker &c.

Aqui, o confronto me fez perceber, mais uma vez a tendência explicativa da tradução do Museu Van Gogh, da qual procurei me distanciar usando os tradutores automáticos para passar para o inglês a frase em holandês:

Holandês	Inglês Museu Van Gogh	Inglês Google	Inglês DeepL
Nu, old boy, word nu ook maar verliefd, en	Now, old boy, go and fall in love and tell me	Now, old boy, fall in love now and then tell	Now, old boy, fall in love and tell me.

vertel me dat dan ook eens.	about it sometime.	me.
-----------------------------	--------------------	-----

Holandês	Inglês Museu Van Gogh	Inglês Google	Inglês DeepL	Minha tradução
Nu, <i>old boy</i> , word nu ook maar verliefd, en vertel me dat dan ook eens.	Now, old boy, go and fall in love and tell me about it sometime.	Now, old boy, fall in love now and then tell me.	Now, old boy, fall in love and tell me.	Agora, <i>old boy</i> , apaixonou-te agora e conta-me.

O Museu Van Gogh traduz a primeira frase do trecho em questão como: “*Now, old boy, go and fall in love and tell me about it sometime.*” No original, há a repetição da palavra “*nu*” (agora). Entendi que a repetição de “*and*” procurou dar conta dessa repetição de alguma forma. Porém, preferi repetir a palavra “agora”, visto que caberia perfeitamente no texto, considerando-se, inclusive, que é uma carta e repetições acontecem naturalmente. Com base nas comparações, também não mantive a tradução de *sometimes*, mas escolhi manter o termo “*old boy*”.

22

P Um aperto de mão em pensamento & escreva logo & creia-me

I A handshake in thought, and write soon, and believe me

H Een handdruk in gedachten & schrijf spoedig & geloof me

A leitura de cartas escritas no português brasileiro do século XIX, especialmente as de Machado de Assis, mostrou que “creia-me” (e não “acredite em mim”, por exemplo) é uma expressão bastante usada à época para encerrar cartas (ASSIS, 2009, p. 83; 85; e outras).

23

P t a t

I Ever yours,

H t. à t.

Inicialmente, simplesmente mantive o galicismo (*t. à t.* é a abreviação de “*toujour à toi*” – sempre seu). Contudo, o confronto com o fac-símile me permitiu ver

que este termo não tinha nem pontos, nem acento grave. Assim, excluí essas características também da tradução.

24

P Vincent

I Vincent

H Vincent

Manteve-se inalterado.

25

P *Eles queriam que eu promettesse não dizer ou escrever mais nada sobre este assunto mas não pude prometer, ninguém no mundo na minha opinião pode em sã consciência exigir tal coisa de mim (ou de qualquer outro na mesma situação). Eu só garanti ao Tio Cent que deixaria de escrever para o tio Stricker por enquanto até que circunstâncias imprevistas trouxessem essa necessidade. Uma cotovia não para de cantar na primavera.*

I They wanted me to promise not to say or write anything more on this subject, but I wouldn't promise that; no one in the world, in my opinion, can reasonably demand such a thing of me (or of anyone else in the same situation). I've only given assurances to Uncle Cent that I would stop writing to Uncle Stricker for the time being, until unforeseen circumstances should make it necessary. A lark can't help singing in the spring.

H Men heeft mij willen laten beloven dat ik volstrekt niet meer over deze zaak zal spreken of schrijven doch ik heb dit niet willen beloven, geen mensch ter wereld kan mijns inziens billijkerwijs zooiets van mij (of wie dan ook in t'zelfde geval) vergen. Alleen heb ik aan Oom Cent de verzekering gegeven dat ik voorloopig wel wilde staken aan Oom Stricker te schrijven tot onvoorziene omstandigheden 't noodig maken mogten. Een leeuwrik kan in de lente 't zingen niet laten.

No trecho, a pontuação foi mantida. Apenas uma vírgula e três pontos finais.

26

P *Se em algum momento te apaixonares e receberes um nem agora nem nunca não te contentes com isso! mas és tão felizardo que algo desse tipo provavelmente nunca te acontecerá, eu espero.*

I If you should ever fall in love and receive a no, nay, never, by no means resign yourself to it! But you're such a lucky dog that something like this will probably never happen to you, I hope.

H Als gij ooit verliefd wordt en een nooit neen nimmer mogt krijgen, resigneer U vooral niet! doch gij zijt zoo'n gelukskind dat iets dergelijks U wel niet overkomen zal, hoop ik.

O grande desafio nesse trecho foi chegar ao termo “felizardo”. Em holandês, a palavra é *gelukskind*, que literalmente pode ser traduzida como “criança sortuda”. Porém, a tradução para o inglês *Lucky dog*, já deu a entender que se tratava de algo mais descontraído ligado à sorte. Não considerei a palavra “sortudo”, pois ela não carrega fortemente a descontração. Assim, buscando sinônimos, “felizardo” me pareceu bastante adequada.

4.4. Efeitos da pontuação ou de sua falta

Para melhor visualização do abordado neste capítulo, a seguir, apresento a Tabela Comparativa em que constam a transcrição e a tradução feitas pelo Museu Van Gogh. Consta também, para reforçar a importância de todos os aspectos particulares da escrita de Van Gogh, inclusive o aspecto icônico dos textos, uma tradução para o português considerando-se as regras normativas de pontuação e ortografia. A última coluna é a minha proposta efetiva de tradução (já exposta em 4.1 e 4.3), buscando maior proximidade com o ritmo presente na transcrição.

A tradução normalizada tem o objetivo de contrastar em relação à minha proposta tradutória. A leitura das duas colunas permitirá uma percepção melhor das diferenças. A padronização da pontuação (entendida nas dimensões tratadas nesta dissertação) contribui para padronizar também essas diferenças. Os “contornos duros” podem ser percebidos nas duas traduções, porém, na final, eles falam mais alto. O ritmo será outro, mais truncado em alguns momentos e mais fluido em outros.

TABELA COMPARATIVA

	Transcrição MVG	Tradução MVG	Português convencional	Português final
1	Etten 3/9 1881	Etten, 3/9 1881	Etten, 3/9 /1881	<i>Etten, 3/9 /1881</i>
2	Waarde Theo,	My dear Theo,	Caro Theo,	<i>Caro Theo,</i>
3	Er ligt me iets op 't hart dat ik U vertellen wil. Misschien weet ge er reeds iets van & vertel ik U geen nieuws.	There's something on my mind that I want to tell you. Perhaps you already know something about it, and what I'm telling you isn't news.	Há algo em meu coração que quero te contar. Talvez já saibas algo sobre isso e o que eu vou te contar não seja novidade.	<i>Há algo em meu coração que quero te contar. Talvez já saibas algo sobre isso & o que eu vou te contar não seja novidade.</i>
4	Ik wilde U zeggen dat ik dezen zomer zooveel ben gaan houden van Kee Vos dat ik er geen andere woorden voor kon vinden dan "t is net of Kee Vos mijn naaste is en ik de naaste van Kee Vos". en — die woorden heb ik tot haar gezegd. Doch toen ik haar dit zeide antwoordde zij mij dat haar verleden en haar toekomst voor haar een bleven en zij dus nooit mijne gevoelens <u>kon</u> beantwoorden.	I wanted to tell you that this summer I've come to love Kee Vos so much that I could find no other words for it than 'it's just as if Kee Vos were the closest person to me and I the closest person to Kee Vos'. And — I said these words to her. But when I told her this, she replied that her past and her future were all one to her and so she could never return my feelings.	Eu queria te dizer que nesse verão eu passei a amar tanto a Kee Vos, que não consegui encontrar outras palavras para isso senão que: "é como se a Kee Vos fosse a pessoa mais próxima de mim e eu a pessoa mais próxima da Kee Vos". E eu disse essas palavras para ela. Mas quando eu disse isso, ela respondeu que seu passado e seu futuro eram uma coisa só e, portanto, nunca <u>poderia</u> corresponder aos meus sentimentos.	<i>Eu queria te dizer que nesse verão eu passei a amar tanto a Kee Vos que não consegui encontrar outras palavras para isso senão que "é como se a Kee Vos fosse a pessoa mais próxima de mim e eu a pessoa mais próxima da Kee Vos". e — eu disse essas palavras para ela. Mas quando eu disse isso ela respondeu que seu passado e seu futuro eram uma coisa só e portanto nunca <u>poderia</u> corresponder aos meus sentimentos.</i>
5	Toen was ik in een geduchten tweestrijd wat te doen, mij te resigneeren tot dat nooit neen nimmer of — nog niet de zaak voor beslist & geëindigd te houden en nog wat goeden moed te houden en 't nog niet op te geven.	Then I was in an awful dilemma about what to do, to resign myself to that no, nay, never, or — not yet to regard the matter as over and done with, and to take courage and not give up yet.	Então me vi num dilema terrível sobre o que fazer: resignar-me com aquele nem agora nem nunca ou ainda não dar o assunto por terminado e considerar a questão pronta e acabada, e tomar coragem e não desistir ainda.	<i>Então me vi num dilema terrível sobre o que fazer, resignar-me com aquele nem agora nem nunca ou — ainda não dar o assunto por terminado e considerar a questão pronta & acabada e tomar coragem e não desistir ainda.</i>

6	't Laatste koos ik.— En tot heden heb ik geen berouw van die opvatting hoewel ik nog altijd sta voor dat nooit neen nimmer.	I chose the latter. And until now I haven't regretted that decision, even though I'm still confronted with that no nay never.	Escolhi o último. E até agora não me arrependi dessa decisão, apesar de ainda me confrontar com aquele nem agora nem nunca.	<i>Escolhi o último.— E até agora não me arrependi dessa decisão apesar de ainda me confrontar com aquele nem agora nem nunca.</i>
7	Natuurlijk heb ik sedert heel wat " <i>petites misères de la vie humaine</i> " ondervonden, die, als ze in een boek geschreven waren, mogelijk zouden kunnen dienen om den een of ander te amuseeren doch als men ze zelf beleeft zeker geen aangename gewaarwordingen kunnen geacht worden te wezen. Evenwel tot op heden ben ik blij dat ik 't resignatie- of " <i>how not to do it</i> " systeem maar overliet voor wie er trek in hebben & mij aangaande nog wat moed vatte. Ge begrijpt dat 't in een geval als dit 't verbazend moeielijk is te weten wat men doen kan, doen mag & doen moet. Doch "al dwalende vinden we 't spoor"& niet al stilzittende.	Since then, of course, I've suffered a great many 'petty miseries of human life', which, if they were written down in a book, could perhaps serve to amuse some people, though they can hardly be considered pleasant if one experiences them oneself. Nonetheless, up to now I've been glad that I left the resignation or 'how-not-to-do-it' method to those who prefer it and, as for myself, plucked up a little courage. You understand that in cases like this it's surprisingly difficult to know what one can, may and must do. But 'wandering we find our way', and not by sitting still.	Naturalmente, desde então, sofri uma série de " <i>petites misères de la vie humaine</i> ", que, se fossem escritas em um livro, talvez servissem para entreter uns ou outros, ainda que elas possam ser bem desagradáveis quando vivenciadas. Contudo, até agora estou feliz por ter deixado a resignação ou o método " <i>how not to do it</i> " a quem lhe apetecer e, de minha parte, ter tomado um pouco de coragem. Entendes que em casos como este é surpreendentemente difícil saber o que é possível fazer, permitido fazer e o que deve ser feito. Mas "vagando encontramos o caminho" e não ficando sentados.	<i>Naturalmente desde então sofri uma série de "petites misères de la vie humaine", que, se fossem escritas em um livro, talvez servissem para entreter uns ou outros ainda que elas possam ser bem desagradáveis quando vivenciadas. Contudo até agora estou feliz por ter deixado a resignação ou o método "how not to do it" a quem lhe apetecer & de minha parte ter tomado um pouco de coragem. Entendes que em casos como este é surpreendentemente difícil saber o que é possível fazer, permitido fazer & o que deve ser feito. Mas "vagando encontramos o caminho" & não ficando sentados.</i>
8	Een der redenen waarom ik U tot heden er niet over schreef is dat de positie waarin ik mij bevond zoo vaag & ongedecideerd was dat ik die U niet kon uitleggen.	One of the reasons I haven't written to you about it before now is that the position in which I found myself was so vague and undecided that I couldn't explain it to you.	Uma das razões pelas quais não te escrevi a respeito até agora é que a situação em que me encontrava era tão vaga e indecisa que não conseguiria te explicar.	<i>Uma das razões pelas quais não te escrevi a respeito até agora é que a situação em que me encontrava era tão vaga & indecisa que não conseguiria te explicar.</i>
9	Nu evenwel zijn we zoo ver dat ik er over heb gesproken — behalve tot haar zelve — tot Pa en Moe, tot Oom & Tante Stricker & tot Oom & tante te Prinsenhage. De	Now, though, we've progressed to the point where I've spoken about it — in addition to her — to Pa and Ma, to Uncle and Aunt Stricker and to Uncle and Aunt at	Agora, contudo, progredimos a tal ponto que falei sobre isso, (além dela) com o Papai e a Mamãe, com o Tio e a Tia Stricker e com o Tio e a tia em Prinsenhage.	<i>Agora contudo progredimos a tal ponto que falei sobre isso — além dela— com o Papai e a Mamãe, com o Tio e a Tia Stricker & com o Tio & a tia em</i>

	<p>eenige die, doch dat zeer officieus en in 't apart, a mij gezegd heeft dat er werkelijk indien ik hard werkte & voorspoed had kans voor mij was, is iemand van wien ik 't volstrekt niet wachtte, Oom Cent. Deze had schik in de manier waarop ik 't nooit neen nimmer van Kee opvatte, namelijk het niet zwaar tillende maar dat ik er zoowat gekheid mee maakte, b.v.: geef toch geen koren op den molen van nooit neen nimmer die Kee Vos er op na houdt, ik wensch haar alles goeds toe behalve alleen dat ik hoop dat voornoemde korenmolen failliet zal gaan. Evenzoo trok ik 't mij niet erg aan toen Oom Stricker er van sprak dat er gevaar was ik "vriendschappelijke verhoudingen & oude banden zoude verbreken", ik zei daarop dat mijns inziens 't onderhavige geval wel verre van oude banden te verbreken de oude banden waar ze reparatie noodig hadden kon vernieuwen. Enfin en zoo hoop ik te blijven doen en zwaarmoedigheid & zwaartillendheid verre van mij te doen. Intusschen hard werkende en sedert ik haar ontmoet heb vlot mijn werk veel beter.</p>	<p>Princenhage. The only one who said to me, though very informally and in private, that I did indeed have a chance if I worked hard and prospered, is one from whom I didn't expect it at all, Uncle Cent. He was amused at the way I took Kee's no, nay, never, i.e. by making light of it and sort of joking about it, bring no grist to Kee Vos's mill of no, nay, never, for example, I wish her all good things, apart from hoping that the aforementioned flour-mill will go bankrupt. Likewise I didn't much mind when Uncle Stricker said there was a danger I 'would sever friendly relations and break old ties', to which I replied that in my opinion the case in question, far from breaking old ties, could renew the old ties where they were in need of repair. At any rate, I hope to go on like this and to keep well away from melancholy and pessimism. Meanwhile working hard, and since meeting her my work is going much better.</p>	<p>O único a me dizer, ainda que de um jeito muito informal e reservado, que, de fato, eu teria uma chance se trabalhasse duro e prosperasse, é alguém que eu nunca iria imaginar: o Tio Cent. Ele se divertiu com a forma como lidei com o nem agora nem nunca da Kee, ou seja, sem dar tanto peso, fazendo troça. Não vou levar milho nenhum para o moinho do nem agora nem nunca, da Kee Vos. P. ex. eu desejo a ela tudo de bom, exceto por esperar que o tal moinho de farinha vá à falência. Da mesma forma, não me importei muito quando o Tio Stricker falou sobre perigo de que eu "destruísse relações amigáveis e rompesse laços antigos" ao que respondi que, na minha opinião, o caso em questão, longe de romper laços antigos poderia renovar os laços antigos onde reparos fossem necessários. Enfim, espero continuar assim e me manter longe da melancolia e do pessimismo. Enquanto isso, trabalhando duro e, desde que a conheci, meu trabalho está indo muito melhor.</p>	<p><i>Prinsenhage. O único, a me dizer, ainda que de um jeito muito informal e reservado, que de fato eu teria uma chance se trabalhasse duro & prosperasse é alguém que eu nunca iria imaginar, o Tio Cent. Ele se divertiu com a forma como lidei com o nem agora nem nunca da Kee ou seja sem dar tanto peso fazendo troça, não vou levar milho nenhum para o moinho do nem agora nem nunca, da Kee Vos p ex eu desejo a ela tudo de bom, exceto por esperar que o tal moinho de farinha vá à falência. Da mesma forma não me importei muito quando o Tio Stricker falou sobre perigo de que eu "destruísse relações amigáveis & rompesse laços antigos" ao que respondi que na minha opinião o caso em questão longe de romper laços antigos poderia renovar os laços antigos onde reparos fossem necessários. Enfin espero continuar assim e me manter longe da melancolia & do pessimismo. Enquanto isso trabalhando duro e desde que a conheci meu trabalho está indo muito melhor.</i></p>
10	<p>Ik zeide dat nu de positie zich zoo wat decideerd.</p>	<p>I said that now the situation is becoming somewhat clearer.</p>	<p>Eu disse que agora a situação está se tornando um pouco mais decidida.</p>	<p><i>Eu disse que agora a situação está se tornando um pouco mais decidida.</i></p>

11	<p>1^o Kee zegt nooit neen nimmer en verder geloof ik dat ik enorm veel moeite zal hebben met de oudere personen die de zaak reeds nu voor beslist & geëindigd houden en mij zullen trachten te dwingen er van af te zien. Vooralsnog evenwel geloof ik zij zeer zacht te werk zullen gaan, mij aan 't lijntje houden en met een kluitje in 't riet sturen totdat het groote feest van Oom & Tante Stricker (in December) voorbij zal zijn. Want men wil opspraak vermijden. Daarna echter vrees ik er maatregelen genomen zullen worden om mij er uit te knikkeren.</p>	<p>First, Kee says no, nay, never, and furthermore I believe that I'll have tremendous difficulty with the elders who already regard the matter as over and done with and will try and force me to give up. For the time being, though, I believe they'll proceed with caution, keeping me dangling and fobbing me off until Uncle and Aunt Stricker's big celebration (in December) is over. Because they want to avoid scandal. After that, though, I fear that steps will be taken to get rid of me.</p>	<p>1^o Kee diz nem agora nem nunca e, além disso, creio eu que terei uma enorme dificuldade com as pessoas mais velhas que já consideram a questão pronta e acabada e vão tentar me forçar a desistir. Por enquanto, porém, acredito que eles vão proceder com bastante cuidado, levando-me em banho-maria até que a grande comemoração do Tio e da Tia Stricker (em dezembro) tenha terminado. Porque eles querem evitar escândalo. Depois disso, porém, receio que sejam tomadas medidas para se livrarem de mim.</p>	<p><i>1^o Kee diz nem agora nem nunca e além disso creio eu que terei uma enorme dificuldade com as pessoas mais velhas que já consideram a questão pronta & acabada e vão tentar me forçar a desistir. Por enquanto porém, acredito que eles vão proceder com bastante cuidado levando-me em banhomaria até que a grande comemoração do Tio e da Tia Stricker (em Dezembro) tenha terminado. Porque eles querem evitar escândalo. Depois disso porém receio que sejam tomadas medidas para se livrarem de mim.</i></p>
12	<p>Vergeef me deze wat harde termen die ik gebruik om U de positie duidelijk te maken; ik geef toe dat de kleuren wat hard zijn & de lijnen wat sterk getrokken maar 't zal U toch een duidelijker inzicht in de zaak geven dan wanneer ik er om heen praatte. Verdenk mij dus niet van gebrek aan achting jegens die Oudere personen.</p>	<p>Forgive the rather harsh terms I'm using to make my position clear to you. I admit that the colours are a little harsh and the lines drawn a bit too hard, but it will nevertheless give you a clearer picture of the situation than if I were to beat about the bush. So don't suspect me of lack of respect for those Elder persons.</p>	<p>Perdão pelos termos um tanto duros que estou usando para me posicionar contigo; admito que as cores estão um pouco duras e as linhas um pouco pesadas, mas com isso a imagem que terás da situação será mais clara do que se eu ficasse com rodeios. Por isso, não me tenhas como alguém que não respeita as pessoas mais velhas.</p>	<p><i>Perdão pelos termos um tanto duros que estou usando para me posicionar contigo; admito que as cores estão um pouco duras & as linhas um pouco pesadas mas com isso a imagem que terás da situação será mais clara do que se eu ficasse com rodeios. Por isso não me tenhas como alguém que não respeita as pessoas mais Velhas.</i></p>

<p>13 Alleen geloof ik dat zij er bepaald <u>tegen</u> zijn & wil U dit doen zien. Zij zullen trachten te zorgen dat Kee & ik elkaar noch zullen kunnen zien noch spreken noch schrijven, juist omdat zij zeer wel begrijpen dat indien we elkaar zagen, spraken of schreven er kans was op gedachten verandering van Kee. Kee zelf meent nooit van gedachten te veranderen & de oudere personen trachten mij te overtuigen zij niet veranderen kan doch hebben toch vrees voor die verandering.</p>	<p>Only I believe that they're decidedly <i>against</i> it, and I want to make you see this. They'll try and see to it that Kee and I can neither see nor speak nor write to one another, just because they understand very well that if we were to see, speak or write to one another there would be a chance of a change of heart in Kee. Kee herself thinks she'll never change her mind and, though the elder persons are trying to convince me that she can't change, they fear that change nonetheless.</p>	<p>Só que eu acredito que eles têm uma posição <u>contrária</u> e quero que enxergues isso. Eles vão tentar garantir que Kee e eu não possamos nos ver nem falar ou escrever um ao outro só porque eles compreendem perfeitamente que, se nós nos víssemos, falássemos ou escrevêssemos, haveria uma chance de mudança nos sentimentos da Kee. A própria Kee acha que nunca vai mudar de opinião e ainda que as pessoas mais velhas tentem me convencer que ela não pode mudar, eles todavia temem tal mudança.</p>	<p><i>Só que eu acredito que eles têm uma posição <u>contrária</u> e quero que enxergues isso. Eles vão tentar garantir que Kee & eu não possamos nos ver nem falar ou escrever um ao outro só porque eles compreendem perfeitamente que, se nós nos víssemos falássemos ou escrevêssemos haveria uma chance de mudança nos sentimentos da Kee. A própria Kee acha que nunca vai mudar de opinião & ainda que as pessoas mais velhas tentem me convencer que ela não pode mudar eles todavia temem tal mudança.</i></p>
<p>14 De oudere personen toch zullen omtrent deze zaak van gedachten veranderen niet dan wanneer Kee van gezindheid veranderd doch dan wanneer ik iemand zal geworden zijn die op zijn minst f 1000 per jaar verdient.— Nog eens, vergeef de harde contours waarmee ik de dingen afteeken. Indien ik weinig sympathie vinde bij de ouderen zoo geloof ik dat sommige jongeren zich mijne houding zullen kunnen begrijpen. Misschien gij Theo — Gij zult misschien wel van mij hooren zeggen dat ik forceeren wil & dergelijke uitdrukkingen. Doch wie begrijpt niet hoe onzinnig forceeren is bij liefde! Neen dat is verre verre van mij. Doch 't is geen onbillijk of onredelijk verlangen dat ik wensch dat Kee</p>	<p>The elder persons will change their minds about this matter not when Kee changes her mind but when I become someone who earns at least 1,000 guilders a year. Again, forgive the hard contours with which I outline things. While I find little sympathy from the elders, I think that some of the younger ones will be able to understand my attitude. Perhaps you, Theo. Perhaps you've heard it said of me that I want to force the issue and suchlike expressions. But who doesn't understand how senseless it is to try and force love! No, that's far, far from my thoughts. But it's not unfair or unreasonable to wish that Kee and I, instead of not being allowed to see one another, will see, speak and write to one another so that, getting to know each</p>	<p>As pessoas mais velhas mudarão de ideia sobre o caso, não quando a Kee mudar de ideia, mas, sim, quando eu me tornar uma pessoa que ganhe pelo menos f 1000 ao ano. Mais uma vez, perdoe-me pelos contornos duros que estou dando às coisas. Ao mesmo tempo em que os mais velhos não têm muita compaixão por mim, acredito que alguns dos mais jovens serão capazes de entender minha atitude Talvez, Theo,— talvez, já tenhas ouvido que eu quero forçar a situação e expressões semelhantes. Mas quem é que não entende como é absurdo forçar o amor! Não isso está longe, longe de mim. Mas não é injusto nem irracional desejar que a Kee e eu em vez de sermos proibidos de nos ver possamos nos</p>	<p><i>As pessoas mais velhas mudarão de ideia sobre o caso não quando a Kee mudar de ideia Mas sim quando eu me tornar uma pessoa que ganhe pelo menos f 1000 ao ano.— Mais uma vez, perdoe-me pelos contornos duros que estou dando às coisas. Ao mesmo tempo em que os mais velhos não têm muita compaixão por mim acredito que alguns dos mais jovens serão capazes de entender minha atitude Talvez Theo — talvez já tenhas ouvido que eu quero forçar a situação & expressões semelhantes. Mas quem é que não entende como é absurdo forçar o amor! Não isso está longe longe de mim. Mas não é injusto nem irracional desejar que a Kee & eu em vez de sermos proibidos de nos ver possamos nos</i></p>

	& ik inplaats van geen omgang met elkaar te mogen hebben, elkaar zullen zien, spreken of schrijven om, elkaar beter leerende kennen, <i>zelf</i> beter te kunnen inzien of wij voor elkaar geschikt zijn al dan niet. Een jaar van omgang met elkaar zou heilzaam wezen voor haar & voor mij doch de ouderen zijn werkelijk verstokt op dat punt. Ware ik rijk zij zouden heel anders spreken.	other better, we'll be able to see for ourselves whether or not we're suited to each other. A year of contact with one another would be beneficial for her and for me, yet the elders won't budge on this point. If I were rich they'd talk altogether differently.	ver, falar e escrever um ao outro, de forma que, ao nos conhecermos melhor, sejamos capazes de perceber por nós mesmos se fomos ou não feitos um para o outro. Um ano de contato um com o outro seria benéfico para ela e para mim, no entanto os mais velhos estão inflexíveis neste ponto. Se eu fosse rico, todos eles fariam diferente.	<i>ver, falar e escrever um ao outro, de forma que, ao nos conhecermos melhor, sejamos capazes de perceber por nós mesmos se fomos ou não feitos um para o outro. Um ano de contato um com o outro seria benéfico para ela & para mim no entanto os mais velhos estão inflexíveis neste ponto. Se eu fosse rico todos eles fariam diferente</i>
15	Doch nu begrijpt ge wel dat ik niets hoop ongedaan te laten wat mij nader moge brengen tot haar en 't is mijn voornemen	Yet by now you understand that I mean to leave no stone unturned in my endeavours to bring me closer to her, and I declare that	Mas agora entendes que espero fazer todo o possível para me aproximar dela e declaro que:	<i>Mas agora entendes que espero fazer todo o possível para me aproximar dela e declaro que</i>
16	Zoo lang zal ik haar beminnen	I shall love her so long	Eu a amarei por tanto tempo	<i>Eu a amarei por tanto tempo</i>
17	Tot ze in 't eind mij ook bemint.	That in the end she'll love me too.	Que, ao fim, serei amado também.	<i>Que ao fim serei amado também.</i>
18	Plus elle disparaît plus elle apparaît.—	The more she disappears, the more she appears.	<i>Plus elle disparaît plus elle apparaît.</i>	Plus elle disparaît plus elle apparaît.—
19	Theo, zijt gij soms ook verliefd, ik wenschte wel dat gij het waart want geloof me dat ook de "petites misères" er van hun waarde hebben. Men is soms in desolatie, er zijn momenten waarin men als 't ware in de hel is, doch — er is ook iets anders & beters aan verbonden. Er zijn 3 trappen, 1 ^o niet beminnen & niet bemind worden, 2 ^o beminnen & niet bemind worden ('t onderhavige geval), 3 ^o beminnen & bemind worden.—	Theo, aren't you in love too, at times? I wish you were, for believe me, the 'petty miseries' of it are also of some value. Sometimes one is desolate, there are moments when one is in hell, as it were, but — it also brings with it other and better things. There are three stages, first not loving and not being loved, second loving and not being loved (the case in question), third loving and being loved.	Theo, tu não te apaixonas também às vezes? Eu gostaria que sim, pois creia-me, essas "petites misères" têm algum valor. Às vezes sentimo-nos desolados, há momentos em que estamos no inferno, por assim dizer, mas também há outras e melhores coisas ligadas a isso. Existem três etapas: 1 ^a) não amar e não ser amado; 2 ^a) amar e não ser amado (o caso em questão); 3 ^a) amar e ser amado.	<i>Theo, tu não te apaixonas também às vezes, eu gostaria que sim pois creia-me essas "petites misères" têm algum valor. Às vezes sentimo-nos desolados, há momentos em que estamos no inferno, por assim dizer, mas — também há outras & melhores coisas ligadas a isso. Existem 3 etapas, 1^a não amar & não ser amado, 2^a amar & não ser amado (o caso em questão), 3^a amar & ser amado.—</i>

20	Nu zeg ik dat de tweede trap beter is dan de eerste, maar de derde! dat is <u>datte</u>	I'd say that the second stage is better than the first, but the third! <i>That's it.</i>	Eu digo que a segunda etapa é melhor que a primeira, mas a terceira! É <u>o</u> <u>que há.</u>	<i>Eu digo que a segunda etapa é melhor que a primeira, mas a terceira! É o que há.</i>
21	Nu, old boy, word nu ook maar verliefd, en vertel me dat dan ook eens. Houd U leukd in 't onderhavige geval en heb wat sympathie voor me. Ik had natuurlijk veel liever een ja en amen doch ik ben toch vast al blij met mijn "nooit neen nimmer". Ik houd dat voor iets doch oudere & wijzere mensen zeggen het is niets. Rappard is hier geweest, bragt aquarellen mee die goed worden. Mauve komt hoop ik spoedig, anders ga ik naar hem. Ik teken veel en geloof 't beter wordt, ik werk veel meer met 't penseel dan vroeger. Nu is 't zoo koud dat ik haast uitsluitend figuur teken binnenshuis, naaister, mandemaker &c.	Now, old boy, go and fall in love and tell me about it sometime. Keep quiet about the case in question and sympathize with me. I'd much rather have a yea and amen, of course, but meanwhile I'm really rather happy with my 'no, nay, never'. I consider that something, but older and wiser people say it's nothing. Rappard was here, brought along watercolours that are becoming good. Mauve is coming soon, I hope, otherwise I'll go to him. I'm drawing a great deal and think it's getting better, I'm working much more with the brush than I used to. Now it's so cold that practically all I do is draw figures inside, seamstress, basket-maker &c.	Agora, <i>old boy</i> , apaixonar-te agora e conta-me. Fique tranquilo sobre o caso em questão e tenha alguma compaixão por mim. Naturalmente, eu preferiria um sim e um amém, mas, enquanto isso eu estou bem feliz com meu "nem agora nem nunca" Para mim, isso significa algo, mas pessoas mais velhas e mais sábias dizem que não é nada. Rappard esteve aqui trazendo aquarelas que estão ficando muito boas. Mauve chega em breve, espero, caso contrário vou ter com ele. Estou desenhando muito e creio que está ficando melhor, estou trabalhando muito mais com o pincel do que costumava. Agora está tão frio que praticamente tudo o que faço é desenhar figuras interiores, costureira, cestaria etc.	<i>Agora, old boy, apaixonar-te agora e conta-me. Fique tranquilo sobre o caso em questão e tenha alguma compaixão por mim. Naturalmente, eu preferiria um sim e um amém, mas enquanto isso eu estou bem feliz com meu "nem agora nem nunca" Para mim, isso significa algo, mas pessoas mais velhas & mais sábias dizem que não é nada. Rappard esteve aqui, trazendo aquarelas que estão ficando muito boas. Mauve chega em breve, espero, caso contrário vou ter com ele. Estou desenhando muito e creio que está ficando melhor, estou trabalhando muito mais com o pincel do que costumava. Agora está tão frio que praticamente tudo o que faço é desenhar figuras interiores, costureira cestaria &c.</i>
22	Een handdruk in gedachten & schrijf spoedig & geloof me	A handshake in thought, and write soon, and believe me	Um aperto de mão em pensamento, e escreva logo, e creia-me	<i>Um aperto de mão em pensamento & escreva logo & creia-me</i>
23	t à t	Ever yours,	t a t	<i>t a t</i>
24	Vincent	Vincent	Vincent	<i>Vincent</i>
25	Men heeft mij willen laten beloven dat ik volstrekt niet meer over deze zaak zal spreken of schrijven doch ik heb dit niet willen beloven, geen mensch ter wereld kan mijns inziens	They wanted me to promise not to say or write anything more on this subject, but I wouldn't promise that; no one in the world, in my opinion, can reasonably demand such a thing of me (or	Eles queriam que eu promettesse não dizer ou escrever mais nada sobre este assunto, mas não pude prometer, ninguém no mundo, na minha opinião, pode, em sã consciência, exigir tal	<i>Eles queriam que eu promettesse não dizer ou escrever mais nada sobre este assunto mas não pude prometer, ninguém no mundo na minha opinião pode em sã consciência exigir tal</i>

	billijkerwijs zooiets van mij (of wie dan ook in t'zelfde geval) vergen. Alleen heb ik aan Oom Cent de verzekering gegeven dat ik voorloopig wel wilde staken aan Oom Stricker te schrijven tot onvoorziene omstandigheden 't noodig maken mogten. Een leeuwrik kan in de lente 't zingen niet laten.	of anyone else in the same situation). I've only given assurances to Uncle Cent that I would stop writing to Uncle Stricker for the time being, until unforeseen circumstances should make it necessary. A lark can't help singing in the spring.	coisa de mim (ou de qualquer outro na mesma situação). Eu só garanti ao tio Cent que deixaria de escrever para o tio Stricker por enquanto, até que circunstâncias imprevistas trouxessem essa necessidade. Uma cotovia não para de cantar na primavera.	<i>coisa de mim (ou de qualquer outro na mesma situação). Eu só garanti ao Tio Cent que deixaria de escrever para o tio Stricker por enquanto até que circunstâncias imprevistas trouxessem essa necessidade. Uma cotovia não para de cantar na primavera.</i>
26	Als gij ooit verliefd wordt en een nooit neen nimmer mogt krijgen, resigneer U vooral niet! doch gij zijt zoo'n gelukkind dat iets dergelijks U wel niet overkomen zal, hoop ik.	If you should ever fall in love and receive a no, nay, never, by no means resign yourself to it! But you're such a lucky dog that something like this will probably never happen to you, I hope.	Se em algum momento te apaixonares e receberes um nem agora nem nunca, não te contentes com isso! Mas és tão felizardo que algo desse tipo provavelmente nunca te acontecerá, eu espero.	<i>Se em algum momento te apaixonares e receberes um nem agora nem nunca não te contentes com isso! mas és tão felizardo que algo desse tipo provavelmente nunca te acontecerá, eu espero.</i>

Neste capítulo, apresentei a tradução, inicialmente na íntegra, com a numeração dos parágrafos. Em seguida, comentei a respeito de cada um dos parágrafos, bem como das escolhas tradutórias e, em alguns casos, dos processos para chegar a elas. Nesse sentido, expus, de forma mais detalhada, a tradução do verbo amar, bem como os efeitos da pontuação ou de sua falta. Para melhor visualização de todo o processo, finalizei o capítulo com uma tabela em que constam a transcrição do manuscrito, a tradução para o inglês e as traduções para o português – uma com a pontuação convencional e outra com a pontuação que proponho.

A seguir, concluo a dissertação com alguns apontamentos.

5 CONCLUSÃO

São Paulo, inverno 2020.

Caro leitor,

Desde há muito, algo não me sai do coração, e o que você lê agora conclui minha tentativa de trabalhar academicamente o assunto. Como expus na introdução, o grande motor para escolher este tema e a ele me dedicar com tanto sentimento, tanta paixão (e, em se tratando de Van Gogh, menos que isso seria desperdício), foi a vontade de contribuir para que, de alguma forma, mais pessoas pudessem ler o artista.

O desenvolvimento da pesquisa me trouxe descobertas maravilhosas, por exemplo, a que usei como epígrafe, o fato de Van Gogh amar as palavras e entender que também é possível pintar com elas. Porém, ao mesmo tempo, descobrir o peso que ele dava às palavras foi pra mim motivo de muita responsabilidade. Lidei durante dois anos com a escrita de um homem que queria ser lembrado como alguém que sente muito e que, ao mesmo tempo, vê nas palavras um desafio. Assim, como não pensar cada palavra, considerar cada escolha com o cuidado que a arte requer?

Além disso, lidei com um autor que, curiosamente não é visto como tal, mas sim como um pintor que escreveu. E, não suficiente, escreveu cartas, o que, de certa forma, dilui ainda mais a imagem de Van Gogh como um escritor, já que as cartas continuam sendo entendidas primordialmente como auxiliares na compreensão das biografias ou momentos históricos. Carecem de tomar posse também do lugar de objeto de estudo e não apenas de ferramentas para estudos.

A tradução envolve, como diz Meschonnic, muitos “obstáculos para pensar o contínuo histórico entre linguagem e sujeito, linguagem e cultura, literatura, sociedade, história” (2006, p. 11). O trabalho com a epistolografia me permitiu enxergar essa afirmação com uma enorme clareza. Inclusive porque as cartas também estão nesse contínuo. Nas palavras de Harouche-Bouzinac, numa carta “se desenha o conjunto de práticas em uso, de automatismos e códigos que depende estreitamente de fatores socioculturais e de normas enraizadas na história” (2016, p. 25). À união de ambas, em se tratando de cartas íntimas, eu adicionaria ainda um aspecto: o afeto, afinal,

como escreve Justo LÍpsio, ainda na Antiguidade, “o hábito de escrever cartas existe para unir em afeição enquanto estamos separados pela distância” (TIN, 2005, p 132). A sobreposição espiral entre a escrita de cartas e a tradução também me estimulou a pensar um pouco mais a respeito da maneira como as reflexões sobre as duas práticas são também milenares e indissociáveis, mesmo que raramente vistas dessa forma.

Ainda falando em aproximar os distantes, claro, pensei em você nesse tempo todo e, retomando a encruzilhada que Schleiermacher nos apresenta, eu quis levar você ao autor. Isso me foi possível porque o MVG se propôs a levar o autor aos leitores, oferecendo *on-line* não apenas a tradução ao inglês, mas também a transcrição, o fac-símile dos manuscritos e tantas outras informações que dividi com você.

Para o leitor de carta, “cada palavra, cada detalhe, cada alusão conta, pois são ricos de aproximações, de sugestões, de pesquisas, de abordagens” (BECKER, 2013, p. 148). E como, em uma tradução, abordar essas peculiaridades sem cair, desavisadamente, por exemplo, na tradução explicativa ou etnocêntrica (BERMAN, 2013)? Como, mesmo sem condições de tomar a transcrição do holandês como texto fonte, procurar restabelecer um ritmo em alguma medida ofuscado (dado o propósito da tradução do MVG), mas pulsante no manuscrito original?

Utilizei-me de vários recursos e procedimentos para dar conta dessas questões, e fiz um relato detalhado para que você pudesse acompanhar meu percurso. Quanto mais avancei, mais percebi que o fazer tradutório se aperfeiçoa pela prática, pela persistência, pelo debruçar-se sobre o texto, pelo ouvir a língua. “Assim é a tradução: experiência”, diz Berman (2013, p. 23).

Considerando-se desde a elaboração do projeto, há quase três anos, o trabalho com o idioma holandês foi se fazendo necessário ao longo do processo. Meus conhecimentos desse idioma continuam mínimos, à exceção do fato de que hoje é uma língua que já me soa familiar. E o que seria uma tradução indireta inicialmente, acabou por tornar-se uma tradução híbrida. E não poderia ter sido diferente em se tratando de cartas.

Enfim, todos esses exercícios e reflexões fizeram parte do meu percurso, que agora concludo. Espero escrever mais em breve.

Um forte abraço (em pensamento),

Naia

REFERÊNCIAS

ACCÁCIO, Manuela Acássia. Tradução indireta: uma prática de divulgação e enriquecimento cultural. *Tradterm*, São Paulo, v. 16, p. 97-117, jun. 2010.

ADORNO, Theodor W. Sinais de pontuação. In: ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura I*. Tradução de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

AQUINO, Felipe. *A Septuaginta ou Versão dos Setenta (LXX)*. Lorena: Editora Cléofas, 2011. Disponível em: <https://cleofas.com.br/a-septuaginta-ou-versao-dos-setenta-lxx/>. Acesso em: 28 jan. 2020.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Correspondência de Machado de Assis: 1870-1889*. Coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009. v. 92. t. II (Coleção Afrânio Peixoto).

AUBERT, Francis Henrik. Modalidades de tradução: teoria e resultados. *TradTerm*, v. 5, n. 1, p. 99-128/129, 18 jun. 1998. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.1998.49775>.

AULETE Digital. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/index.php>. Acesso em: 4 abr 2020

BARBOSA, Osmar. *Grande dicionário de sinônimo e antônimos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. Códigos, regras e ornamentos nos secretários, manuais e métodos de escrever cartas: a tradição luso-brasileira. *Veredas 15*, Santiago de Compostela, Associação Internacional de Lusitanistas, 2011, p. 79-106. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/34625>. Acesso em: 25 fev. 2020.

BECKER, Colette. O discurso de escolta: as notas e seus problemas (o exemplo da correspondência de Zola). Tradução de Ligia Fonseca Ferreira. *Revista Patrimônio e Memória*. São Paulo, Unesp, v. 9, n.1, jan.-jun. 2013.

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin*. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Florianópolis: EDUSC, 2002.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. Revisão de Luana Ferreira de Freitas, Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Orlando Luiz de Araújo. 2. ed. Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BÍBLIA, A. *O Evangelho de Lucas*. In: BÍBLIA. Tradução João Ferreira de Almeida, revista e corrigida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica Do Brasil, 1964.

CADERNOS de Tradução. Entrevista com João Azenha Jr. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 3, p. 437-446, jan. 1998. ISSN 2175-7968. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5397/4940>. Acesso em: 19 jul. 2020.

CAVALHEIRO, Valéria Mourales. *As diferentes regras de uso das formas tu e você e suas influências na compreensão de narrativas literárias*: PB e PE. 2016. Tese (Doutoramento em Ciências da Linguagem) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 3º Ciclo em Linguística, Porto, 2016.

CRICELLI, Francesca Nuti Pontes. *Diálogos em tradução*: cartas a Bruna de Giuseppe Ungaretti. 2019. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. DOI:10.11606/T.8.2019.tde-18112019-180403. Acesso em: 19 jul. 2020.

DAHLET, Véronique. *As (man)obras da pontuação*: usos e significações. [S. l: s. n.], 2006.

DIAZ, Brigitte. *Gênero epistolar ou o pensamento nômade*: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX. Tradução de Brigitte Hervot e Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem theory. *Poetics today*, 1979, vol. 1, p. 1-2.

FELL, Derek. *As mulheres de Van Gogh*: seus amores e sua loucura. Tradução de Padua Danesi. Campinas: Versus Editora, 2007.

FOUCAULT, Michel. Stultifera navis. In: FOUCAULT, Michel. *A história da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978. cap. 1.

FREITAS, Gustavo Araújo de. *Sobre o estilo de Demétrio*. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) — Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

FREITAS, Júlio César de. *Como escrever cartas*. 5. Ed. São Paulo: Rede Latina Editora, 1957.

FURLAN, Mauri. Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente – I. Os Romanos. *Cadernos de Tradução*, UFSC, 2. 11-28. 10.5007/5881. 2001.

FURLAN, Mauri. Brevíssima história da tradução no Ocidente – II A Idade Média. *Cadernos de Tradução*, UFSC, 2. 9-28. 10.5007/6195. 2003.

FURLAN, Mauri. Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente – III. Final da Idade Média e Renascimento. *Cadernos de Tradução*, UFSC, v. 1, n. 13, 2004.

FURLAN, Mauri. Da Teoria elocutiva da tradução renascentista. *Tradução em Revista*, PUCRio, TradRev.15901, 2009.

FURLAN, Mauri; LUTHER, Martin. Sendbrief vom Dolmetschen — Carta aberta sobre a tradução. *Clássicos da Teoria da Tradução*. Antologia bilingue. v. 4 — Renascimento, p. 94-116, 2006.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In*: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GODOY, Luciana Bertini. Uma carta: um espaço entre dois. *Ide*, São Paulo, v. 33, n. 50, p. 36-53, jul. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062010000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 set. 2017.

GODOY, Luciana Bertini. *Espiraís da criação: autoimagem do artista moderno na correspondência de Van Gogh*. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

GOGH, Vincent van. *Cartas a Theo: biografia de Vincent van Gogh por sua cunhada Jo van Gogh-Bonger/Vincent van Gogh*. Tradução de Pierre Ruprecht e William Lagos; organização, edição e glossário de Ivan Pinheiro Machado. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2015.

GRANT, Patrick. *The Letters of Vincent van Gogh: a critical study*. Edmonton: AU Press — Athabasca University, 2014. *E-book*.

HAROUCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Tradução de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

HAZIOT, David. *Van Gogh*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2010.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. 1ª reimpressão com alterações.

KRUCK, James. *The modalities of roman translation: source-representative, allusive, and independent*. 2014. — University of Western Ontario. Electronic Thesis and Dissertation Repository. Paper 2167. 2014.

LEJEUNE, Philippe. NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org. e trad.). *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. 2. ed. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014. (Coleção Humanitas).

MACHADO, Ivan Pinheiro. Tudo o que você precisa saber sobre Van Gogh. *In*: GOGH, Vincent van. *Cartas a Theo: biografia de Vincent van Gogh por sua cunhada Jo van Gogh-Bonger/Vincent van Gogh*. Tradução de Pierre Ruprecht e William Lagos; organização, edição e glossário de Ivan Pinheiro Machado. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2015a. p. 7-9.

MACHADO, Ivan Pinheiro. Uma nova edição ampliada e anotada. In: GOGH, Vincent van. *Cartas a Theo*: biografia de Vincent van Gogh por sua cunhada Jo van Gogh-Bonger/Vincent van Gogh. Tradução de Pierre Ruprecht e William Lagos; organização, edição e glossário de Ivan Pinheiro Machado. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2015b. p. 13-14.

MACHADO, Ivan Pinheiro. Van Gogh e seu tempo. In: GOGH, Vincent van. *Cartas a Theo*: biografia de Vincent van Gogh por sua cunhada Jo van Gogh-Bonger/Vincent van Gogh. Tradução de Pierre Ruprecht e William Lagos; organização, edição e glossário de Ivan Pinheiro Machado. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2015c. p. 593-607.

MALHERBE, Abraham J. *Ancient epistolary theorists*. Atlanta: The Society of Biblical Literature, Scholars Press, 1988.

MARTINS, Maria Silvia C. *Tecendo diálogos*: Hang Kang, Van Gogh e Henri Meschonnic (no prelo).

MESCHONNIC, Henri. *Linguagem*: ritmo e vida. Extratos traduzidos por Cristiano Florentino, com revisão de Sônia Queiroz. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG: 2006.

MESCHONNIC, Henri. Traduzir: escrever ou desescrever. Tradução de Claudia Borges de Faveri e Marie-Hélène Catherine Torres. *Scientia Translationis*, Florianópolis, PGET/NUPLITT, n. 7, 2010.

MESCHONNIC, Henri. *Ethics and Politics of Translating*. Tradução e edição de Pier-Pascale Boulanger. Benjamins Translation Library, 2011.

MESCHONNIC, Henri. Traduzir no século XXI. Tradução de Daiane Neumann e Marie-Hélène Ginette P. Paret Passos. *Cad. Trad.*, Florianópolis, v. 38, n. 3, p. 563-575, set-dez, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2018v38n3p563>. Acesso em: 27 maio 2020.

MUNDAY, Jeremy. *The routledge companion to Translation Studies*. revised edition. Oxon: Routledge, 285 p. Meta: *Journal des traducteurs*. 57. 838. 2009. 10.7202/1017094ar.

NAIFEH, Steven; SMITH, Gregory White. *Van Gogh: a vida*. Tradução de Denise Bottmann. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PAGÈS, Alain. A materialidade epistolar. O que nos dizem os manuscritos autógrafos. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 67, p. 106-123, ago. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i67p106-123>. Acesso em: 1 jul. 2020.

PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Tradução de Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PETRUCCI, Armando. *Escribir cartas, una historia milenaria*. Tradução de María Julia De Ruschi. 1. ed. Buenos Aires: Ampersand, 2018.

PONDIAN, Juliana Di Fiori. *Gramática da poesia escrita: figuras retóricas*. 2016. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.8.2016.tde-25082016-145446. Acesso em: 2020 jul. 2019.

SANTANA-DEZMANN, Vanete. As belles infidèles e os românticos alemães. *Belas Infiéis*, v. 5, n. 3, p. 89-105, 2016.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. Tradução de Margarete von Muhlen Poll. In: HEIDERMAN, Werner (org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis: UFSC – Núcleo de tradução, 2001.

STEIL, Juliana. Entre minúcias poéticas: a tradução da pontuação em Milton, de William Blake. *Scientia Traductionis*, Florianópolis, n. 11, p. 388-397, jul. 2012. ISSN 1980-4237. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2012n11p388>. Acesso em: 22 dez. 2018.

TIN, Emerson (org.). *A arte de escrever cartas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

TOVAR, Joaquín Rubio. Algunas características de las traducciones medievales. *Revista de Literatura Medieval*, Madrid, IX, p. 197-243, 1997.

VAN GOGH Museum. About this edition. In: VAN GOGH Museum. *Vincent van Gogh, the letters*. Amsterdam: Van Gogh Museum, 2009a. Disponível em: http://vangoghletters.org/vg/about_1.html. Acesso em: 19 jul. 2020.

VAN GOGH Museum. The Letters. In: VAN GOGH Museum. *Vincent van Gogh, the letters*. Amsterdam: Van Gogh Museum, 2009b. Disponível em: <http://vangoghletters.org/vg/letters.html>. Acesso em: 19 jul. 2020.

VAN GOGH Museum. Van Gogh as a letter-writer: a new edition. In: VAN GOGH Museum. *Vincent van Gogh, the letters*. Amsterdam: Van Gogh Museum, 2009c. Disponível em: http://vangoghletters.org/vg/letter_writer_1.html. Acesso em: 19 jul. 2020.

VAN GOGH Museum. Van Gogh as a letter-writer: language and spelling. In: VAN GOGH Museum. *Vincent van Gogh, the letters*. Amsterdam: Van Gogh Museum, 2009d. Disponível em: http://vangoghletters.org/vg/letter_writer_3.html. Acesso em: 19 jul. 2020.

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla M. C.; JANCZUR, Christine. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. *Aletria. Revista de Estudos de Literatura*, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 331-352, dez. 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/8755>. Acesso em: 19 set. 2017.

ANEXO - Fac-símile

Ellen 3/9 1881 153

Waarde Thee,

Er ligt me iets op 't hart dat ik te vertellen wil. Misschien
weet ge er reeds iets van. Ik vertel ik te geen nieuws.
Ik wilde te zeggen dat ik dezen zomer groote hooft
houden van Kae Vos ~~dat het~~ dat ik te geen andere
woorden voor kon vinden dan, 'tis niet of Kae Vos myn
naaste is en ik de naaste van Kae Vos. en - Die woorden
heb ik tot haar gezegd. Doch toen ik haar ditgeide
antwoordde zy my dat haar verleden en haar toekomst
voor haar een bleven en zy dus nooit myne gevoelens
kon beantwoorden.

Teen was ik in een geslachtten tweestryd wat te doen.
my te resigneeren tot dat nooit neen nimmer
of. nog niet de zaak voor beslist & geëindigd te
houden en nog wat goeden moed te houden en
te nog niet op te geven.

Te laatste koos ik. - En tot heden heb ik
geen berouwen van die opvatting. Leewel ik nog
altijd sta voor dat nooit neen nimmer.
Natuurlyk heb ik sedert heel wat „petites misères“
de la vie humaine onderworpen ~~niet te~~ die,
als ze in een boek geschreven waren, mogelyk zouden
kunnen dienen om den een of anderen te amuseren
doch als men ze zelf beleefte zeker geen aangename
gewaarwordingen kunnen geacht worden te wezen.
Evenwel tot op heden ben ik bly dat ik te resignatie of
„how not to do it“ systeem maar overleef voor wie er
frek in hebben. & my aangende nog wat moed volle.
Ze begrypt dat te in een geval als dit te verhezend
moeielijk te weten wat men doen kan doen
may te doen moet. Doch te al dwalende vinden
wat spoor te niet al stilzittende.

Een der redenen ^{waaraan ik te lot leden en met over}
 schreef is dat ^{de positie waarin ik my bevind} ~~het~~ zoo vaag & ongedeeft was
 dat ik die te niet kon uitleggen.
 Nu evenwel zijn we zoover dat ik er over heb
 gesproken behalve tot haar zelve tot Pienaar tot
 Com & Tante Strucken & tot Com & Tante te Pienzenhage.
 De eenige die doch dat zeer in officieus en in open
~~voort~~ ^{voort} my gezegd heeft dat er werkelijk indien
 ik hard werkte & ~~te~~ ^{te} voorop had kans voor my
 was is iemand van wien ik 't volstrekt niet wachte.
 Oom Cant. Daga had schik in de manier waarop
 ik 't noot neen nummer van kee opvolgt namelijk
 het niet zwaar tellende maar dat ik en zoowel
 gekheid mee maakte. D.v. gaf ~~ik~~ ^{ik} geen koren
 op den molen van noot neen nummer die kee
 voer op na houdt, ik wensch haar alles goeds
 toe behalve ^{veel} dat ik hoop dat voornemende
 koren molen faalt zoal gaan. Even zoo te
 frok ik 't my niet erg aan toen Com Strucken en
 van sprak dat erg waar was ik, "vriendschappelijke
 verhoudingen & oude banden zoude verbreken"
 ik zie daarop dat myns inzins 't onderharige
 geval wel verre van oude banden te verbreken
 de oude banden waar ze reparatie noodig hadden
^{kon} vernieuwen. Enfin en zoo hoop ik te
 bly van doen en zwaar moedigheid & zwaar tellende
 verre van my te doen. Intusschen hard werkende
 en sedert ik haar ontmoet heb alot myn werk veel beter.
 Ik zeide dat nu de positie zich zoo wat deedeerd.
 Ik geloof ^{ik} dat ik enorm veel moeite zal hebben
 met de oudere personen die de zaak reeds nu
 voor beslist & geeneidigd houden en my zullen
 trachten te dwingen ~~met~~ en van af te zien.
 Soortals nog evenwel geloof ik zy zeer zacht te werk

zullen gaan my aan te lynch. Londen en met
 een kluisje in 't reet sturen tot dat het gemaal
 eerst van Cam & Taule Struiken (in December) voorbij
 zal zijn. Staat men wil opdraai vermyden.
 Daarna echter vrees ik en maatregelen genomen
 zullen worden om my er uit te knikken
 vergeef me deze wat harde termen die ik gebruik
 om u de positie duidelijk te maken; ik gaf toe
 dat de kleuren wat hard zijn & de lynen wat sterk
 getrokken maar 't zal u toch een beeld geven van de
 zaak geven dan wanneer ik er om heen praatte.
 Verdenk my dus niet van gebruik aan achtung jegens
 die oudere personen.
 Alleen geloof ik dat ~~het~~ zij er bepaald hegen zijn &
 wel te dit doen zien. Zij zullen trachten te zorgen
 dat Koe & ik elkaar noch zullen kunnen zien noch
 spreken noch schrijven juist omdat zij zeer wel
 begrypen dat indien we ~~elk~~ elkaar zagen of spraken
 of schreven er kans was op gedachten verandering van
 Koe. Koe zelf meent nooit van gedachten
 te veranderen & de oudere personen hochten my te
 overtuigen dat zij niet veranderen. Kan doch hebben toch
 vrees voor die verandering.
 De oudere personen zullen ontrent deze zaak
 van gedachten veranderen met dan wanneer Koe
 van gezondheid veranderd doch dan wanneer
 ik iemand zal geworden zijn die op zijn minst
 1000 per jaar verdient. - Nog eens, vergaf
 de harde contouren waarmee ik de dingen afteeken.
 Indien ik weinig sympathie vinde bij de anderen.
 Zoo geloof ik dat sommige jongeren zich myne
 houding zullen kunnen begrypen. Mer/cheen gy
 Theo - Gy zult mer/cheen wel van my
 hooren zeggen dat ik forceeren wil & dergelyke
 uitdrukkingen. Doch wie begrypt niet hoe onzinnig
 forceeren is by liefde! Men dat is verre verre van my.